BERNARDO GUIMARÃES

HISTORIA E TRADIÇÕES

DA

PROVINCIA DE MINAS-GERAES

A CABEÇA DO TIRA-DENTES
A FILHA DO FAZENDEIRO
JUPYRA

RIO DE JANEIRO
H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR
71 E 73, RUA DO OUVIDOR, 71 E 73
1901

HISTORIA E TRADIÇÕES

DA

PROVINCIA DE MINAS-GERAES

OBRAS QUE SE ACHÃO Á VENDA NA MESMA CASA

Bernardo Guimarães

O Garimpeiro, romance. 1 v. in-8 br. 2$000, enc..... 3$000
O Ermitão do Muquem, ou historia da fundação da romaria do Muquem, na provincia de Goyaz; romance de costumes nacionaes. 1 v. enc.................... 3$000
Lendas e Romances : Uma Historia de Quilombólas, a Garganta do Inferno, a Dansa dos Ossos. 1 v. br .2$000, enc................................... 3 000
Poesias. Cantos da solidão, poesias. 1 v. br. 3$000... 4$000

J. M. de Macedo

Um noivo á duas noivas, romance. 3 v. in-8, br. 6$, enc. 9$000
A Namoradeira, romance. 3 v. br. 6$000, enc........ 9$000
Nina, romance, 2 v. br. 4$000, enc.................. 5$000
As Mulheres de Mantilha, romance historico, 2 v. br. 4$000, enc...................................... 6$000
A Luneta Magica, romance. 2 v. in-8 br. 4$000, enc.. 6$000
As Victimas Algozes, quadros da escravidão. 2 v. enc. 4$000
A Moreninha. 1 v. enc.............................. 3$000
A Nebulósa, poema. 1 v. enc........................ 4$000
Culto do Dever. 1 v. enc........................... 3$000
Memorias de um Sobrinho de meu Tio, 2 v. enc...... 6$000
Moço Louro. 2 v. enc............................... 6$000
Os Dous Amores. 2 v. enc........................... 6$000
Romances da Semana. 1 v. enc....................... 3$000
Rosa. 2. v. enc.................................... 6$000
Vicentina. 2 v. br................................. 6$000
Theatro completo. 3 v. enc......................... 9$000
Luxo e Vaidade, Primo da California, Amor e Patria, comedias, 1 v. in-8 br.......................... 2$000
Lusbella, comedia. 1 v. in-8 br.................... 1$500
Fantasma Branco, comedia. 1 v. in-8 br............ 1$500
Novo Othello, comedia. 1 v. in-8 br................ 500
O Primo da California, comedia. 1 v. in-8 br....... 1$000

Machado de Assis

Contos Fluminenses, contendo : Miss Dollar, Luiz Soares, A mulher de preto, O segredo de Augusta, Confissões de uma moça, Frei Simão, Linha recta e linha curva. 1 v. enc.................................. 5$000
Chrysalidas, poesias. 1 v. in-8 br. 2$000, enc........ 3$000
Phalenas, poesias. 1 v. in-8......................... 3$000
Resurreição, romance, 1 v. in-8 br. 2$000, enc...... 3$000

Rozendo Moniz

Favos e Travos, romance. 1 v. in-8 br. 2$000, enc... 3$000

BERNARDO GUIMARÃES

HISTORIA E TRADIÇÕES

DA

PROVINCIA DE MINAS-GERAES

A CABEÇA DO TIRA-DENTES
A FILHA DO FAZENDEIRO

RIO DE JANEIRO
H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR
71 E 73, RUA DO OUVIDOR, 71 E 73

HISTORIA E TRADIÇÕES

DA

PROVINCIA DE MINAS-GERAES

A CABEÇA DO TIRA-DENTES

TRADIÇÃO MINEIRA

Quereis, minhas senhoras, que vos conte uma historia para disfarçar o enfado destas longas e frigidissimas noites de maio?

Mas, por melhor que seja a minha vontade, não sei, como possa satisfazer ao vosso pedido... digo mal, — cumprir as vossas ordens.

Este frio enregela-me as azas da imaginação; este vento glacial, que uiva pelos telhados, como uma matilha de cães damnados, estes guinchos de corujas, que parecem lamentos de precitos, fazem a inspira-

ção recolher-se toda encolhida aos mais intimos escondrijos do craneo, tiritando de frio e de medo.

A fallar-vos verdade, minhas senhoras, tenho o espirito tã secco e esteril, como a caveira de um defuncto enterrado ha cem annos.

Ah ! fallei-vos em caveira !...

E não é, que esta idéa de caveira veio despertar-me a reminiscencia entorpecida pelo frio ? !

Foi como a vara magica de Moysés, que fez rebentar agua em jorros da aridez do rochedo do deserto.

E pois vou contar-vos a historia de uma caveira memoravel.

Não se arripiem, minhas senhoras ; não é historia de almas do outro mundo, de trasgos, nem de duendes.

E uma simples tradição nacional, ainda bem recente, e da nossa propria terra.

Essa historia eu a poderia intitular :

HISTORIA DE UMA CABEÇA HISTORICA

I

Era pelos fins do seculo passado ; em 178...

Nesse tempo, esta capital de Minas, que então com justa razão tinha o nome de *Villa-Rica*, era opulenta e populosa, como bem poucas cidades se podião contar no Brasil.

Os governadores e fidalgos dessa pocha rodávão em ricas carruagens tiradas por possantes mulas por essas ladeiras, onde hoje só rinchão pesados carros puxados a bois.

Havia quasi sempre curros ou touradas, e cavalhadas magnificas; procissões de esplendor e riqueza deslumbrantes; espectaculos theatraes, em que a arte sumptuosamente protegida pelos governadores era cultivada com esmero no gosto da épocha; uma litteratura propria, se bem que um tanto abastardada pela imitação do classismo lusitano, litteratura de que forão dignos representantes nomes até hoje celebres.

Gonzaga, Alvarenga Peixoto e Claudio Manoel da Costa são glorias, que nunca mais se eclipsarão.

Havia regosijos e festas de toda a especie, muito luxo, commercio interior activo, e o povo nadava na abundancia.

E tudo isso porque?

Por que naquella época o ouro por essas montanhas como que brotava á flor da terra.

O ouro era tão abundante, que os proprios pretos captivos, com as *migalhas* que escapavão das lavras de seus senhores, edificárão mais de um templo magnifico, que até hoje ahi estão, e as pretas, quando ião ás suas festas costumeiras, polvilhávão a carapinha com areia de ouro.

Mas em contraposição a tudo isso, o povo gemia debaixo da mais vil, da mais infamante escravidão.

O bem estar material era grande; mas a degradação moral era profunda.

Alli sobre aquelle morro se erguia o vulto sinistro e ameaçador da forca, que nunca se desarmava, e em que a um simples aceno da tyrannia, apenas com uma apparente fórma de processo, se immolava tanto o criminoso, como o innocente.

Acolá, no meio daquella praça publica, em face de um templo christão, — como um sarcasmo vivo, — até bem pouco tempo se achava alçado o pelourinho, ainda mais infamante, em que o cidadão era azorragado publicamente, como o mais vil escravo.

Os capitães-móres tambem de sua parte castigávão arbitrariamente com açoutes, com o tronco e até com a palmatoria as mais leves faltas de seus governados.

O ouro extrahido das minas pelo braço do povo era na sua maior parte destinado a alimentar o luxo e a cobiça de seus oppressores.

Minas, bem como o Brasil inteiro, era bem como uma vasta fazenda explorada em proveito da metropole.

O povo era uma turma de escravos, que trabalhavão debaixo do azorrague de seus feitores, — os governadores, capitães-móres, guardas-móres etc.

A fazenda prosperava; mas os escravos indoceis começavão a se enfadar de arroteal-a só para beneficio de seus senhores.

II

E nessa épocha de riqueza e opulencia, de servilismo e degradação social, no meio da praça principal desta cidade se via uma cabeça humana desecada, cravada sobre um alto poste.

Este poste e esta cabeça erão noite e dia guardados por uma sentinella.

E á noite uma lanterna se accendia para allumiar o lugubre espectaculo.

Havia dous ou tres annos que este sinistro padrão da mais brutal e feroz tyrannia existia alli hasteado.

E por que razão esse cuidado em conservar alli tão guardado, tão vigiado aquelle triste e miserando resto de uma victima ha tanto tempo sacrificada?...

Para que aquella sentinella alli postada constantemente dia e noite?...

Temião acaso, que aquelle craneo ôco e resequido onde ha tanto tempo se extinguira a vida e o pensamento, de novo se reanimasse, e reunindo-se ao tronco esquartejado e esparso, désse outra vêz o signal da revolta ao povo opprimido?...

Ou receavão que esse craneo, hasteado na ponta do estandarte da emancipação, fosse o signal certo da queda dos tyrannos e do triumpho da liberdade, como esse celebre tambor, que os soldados hungaros fizerão da pelle de seu bravo chefe Ziska, morto no campo da batalha, tambor que quando rufava á frente delles, era seguro prenuncio da victoria?

Pobre Tira-dentes!... ainda que não fosse tão nobre e sancta a causa, por que te immolaste, a morte affrontosa que soffreste, e a crueldade, direi asquerosa, com que profanárão teus miserandos restos,

erão motivos bastantes para abençoarmos tua memoria e execrarmos a de teus algozes.

III

Era uma noite tenebrosa, horrenda, como essa que ahi vae correndo.

Impetuosa ventania, zunindo pelos tectos da antiga e opulenta Villa-Rica submersa no somno e no silencio, impellia pelos ares camadas e camadas de espessa e frigidissima neblina, e fazendo oscillar sobre seu poste a caveira do martyr da liberdade com sinistro estrepito, agitava-lhe os compridos cabellos castanhos ainda adherentes ao craneo.

Parecia que aquella cabeça heroica, bafejada pelo sopro da liberdade que rugia das montanhas, em seu funebre oscillar amaçava ainda os tyrannos, e lhes predizia a proxima ruina.

O pallido clarão da lanterna, que balouçava ao vento, ondulava lugubre sobre a ossada branquicenta, desenhando ao vivo as cavidades negras dos olhos e a dentadura amarellada.

O pobre sentinella, talvez considerando que estava de guarda a um craneo resequido que a

ninguem podia fazer mal, e que longe de excitar a cobiça, só poderia inspirar horror, o sentinella sentado no chão, recostado sobre uma pedra, e com a arma sobre os joelhos, deixava-se furtar do somno.

Um vulto todo rebuçado surge por entre as trevas, e se approxima cautelosamente do tremendo poste.

Com uma comprida vara que trazia, faz saltar do poste a caveira, apanha-a rapidamente, e de novo desapparece com o favor das trevas e do nevoeiro.

Tudo isto foi feito com tal presteza, que quando o guarda, despertado pelo som rouco da caveira ao cahir, deu fé do occorrido, já era tarde. Viu apenas uma sombra engolfar-se e desapparecer atravez do nevoeiro.

Um instante depois o relogio da cadeia badalava meia noite.

O guarda contou que um phantasma de fogo, esvoaçando pelos ares, havia roubado o craneo, e desapparecera nas nuvens.

As sentinellas da cadeia attestárão o facto e o guarda do poste foi acreditado, e não soffreu castigo.

Não era mesmo para acreditar, que o anjo do Brasil viesse revindicar aquella reliquia veneranda do martyr da liberdade?...

IV

Conheceis essa comprida rua, que na extremidade occidental desta cidade se estende isolada por uma encosta acima, como a cauda de um lagarto.

Chama-se a rua das Cabeças.

A origem desse nome sinistro vem de que ahi se fincavão na ponta de estacas as cabeças dos miseros enforcados pelas esquinas dos bècos.

— Para servir de exemplo e escarmento aos povos — dizião os tyrannos. —

Mas os factos vierão depois comprovar-lhes, que erravão, procedendo assim.

No alto dessa rua, não ha muitos annos, existia ainda um velho de vida mysteriosa e retrahida, a quem o povo olhava com respeito e curiosidade.

Vivendo sózinho em uma casa quasi arruinada, communicando-se raras vezes com seus similhantes e só em caso de necessidade, parecia um anachoreta ou um homem possuido de singular monomania.

Entretanto os curiosos, que nunca faltão nas cidades, espiolhando um dia pelas fendas das arruinadas paredes da morada do velho, devassárão um singularissimo segredo de sua vida intima.

Virão-no abrir com ar de religioso respeito a portinhola de um nicho ou de um armario practicado na parede, tirar delle um craneo humano branco e mirrado, depôl-o silenciosamente sobre uma mesa collocada em frente a um oratorio, e ajoelhando-se depois com os braços encostados sobre a mesa, assim ficar por largo tempo, em attitude de profunda meditação, ou no extasi de uma oração.

Mas esta descoberta, como bem se póde vêr, em nada veio dissipar o mysterio que pairava sobre a vida do velho. Pelo contrario vinha ainda rodeal-a de mais um sinistro prestigio, e em vez de acalmar a curiosidade do povo, concorreu para mais excital-a.

Que craneo seria esse, que o velho guardava, e parecia venerar com religioso acatamento?

Seria reliquia de algum ente amado?

Seria o velho algum assassino, que em expiação de seu crime queria ter sempre diante de si o craneo da sua victima para lacerar continuamente a consciencia com o cilicio do remorso?...

Seria algum cenobita imitador de S. Jeronymo, que tinha sempre diante de seus olhos uma caveira humana afim de conservar de continuo presente ao espirito o nada da existencia?

A maior parte do povo porém ficou tendo o pob re

velho por um grande feiticeiro, e por isso tinha-lhe medo e o respeitava.

Assim pois; descobrindo aquelle segredo da vida do velho ainda a tornárão mais mysteriosa e quasi sinistra.

Pouco tempo depois morreu o velho, foi pobremente enterrado no adro relvado da capella do Senhor Bom Jesus, sita na mesma rua, e sua casa tombando em ruinas, ficou abandonada, pois se já em vida de seu dono era objecto de terror para o povo, muito mais o ficou sendo depois de seu fallecimento.

Não foi senão alguns annos depois, que se veio no conhecimento, de que o velho mysterioso não era outro senão o ousado roubador da cabeça do Tira-dentes, e que a caveira, que com tão religioso cuidado guardava e venerava, era a daquelle illustre e desditoso martyr do primeiro movimento emancipador.

Contou depois isto alguem, que era o unico depositario do segredo do velho, e que por ignorancia ou indifferença ligava pouca importancia a um facto tão curioso.

Que é feito porém desse craneo historico, que tão generosos pensamentos abrigou outr'ora em seu seio?

Quereria seu possuidor em sua fanatica veneração

pela liberdade e por aquella reliquia do seu principal martyr, que ella fosse com elle enterrada, e seria cumprida a sua ultima vontade?

Ou ficaria essa reliquia, — digna de ser encerrada em uma urna de ouro, — calcada debaixo dos entulhos das paredes esboroadas da habitação do velho?...

Ninguem o sabe.

Os factos, que acabo de narrar, posto que pouco conhecidos, são tradicionaes.

Perguntem aos velhos, e mesmo a alguns moços mais curiosos, das cousas antigas da nossa terra, e se convencerão de que esta historia não é de minha lavra.

Ouro-Preto, maio de 1867.

A FILHA DO FAZENDEIRO

ROMANCE

INTRODUCÇÃO

A cinco ou seis legoas ao norte da cidade de Uberaba na provincia de Minas Geraes se via ainda ha alguns annos uma capellinha isolada ou ermida no alto de um espigão, dominando por todos os lados um largoe risonho horizonte como atalaia immovel olhando em derredor as solidões. Era uma pequenina e tosca construcção de madeira com quatro paredes, coberta de telha e coroada por uma cruz, como se encontrão muitas disseminadas por esses vastos sertões.

Essas capellinhas têm de ordinario juncto a si um cercado de pedra ou de madeira, que serve de cemiterio aos fazendeiros visinhos. Quando se diz — visinho — naquellas paragens, e principalmente em eras mais remotas, entende-se moradores de cinco, seis, sete e mais legoas em redor.

A capellinha, a que nos referimos, tinha tambem juncto a si o seu terreno sagrado, cercado de muro de pedra, e com uma cruz no meio, e era alli, que os fazendeiros daquelles contornos manda vão enterrar os seus defunctos para se forrarem ao trabalho de mandal-os viajar dezenas de legoas levando-os aos povoados, onde houvesse cemiterios sagrados. Esta, porém, não foi erigida especialmente para esse fim, como se verá pelo decurso desta historia.

Do alto da capellinha enxergava-se em distancia de cerca de meia legoa em um aprazivel vargedo a fachada denegrida e arruinada de uma grande fazenda, com seus vastos curraes, senzalas, moinho e engenho de canna, mas tudo a desmoronar-se, tudo abafado entre o matagal, que começava a tomar conta do terreno com a vigorosa e luxuriante vegetação, que ha naquellas regiões. A fazenda achava-se situada ao pé de um lançante entre duas vertentes orladas de filas de coqueiros chamados buritis, cujas linhas se perdião na immensidade dos horizontes como fileira de guerreiros selvagens postados em ordem de batalha ao longo dos chapadões. As terras de cultura ou mattos de plantio erão mais longe, nas escuras mattas, que acompanhão as margens de um ribeirão, que vai desaguar no Rio das Velhas.

Á algumas centenas de passos além da capellinha

havia á beira do caminho uma cruz de páo toscamente lavrado, e via-se claramente que alli havia uma sepultura. Existindo alli tão perto uma capella e um recinto sagrado para se enterrarem os mortos, porque razão fôra alli sepultado aquelle corpo, assim segregado dos outros hospedes do tumulo?

Aquelle logar tinha reputação de mal assombrado, e a gente daquelles contornos, que bem sabe disso, evita o mais que pode passar por alli depois de noite fechada. Um, que por desgraça teve de passar por lá a deshoras, quasi que lá ficou morto de medo fazendo companhia ao enterrado. Contou, que vira sobre a sepultura levantar-se um phantasma monstruoso, o qual depois de exhalar um gemido prolongado e lamentoso como o uivo de um cão, arrebentou dando um estouro como de um tiro, e desmanchou-se em linguas de fogo vivo, que passeárão por algum tempo por cima da sepultura, e sumirão-se um momento depois.

Se o leitor deseja saber que acontecimentos derão logar ao abandono daquella linda fazenda, e qual o mysterio, que encerrão aquella sepultura, e aquella capellinha, leia a seguinte historia, que ha tempos me foi contada por um morador daquellas paragens, e que eu tratarei de reproduzir com toda a fidelidade e individuação, que a memoria me permittir.

CAPITULO I

A CAÇADA DE ONÇA

Estava-se abrindo uma vasta roça no meio de uma matta virgem na fazenda de que acabamos de fallar; isto ha de haver mais de quarenta annos. Era occasião da derribada; a foice já tinha ceifado e desbastado o matto miudo, as taquáras e cipós, que emmaranhavão a floresta. Os troncos robustos e collossaes da peroba, da cangerana, da paineira, do cedro e do ipé ostentavão-se nús, e campeavão desafogados aqui e acolá, como columnas que ficárão em pé de um templo cujos tectos e paredes desabárão. Mas era mister tambem deitar por terra esses gigantes da vegetação, que com suas cupulas immensas ensombravão o terreno da plantação, e roubavão a seiva ao solo. Contra cada um delles investião dous ou tres vigorosos e truculentos negros brandindo pesados e possantes machados. Nús da cintura para cima luzião-lhes as espaduas musculosas banhadas em

suor aos ardentes raios do sol de agosto. Os golpes do machado restrugião compassados pela encosta ao som da cantiga monotona do africano. De tempos a tempos ouvia-se um rangido horrendo; um rapido e passageiro tufão atravessava uivando a floresta, e a terra estremecia ao medonho estrugido de um tronco, que baqueava no meio da grita e alarido dos rudes trabalhadores.

Ao pé da encósta, onde se fazia a roçada, e á beira de um pequeno corrego havia um rancho ou coberta de capim de beira no chão, como os ha em todas as roças, onde se preparava a comida para os escravos, e que lhes servia de guarida contra os temporaes.

Emquanto no interior do rancho uma escrava preparava a comida dos trabalhadores, assentada á porta se via uma alva e delicada figura, que contrastava singularmente com a bronca e selvatica perspectiva de tudo que a rodeava. Era uma menina de dezeseis ou dezesete annos, alva, esbelta, e de compridos cabellos castanhos.

Tinha no regaço uma peneira, em que estava limpando o arroz, que tinha de servir ao jantar. Os pés encruzados pousavão sobre umas tamanquinhas de marroquim vermelho, e a saia do vestido côr de rosa meio apanhada deixava vêr as extremidades das

alvas e mimosas pernas. Por causa da intensa calma descera o corpinho do vestido, e assim sem chale e em mangas de camisa quasi que se lhe vião nús os seios, que arfavão puros e castos como os de Rachel, quando ia dar de beber ao rebanho na cisterna, onde encontrou Jacob. Seria impudicicia um tal desalinho em outro logar, e em outra qualquer creatura; mas cobria-a o véo da innocencia, e o recato da solidão. De quando em quando erguia a cabeça e sacudia para traz dos hombros as longas e bastas madeixas, que importunaslhe cahião pelas faces a tapar-lhe os olhos e estorvarlhe o serviço em que se occupava, e então deixava ver um lindissimo oval ornado pela mais graciosa boca e os mais magnificos olhos, que se podem imaginar. A todos esses encantos, dava esplendido realce o vivo rubor, com que o mormaço de um sol ardente lhe affogueava as faces.

Cahiria por acaso do céo naquelle bronco sitio á entrada do pobre rancho essa estatua de marfim, tão alva, tão delicada, digna de pousar sobre pedestal de alabastro, e de ser emmoldurada entre sanefas de ouro e brocado? Ou acaso um anjo baixára á terra como nos tempos biblicos a conviver e abrigar-se á sombra da grosseira cabana do homem primitivo?

Paulina era a filha do fazendeiro. Filha unica e orphã de mãe, gostava de acompanhar seu pae em

todos os rudes trabalhos da lavoura do sertão. Por isso emquanto seu pae com um comprido rebenque na mão, calçado de grossas botas de matteiro rompia espinhaes e coivaras feitorisando o trabalho da derribada, ella tomava conta do rancho e ajudava a preta rancheira nos misteres da cozinha. Mimosa e delicada como era e não tendo sido creada no meio daquellas fragueiras lides, nem por isso Paulina tinha nada de melindrosa, e se entregava com o maior desembaraço aos mais humildes e grosseiros serviços. Além das perfeições que recebera da natureza, Paulina tinha tido uma educação acurada e a mais completa que naquelles tempos em nosso paiz se podia dar a uma menina. Ainda em tenros annos tinha sido enviada para um collegio em S. João d'El-rei, onde a gentil sertaneja recebeu com muito aproveitamento lições de leitura, musica, dansa, e apprendeu as maneiras de uma sociedade um pouco mais polida do que era a da Uberaba naquelles tempos.

Por morte de sua mãe, a que succedeu immediatamente a de um irmão unico que tinha, seu pae acabrunhado por tão dolorosos golpes, e vendo-se na mais triste soledade, apressou-se em chamal-a para juncto de si, pois era ella o unico bem que o céo lhe tinha deixado para mitigar a dôr de tão sensiveis perdas.

Alli na solidão daquella fazenda, todos os dotes que Paulina recebera da natureza e da educação, vierão a tornar-se-lhe inteiramente inuteis. As bellas faculdades de que o céo a dotára, e que no collegio começavão a desabrochar com brilho, alli, sem achar expansão alguma, concentravão-se em si mesmas, e Paulina, que tinha muita sensibilidade e imaginação viva, foi-se tornando de um caracter disposto á melancolia e a essas paixões vagas, que ao despontar da puberdade costumão atormentar as organisações poeticas e delicadas. Poucas vezes deixava o retiro de sua fazenda para ir a Uberaba, que aliás naquelle tempo era ainda uma insignificante aldeia. A familia de um fazendeiro visinho, seu parente, que morava dahi a duas legoas, era a unica que de quando em quando vinha interromper com suas visitas a monotona solidão do viver de Paulina. Seu pae bem a induzia a passear mais frequentemente ao arraial, a ir passar alguns dias em companhia de suas primas. Mas ella parece que não achava muito encanto na companhia das primas nem nas festanças do arraial, e lhes preferia a solidão de sua casa e a companhia de seu velho pae, para quem era toda extremos, e poucas vezes se utilisava dessas permissões. Alguns passárinhos, o cuidado de um pequeno e lindo jardim, alguns livros e seus trabalhos de

agulha, bastavão para encher-lhe agradavelmente o tempo.

Havia já alguns minutos que Paulina se achava á entrada do rancho entretida naquelle serviço, quando subitamente ergueu a cabeça, sacudiu para trás os compridos cabellos, alongou o cóllo, e pôz-se a escutar... fazia lembrar o esbelto e arisco colhereiro, que estando a pescar tranquillamente á borda do lago, ao sentir qualquer rumor alça o collo rosado prestes a bater as azas.

Paulina estava escutando um toque de cães de caça, que vinhão descendo pela matta, corrego abaixo, com incrivel assanhamento. Os latidos dos cães e a vozeria dos caçadores, que os açulavão, se approximava rapidamente atroando a floresta, e era evidente que o animal, fôsse qual fosse, que era acossado, vinha acompahando o corrego, e tinha de saltar no roçado exactamente em frente do rancho, em que se achava Paulina. Ella, posto que algum tanto affeita a essas scenas selvaticas, não deixou de amedrontar-se, e correu para dentro do rancho.

— Suzana! Suzana!... gritou ella para a negra, — não ouves?... aquelle toque de cachorros?... meu Deos! não vá ser algum bicho bravo!...

— He! ha! santa virgem! murmurou a negra depois de chegar á porta do rancho e escutar um

momento. — Aquelle toque, sinházinha, se elle não é de anta, quer me parecer que é de onça. Cachorro não está latindo alegre como quando toca veado, não.

— Ouça, Suzana!... ah! meu Deos! que medo! o que será de nós aqui sosinhas!...

— Não tem susto, sinházinha; onça não vem cá, não; não esta ahi tanta gente p'ra matar ella?...

— Quem sabe, Suzana; — chama meu pae, chama depressa...

— Socega, sinhazinha; — olha, lá vem elles todos...

De feito o fazendeiro, que ouvira tambem a tocada. dos cães, tinha largado immediatamente o serviçoe, descia pela encosta acompanhado de alguns escravos armados de fouces e machados, e vinhão fazer frente ao animal que saltasse da matta.

Um momento depois um enorme animal amarello malhado de preto surgiu da matta e, rapido como um corisco, saltando pelas coivaras se encaminhava para o lado do rancho, onde nesse mesmo instante chegavão dous possantes e resolutos negros, que o velho mandára a toda a pressa para ficarem junto de Paulina. Os negros, que avistárão a onça, romperão n'uma horrivel gritaria :

— É onça! é onça! acóde gente!...mata! mata!—

Espavorida com aquelles berros a onça estacou um momento.

Ella estava apenas como a uns duzentos passos do rancho; perto se achava um tronco de peroba meio tombado, que ao cahir ficára engastalhado na galhada de uma arvore vis'nha. A onça pulounelle, e correu a empoleirar-se no ponto mais alto, a que pôde galgar. Os cães, que a perseguião, desembocavão da mata e se reunião embaixo do tronco, escalavrando-o com unhas e dentes, e dando saltos e ganidos furiosos. Assalto inutil! a onça passeava mui ancha e sobranceira ao longo do páo, e ora subia até a mais alta grimpa, ora descia até quasi ao alcance delles, arreganhando-lhes os dentes como n'um sorriso feroz a mofar de seus vãos esforços, e appoiando a cabeça enorme sobre as patas dianteiras os contemplava bem de pertinho, e como que os contava um a um em ar de desdem.

Entretanto o fazendeiro accompanhado de seus escravos vinha atropelladamente rompendo atravéz das coiváras, e se approximava da fera.

Paulina que transida de pavor mal ousava deitar a cabeça, fóra da portinhóla do rancho, em vão bradava com quantas forças tinha : Meu pae! meu pae! por quem é? não vá lá !

O velho avisinhou-se intrepido do terrivel animal,

apontou-lhe, direito ao sangrador a espingarda de fiança, que sempre trazia comsigo, mas de certo a mão vacillou-lhe, porque o tiro apenas pegou de leve na costella da onça. O animal irritado deu um urro medonho, desceu até ao meio do tronco, curvou o dorso como cobra que quer dar o bote, pulou por cima de toda a alcatéa de cães, que esganiçando se apinhavão embaixo do páo, correu como uma setta para o lado do rancho, e embarafustou por elle a dentro.

Os negros soltárão a um tempo um grito de pavor, e o velho fazendeiro sentiu gelar-se-lhe o coração de susto, as pernas bambeavão-lhe, e quasi que foi ao chão. Mas o amor paternal sobrepujou o terror, e o pobre velho tropeçando, abalroando e cahindo pelos tócos e coivaras correu com a maior celeridade que pôde para o lado do rancho; o mesmo fizerão os escravos, que o acompanhavão. A onça, quando entrára no rancho atropellada e acossada de perto pelos cães, nem de leve tocou, e talvez nem vio as duas creaturas, que lá se achavão; cuidando que alli seria uma tóca, onde acharia guarida segura, só tractava de defender-se contra os que a perseguião.

O rancho tinha somente aquella estreita entrada, onde ha pouco Paulina se achava sentada. As duas miseras mulheres não tinhão nem para onde correr,

pois a onça apoderando-se dessa entrada voltára a frente para fóra mostrando a seus perseguidores as alvas e enormes prezas, e as formidaveis patas capazes de estrangular um boi. Paulina para logo cahio desfallecida; a negra mais morta que viva recolheu-se toda ao angulo, que a coberta formava com o chão, como querendo entranhar-se pela terra a dentro, tiritando de medo e encommendando a alma a Deus.

Assim pois naquelle mesmo logar em que ainda ha pouco se sentava a creatura mais primorosa da terra, um transumpto dos anjos do céo, respirando innocencia, paz e ventura, alapardava-se agora o mais feroz e hediondo dos seres da creação, com os olhos chammejantes de furor, e as goélas abrasadas em sede de sangue.

Emquanto o fazendeiro com mão tremula carregava a espingarda, os negros, que não tinhão por armas senão fouces e machados, hesitavão na maior perplexidade sobre o que deverião fazer. Atacar a fera sem ter certeza alguma de matal-a de um só golpe, era perigosissimo; ella podia n'um momento estraçalhar mais de um, ou o que ainda seria péor, recuando para o interior do rancho voltar sua sanha contra as duas infelizes, que lá se achavão na mais critica e assustadora situação.

Emquanto os pretos vacillavão, e o amo escorvava

a espingarda, um cavalleiro a todo o galope rompe da matta, e investe para o rancho, a cuja porta a onça dava combate sanguinolento aos cães, que ousavão approximar-se-lhe. Já estava na distancia de um tiro de espingarda, quando seu cavallo embaraça-se nas coivaras, e cae. Mas lesto e prompto o cavalleiro salta fóra dos arreios, e com uma pistola em cada mão avança resoluto para a onça e desfecha-lhe á queima roupa um tiro na cabeça. Em dous arrancos o feroz animal arroja-se sobre elle, lança-o por terra, e cae tambem para um lado estrebuxando e morre.

Nesse momento chegavão já, porém tarde, os outros caçadores, que vierão achar tres corpos exanimes, a onça, que expirára, o cavalleiro mal ferido e banhado em sangue, e Paulina desmaiada. Uma das enormes patas da onça tinha apanhado em cheio o peito do infeliz caçador, e lacerando-lhe cruelmente as carnes o havia derribado no chão sem sentidos.

Uma cuia de agua fria lançada na cabeça de Paulina restituio-lhe promptamente os sentidos, e o consternado pae levantou aos ceos as mãos agradecidas chorando de alegria ao ver que felizmente sua filha estava illesa. Mas o denodado caçador, o intrepido salvador de sua filha, esvaia-se em sangue que jorrava de tres largos e fundos lanhos, que as garras do animal lhe havião aberto no peito, e o velho e todos

os mais estavão na mais cruel afflicção e dessasocego por se acharem naquelle ermo tão longe de qualquer recurso. Lavatorios de agua fria , fios e ataduras, que erão os meios de que alli se podia lançar mão, nada conseguia estancar o sangue, que corria copioso das feridas. A propria Paulina, a quem o pae em rapidas e animadas palavras contára o occorrido, já esquecida do seu susto, pallida e consternada se debruçava sobre o corpo exanime do ferido, e rasgando o lenço e a saia do seu vestido fazia atilhos e chumaços, que com suas proprias mãos ia applicando sobre as feridas.

Felizmente, mais sabido do que todos elles em materia de curar feridas, um preto velho tinha corrido ao matto, e voltava com um punhado de folhas na mão. Apenas chegou, todos se arredárão para lhe dar logar. O preto ajoelhou-se perto do ferido, tirou todos os fios e ataduras, e fazendo pantomimas e murmurando palavras cabalisticas, mascou tres ou quatro bocados das folhas que trazia, e foi deitando-as sobre as feridas. Em poucos instantes o sangue estava estancado, e o caçador conduzido para o interior do rancho e cuidadosamente deposto sobre uma esteira, em menos de uma hora recobrou os sentidos. Dalli forçoso era leval-o para casa do fazendeiro para ser convenientemente tratado, pois havia perdido muito sangue e seu estado era melindroso.

A onça amarrada a um páo pelas quatro patas e carregada aos hombros de dous possantes negros, que gemião debaixo do peso do truculento animal, e aos lados e atraz della a cafila dos cães arquejando de cansaço com as linguas dependuradas, ganindo e uivando com um choro funebre; em seguida o caçador cuidadosamente accomodado em um cobertor, de que armárão uma rede, conduzida por outros dous pretos; atraz delle immediatamente o velho fazendeiro e sua filha pallida e desgrenhada; depois o cavallo do caçador, que um escravo levava pela redea, e logo em seguida os companheiros de caça do ferido conduzindo igualmente pela redea suas cavalgaduras, e por fim os escravos do fazendeiro com seus machados ao hombro, rematando como uma guarda de honra toda aquella comitiva, tal era o singular e curioso prestito, que por uma formosa tarde de agosto desembocando de escura e espessa matta desfilava pelo lançante de um risonho espigão ao longo de um buritisal, dirigindo-se á casa do Capitão Joaquim Ribeiro, que ficava como a meia legoa do logar do sinistro.

CAPITULO II

A FAZENDA

Formosas e risonhas são as campinas no municipio da Uberaba, profundas e gigantescas as florestas, e os horisontes sempre affogueados pelos raios de um sol abrasador são esplendidos e deslumbrantes. Vastissimas collinas se estendem com suaves ondulações por distancias sem fim, orladas de verdenegros capões, que ensombrão o leito de caudaes e limpidos ribeirões. Extensas linhas de buritis se enfileirão pela macega ao longo dos brejaes até se perderem nas profundidades do horisonte. Lizos e viçosos vargedos vão terminar ao pé de um cordão de boleados outeiros de pouca elevação, que se desenhão fumacentos no fundo do painel á similhança de uma nuvem cinzenta fixa na orla extrema do céo.

Nem são essas campinas como as desabridas

e monotonas pampas das regiões do sul, onde a vista em vão se cança procurando um derredor um ponto, em que repouse, um pequeno comoro sequer e que interrompa a insipida uniformidade dos horisontes; nem como essas *savanas* e chapadões interminaveis, como os ha nas provincias do norte e do centro, que o viajante palmilha de sol a sol sem que jamais lhe affaguem os ouvidos o ramalhar da folhagem, nem o consolador murmurio das torrentes, sem ver mais que campo e céo, e ouvindo apenas o zunido dos ventos, e o enfadonho zumbido das cigarras. De espigão em espigão varia a perspectiva, e apresenta novos e sempre risonhos panoramas.

No meio desses plainos por entre as manadas de gado sem conto vagueião os veados, e as emas passeião em bandos erguendo o esbelto e altaneiro collo até a altura de um cavalleiro. O canto do campeiro, que anda pelos rincões arrebanhando o gado, os trinos agudos da syriema, o pio melancolico da perdiz, e o monotono chiar do carro de bois, que atravessa os chapadões carregado dos productos de pingues colheitas, eis os unicos sons, que de ordinario quebrão o silencio daquellas afortunadas e risonhas solidões.

As vivendas dos fazendeiros são communmente construcções toscas e singelas, ainda que commodas

e vastas. Mas em compensação a situação dellas é quasi sempre apra-ivel e pittoresca, ao pé de algum suave lançante, ouvindo o marulho da torrente, que corre á sombra dos buritisaes, e olhando ao longe pelos descampados espigões.

Em frente á casa ha sempre um vasto curral ou terreiro, em torno do qual estão o engenho, o moinho, o paiól e mais outros accessorios da fazenda. Por detraz se estende um vasto pomar, um verdadeiro bosque sombrio e perfumoso, onde a laranjeira, o limoeiro, a jaboticabeira, o jambeiro, o genipapeiro, o mamoeiro, o jaracatiá, as bananeiras e coqueiros de diversas especies crescem promiscuamente e cruzão suas ramagens em uma espessa abobada cheia de fresquidão, de murmurios e perfumes. Os cercados são latados de maracujá com seus doces e aromaticos fructos, ou renques de piteiras, eriçando em torno as longas e agudas hastes como uma floresta de bayonetas, do meio das quaes se ergue como um estandarte o comprido pendão coroado de brancas flores. O jasmineiro, a coclearia, o bogari, a esponjeira tambem crescem em torno da casa, pelos cercados, juncto ás fontes, saturando o ambiente de suavissimos aromas.

Aquelles céos sempre azues e limpidos desconhecem os nevoeiros, os invernos, e essas brumas car-

regadas e humidas, que costumão embuçar céo e terra em nossas montuosas e tristonhas regiões. Quando é chegada a estação das chuvas, as agoas se precipitão do céo em violentas borrascas entre o estampido de horrorosas trovoadas; ao estouro de mil raios parece que a esphera abrazeada rompe-se em estilhaços, e se despenha sobre a terra. A copiosa e grossa chuva em pouco tempo rega e lava os espigões, alaga as varzeas, e converte os menores ribeiros em torrentes caudalosas. Mas dura pouco aquella convulsão dos elementos; o mesmo tufão que trouxe a tempestade a varre em breve do firmamento, e o sol torna a dominar em toda a amplidão da esphera azul e resplendente.

Debaixo daquelles céos ardentes, em meio daquelles plainos infindos tão cheios de encantadoras perspectivas, cobertos de tão opulenta vegetação e banhados de tanta luz, parece que a imaginação se inflamma ao reflexo daquelles horisontes de fogo, e o coração nutre-se de uma seiva de amor e voluptuosidade, que o faz pulsar com mais força, sentir com mais energia. A indole do homem alli é placida e calma na apparencia, como o céo, que o cobre, mas no fundo é ardente de sentimento e de paixão. O sopro das paixões lhe ruge n'alma violento e tormentoso como os pavorosos temporaes que atroão aquellas solidões.

Assim, se tomardes um logar em roda do fogo, que aquece no rancho o caldeirão do tropeiro, ou vos sentardes na varanda do fazendeiro em horas de serão a conversar com o sertanejo, ouvireis sinistras lend s, horriveis historias de sangue e vingança, e interessantes e romanticos episodios de amor, acontecidos naquellas paragens, como este cuja historia vos estou contando.

Eduardo, — assim se chamava o caçador ferido — era um moço natural da Villa Franca na provincia de S. Paulo, alto, bem feito, e de physionomia agradavel e sympathica, onde transluzião os dotes de sua alma nobre e bem formada. Era muladeiro; ià todos os annos á feira de Sorocaba ou Curitiba, a comprar bestas, que vendia pelas provincias de S. Paulo, Minas e Goyaz. Andava então no gyro de seu negocio, e tinha invernado a sua mulada na fazenda visinha, pertencente a um primo do pae de Paulina, a quem já alludimos no capitulo antecedente. Durante esse tempo divertio-se em caçadas, a que era muitissimo affeiçoado, o que deu occasião ao lamentavel incidente, que teve lugar na roça de Joaquim Ribeiro.

O fazendeiro visinho e um filho seu por nome Roberto erão tambem da partida. Aquelle depois de ter acompanhado o ferido a casa do seu parente, despedio-se e retirou-se para a sua fazenda com os outros

caçadores, recommendando-lhe toda a paciencia e cuidado com o ferido, por ser muito seu amigo, e digno de toda a estima e apreço. Roberto, porèm, a pretexto de fazer companhia a Eduardo, deixou-se ficar; mas não fazia mais do que approveitar-se com avidez da occasião que se lhe offerecia de passar alguns dias junto de sua prima Paulina, por quem desde creança tinha uma paixão louca. Havia mesmo já como um ajuste tacito entre os paes para o casamento dos dous primos, e já desde a infancia os entretinhão em ar de brinco com essa idéa; — máo costume que ha nas nossas familias, e que ás vezes produz funestos resultados. Disse — ajuste entre os paes, porque Paulina por sua parte ouvia sempre fallar nisso com a maior indifferença, e entendia que aquillo não passava de um brinquedo entre creanças. Roberto, porem, moço que teria vinte annos de idade, sentia por sua prima uma verdadeira e ardente paixão, alimentada constantemente desde a infancia com os mais lisonjeiros sonhos de esperança e de futuro. Alèm disso encantava-o a perspectiva de uma rica herança, que teria de vir-lhe ás mãos inteirinha sem outro trabalho mais que esperar que seu futuro sogro cerrasse para sempre os olhos no leito da morte.

Roberto era um sertanejo de grosseira educação,

de genio aspero, e asselvajado na superficie, posto que no fundo não tivesse má indole. Com taes predicados bem se vê, que era impossivel ser agradavel aos olhos da delicada e sensivel Paulina.

Posto que bem apessoado e mesmo bonito, a crosta de rudeza que o revestia, tornava impossivel qualquer sympathia entre dous caracteres talhados por moldes tão differentes.

No dia seguinte ao do desastre pela manhã, Paulina, seu pae e o primo achavão-se no quarto de Eduardo, a quem a extrema fraqueza a que o reduzira a grande perda de sangue, não permittia levantar-se da cama. Paulina acabava de trazer um caldo ao doente, que lh'o agradeceu com um olhar cheio do mais terno reconhecimento.

— Coitadinha da prima! dizia Roberto, — que susto não rapou hontem! por Deus, que eu tinha bem vontade de ver a carinha, com que ficou, quando a bicha embarafustou pelo rancho a dentro.

— Com effeito, primo! que fraco gosto! que graça podia achar em ver uma cara de defuncta?... eu fiquei sem pinga de sangue, e cahi logo sem accordo.

— Ah! maldita bicha! mil vidas que lhe tirassem, ainda era pouco para pagar o susto, que lhe pregou, prima.

— Ora!... o susto nada foi, já se passou; mas o

golpe, que deu no senhor Eduardo?... para esse sim, é que todo a vingança seria ainda pouca. Admira que o primo, sendo tão valente, não acompanhasse de perto o Sr. Eduardo para ajudal-o a matar a onça; talvez tivesse evitado similhante desastre.

— Isso é que é verdade; acodio o velho; — se algum dos outros companheiros chegasse junto aqui com o senhor, e a bicha em vez de um recebesse dois tiros a um tempo, e que pegassem em bom logar, talvez não tivesse tido tempo de fazer o que fez. Mas o que querem? a rapaziada pateteou...

— Ora essa é que é boa!... pateteou não, meu tio; como é que eu havia de chegar a tempo, se o meu cavalho cahio engastalhado no meio das malditas coivaras que me atravancavão a passagem, e eu levei uma embarroada nesta perna, que me fez chiar, e que até agora está-me doendo, e quasi que eu não podia dar um passo. Não fosse isso, eu era o primeiro a chegar, e diabos me carreguem nesta hora, se eu só não tivesse dado cabo da bicha, sem levar um arranhão que fosse.

— Oh! pois não!... exclamou Eduardo sorrindo-se: não havia nada mais facil... de dizer-se. Meu amigo, eu tambem levei encontroadas horriveis no meio daquellas diabolicas coivaras, e tenho o corpo todo pisado e magoado; o meu cavallo tambem cahio;

mas naquella occasião eu nada sentia; já de longe tinha percebido que havia mulheres dentro do rancho, e ainda que se me tivesse quebrado uma perna havia de me arrastar, custasse o que custasse, até o logar do perigo. Mas se não fosse essa circumstancia, não seria eu bobo de me ir atirar assim, sem que nem para que nas garras do terrivel animal.

— Ah! dessa ainda nós não sabiamos, Sr Eduardo, — disse o fazendeiro; mais um motivo, que vem augmentar a meus olhos a immensa obrigação em que lhe estamos. Assim o senhor não praticou apenas um acto de estouvada valentia de caçador, e não foi sem o saber que salvou duas creaturas?

— Não, de certo; tão louco não seria eu...

— E practicou um acto de nobre e generosa dedicação por pessoas que nunca conheceu. Ah, Sr Eduardo! em que divida lhe estamos, e quando e como poderemos nunca pagal-a.

— Qual divida, Sr Ribeiro! por favor não se inquiete com isso. Não fiz mais do que a minha obrigação, o que em meu lugar qualquer outro teria feito...

— Mas em seu logar, — disse Paulina olhando de esguelha e maliciosamente para Roberto — estavão alguns outros e não o fizernão.

Roberto enfiou, mordeo os beiços e corou até ás orelhas.

— Porque não pudérão, — respondeu Eduardo. — Mas se teimão em querer dar-me um signal de gratidão basta-me o couro da bicha. Hei de trazel-o sempre commigo com orgulho como um trophéo, a menos que a senhora, — accrescentou voltando-se para Paulina, — não o queira para si afim de pousar triumphante os seus mimosos pés sobre os restos do medonho animal, que tão grando susto lhe causou.

— Com bem pouco se contenta, disse o fazendeiro.

— Com isso e com a sua amizade, Sr Ribeiro, eu me julgo muito bem pago, e com a intima satisfação que me fica n'alma por ter sido util em um dia de minha vida á Sra D. Paulina.

Estas lisongeiras palavras ditas com toda a graça e affabilidade, mas em tom de cortezia, não agrádarão muito a Paulina, a qual quizera que o moço exigisse em paga mais alguma cousa, pois estava prompta a dar-lhe ou antes já lhe tinha dado todo o seu amor. De certo ella não queria que o moço lhe fizesse alli de chofre uma declaração de amor, mas notou com magoa intima, que o mancebo proferio aquellas cortezes palavras quasi sem emoção alguma e sem ao menos olhar para ella, o que causou-lhe uma horrivel impressão de despeito e desalento. Retirou-se para o canto mais escuro do aposento para

esconder a sua perturbação e uma lagrima teimosa, que lhe queria vir aos olhos.

— Ora bolas! — exclamou estouvadamente o primo Roberto já escandalisado com a prima, e cioso da importancia e deferencia de que Eduardo era objecto. Não vejo de que estão fazendo tamonho escarcéo, pois o que é lá matar uma onça?... eu cá tenho matado mais de uma, e nem por isso ando a me gabar.

— Não digas tal Roberto! — atalhou o velho. — matar uma onça não é lá grande cousa; tambem eu as tenho matado é muitas. Mas affrontar o perigo, que o Sr Eduardo arrostou para salvar duas creaturas, é uma acção valorosa e nobre, de que nem todos são capazes.

— Tambem se elle não a matasse, eu teria dado cabo della, como tenho dado de muitas outras, tão certo como nós estarmos agora aqui. Que me custava?... a minha espingarda não nega fogo, e, minha não, louvado seja Deus, não treme ainda, e quando atiro em um bicho destes, não atiro nas costellas, e em todo o caso a prima sempre aqui estaria tão viva e tão sadia como agora aqui se acha.

— Pois bem, senhores — retrucou Eduardo já agoniado com as toleimas do primo e com um sorriso sardonico — façamos de conta, que foi o Sr Roberto, quem

matou a onça; isso pouco me importa, e não quero que diga outra vezque estou me gabando. O que me importa é poder restabelecer-me destas feridas para poder tratar dos meus negocios. Peço que se esqueção do pequeno serviço, que tive a fortuna de fazer-lhes, e tratem sómente do meu curativo.

— Esquecer! oh! isso nunca! nunca esqueceremos. Mas, silencio, Sr Eduardo; não lhe convém fallar muito e muito menos alterar-se. Tranquillise-se, que não pouparemos cuidados e desvellos para o seu completo restabelecimento. Paulina, Roberto, vamo-nos daqui, deixemos o Sr Eduardo descançar; elle precisa mais de repouso de que de qualquer outra cousa..

CAPITULO III

O PRIMO

— Que pedaço de bruto não é o tal senhor primo Roberto! ficou pensando comsigo Eduardo, apenas os tres se retirárão. — Pelo que vejo tem paixão pela prima, e quer me parecer que o paspalhão começa a coçar a canella por minha causa. Forte bobo! e entrar nos cascos de um tal palerma ser o amante de uma menina tão meigazinha, tão delicada!... Entretanto, se eu não tivesse o coração tão cheio de amor, tão occupado com a imagem da minha Lucinda, teria de amar por força esta menina. Tão meiga, tão formosa, disputada a uma fera quasi á custa da minha vida!... ah! parece que o céo a tinha destinado para mim!... é estranho encontrar-se nestes sertões uma criaturinha tão mimosa, tão perfeita. Ah! senhor Roberto! senhor Roberto! dê parabens á sua fortuna de eu já ter empenhado o meu coração e a minha palavra, quando não impreterivelmente o

tirava do lance, e então é que lhe havia de amargar a boca!

— Então prima, o que lhe parece o maluco daquelle matador de onças? ia Roberto dizendo a sua prima, depois que sahirão do quarto de Eduardo, e emquanto atravessavão um comprido corredor, que hia terminar n'uma varanda aberta dando para o vasto curral da fazenda. — Matar uma onça então é para qualquer?... o pateta cuidou que uma onça se mata assim como se mata um gambá; coitado! não foi má a esfrega, que levou. Tão cedo não lhe voltará a vontade de andar pelos mattos ás escaramuças com as onças.

— Quem sabe, primo Roberto, ainda pode escaramuçar muitas, e matal-as como matou a de hontem, e talvez com mais felicidade. E'um valente e destemido moço aquelle!...

Este elogio foi uma setta, que partio da boca de Paulina para o coração de Roberto.

— Valente! — exclamou elle com um sorriso forçado e amarello; — ora não falle, prima. E' paulista, e basta. Dizer paulista, é o mesmo que dizer bazofia e fanfarrice. Eu tenho matado mais onças, antas, queixadas, jacarés, sucurys, e quanto bicho bravo ha pelo matto, do que a prima mata de pulgas na sua cama, e disso nem dou fé e nem ando

me gabando. Agora porque aquelle pelintra de um muladeiro matou por acaso uma onça estão fazendo um escarcéo, meu Deos! já pensão que estão em casa com um Roldão ou um Ferrabraz de Alexandria.

— Não é por ter matado a onça, primo... arre lá! quem ouvisse isto, havia de dizer que o primo ou tem a cabeça muito dura ou o coração muito máo; não é por ter matado a onça, já se lhe disse, — mas por me ter salvado a vida, que damos e havemos de dar sempre a nossa amizade e gratidão a esse digno moço.

— Ora gratidão!... outro qualquer teria feito o mesmo. Eu tambem quando a prima era mais pequena, não se lembra? não a livrei de ser atravessada pelos chifres de um boi bravo?... se eu não agarro e carrego-a no hombro, e pulo de um salto a cerca do curral, adeus, prima Paulina! já estava comendo terra ha muitos annos. E nem por isso eu vi ninguem vir derreter-se em agradecimentos...

— Ora, primo, nem falle nisso. Eu era uma creancinha, não podia dar o devido apreço a esse immenso serviço que me fez o primo. Mas hoje eu o reconheço, e beijo-lhe as mãos agradecida, meu bom e valente primo. Mas se tambem lhe devo a vida, primo, não é isso razão para que eu deixe de mostrar-me tambem

agradecida a quem acaba de prestar-me um serviço não menos importante.

Quanto mais Paulina procurava encarecer as qualidades de Eduardo, e a nobre e valerosa façanha de que fôra heróe, tanto m is se exacerbava o ciumento Roberto, e mais procurava deprimir e abocanhar aquelle que em sua imaginação já era um rival perigoso.

— Emfim, prima — disse elle com fingida indifferença — faça lá e pense lá o que quizer. O que sei dizer é que se aquella maldita onça o tivesse alinhavado alli, bem pouco se perdia.

— Não falle assim, primo. Que aggravo lhe fez esse moço para lhe desejar tanto mal?

— Quem sabe se a prima está pensando, que aquella figura é alguma cousa neste mundo. Se a prima o não conhece, conheço-o eu muito bem. Não passa de um tocador de bestas muito ordinario e muito gangolina (1), que tem passado a manta a meio mundo. A mim mesmo empurrou-me elle por duzentos mil réis uma besta pello de rato, que não vale cem, e que vem a não servir nem para cangalha. Mesmo esse punhado de bestas, que vem tocando, a prima pensa que é delle? Qual! o biltre não é mais

(1) Expressão usada na Uberada. Quer dizer: velhaco, trapaceiro.

do que um capataz, que vem impingir o refugo da tropa do patrão aos bobos do sertão.

— E que nos importa isso, meu primo o que sei é que elle me salvou galhardamente! a vida das garras de uma onça e é motivo de sobra para que eu lhe seja eternamente agradecida, e creio que tambem para que o primo não abocanhe e não despreze assim um homem, que não lhe fez mal algum.

— Nenhum mal!... eu sei!... e tambem que me importa a mim esse homem. Ou por sim, ou por não, amanhã ou depois, logo que elle possa montar a cavallo, hei-de leval-o para minha casa, porque é nosso hospede, e meu tio nenhuma obrigação tem de aguental-o.

— Alto lá, primo! — atalhou Paulina com vivacidade; — menos essa!... temos muito mais obrigação do que o senhor, e havemos de aguental-o com muito prazer. Emquanto não sarar de todo, elle é nosso, e não arreda pé daqui.

— Isso era bem bello!... e a mulada delle que lá fica á toa?.. não hei-de ser eu que hei-de tomar conta della. Aquelle arranhão, que levou, ora bolas! aquillo sara n'um instante, e nestes dous ou tres dias elle que tracte de montar a cavallo, vá tomar conta da sua tropa, e depois... puxe para a sua terra, e passe por lá muito bem.

— Arre! primo! que ogeriza é essa que tomou com

o pobre moço! pois elle não tem camaradas, que tomem conta da tropa!...

— Muito ordinarios; uma sucia de preguiçosos.

— Nesse caso mandaremos uma pessoa capáz tomar conta da mulada; mas elle não; tão cedo não se poderá mover daqui. Coitado! perdeu tanto sangue; está tão fraco.

— Coitadinho do nhonhô cheiroso! olhem não va morrer de fraqueza — exclamou Roberto com uma expresssão de ironia e um tregeito de cara indefinivel — o tal amganão, prima, parece que cahiolhe no gosto... não quererá tambem guardal-o no seio?... Prima, olhe que não fica bonito a uma moça filha-familia mostrar tamanho empenho assim por um.. um... pé de poeira, que ninguem sabe d'onde veio, nem para onde vae...

Esta grosseira reprimenda fez enrubecer até os olhos a filha do fazendeiro. O rustico primo tinha tocado do modo o mais rude e brutal em uma ferida recente, de que a menina ainda nem dava fé, e a fazia sangrar cruelmente.

Mas aquella primeira perturbação do pudor virginal para logo passou e deu lugar ao despeito e á indignação. Vermelha como lacre, e mal retendo uma lagrima, que lhe pendia da palpebra tremula e scintillante, levantou a cabeça com altivez e respondeu:

— Senhor meu primo, não sei quem lhe deu o direito de me reprehender e regular as minhas acções!... O senhor é muito tolo em pensar que eu lhe devo dar satisfação do que faço e do que digo. Felizmente ainda tenho pae, e é só delle e de mais ninguem que acceito reprehensões, ouvio, meu primo?... Se Vm faz garbo de ser ingrato, eu não quero e nem posso fazer o mesmo; hei de ser sempre muito reconhecida e grata ao moço generoso e delicado que fez por mim, que lhe era inteiramente extranha e desconhecida, o que o senhor, sendo parente e amigo, não pôde ou não quiz fazer.

Esta violenta apostrophe fulminou o pobre do Roberto.

— Oh! prima da minha alma!... o que é isso?... por quem é... não se enfeze... espere... olhe, venha cá... não foi por lhe offender que eu fallei... oh! prima... pelo amor de Deus... não dê o cavaco...

Assim exclamava o desapontado primo com voz chorosa e balbuciante, em quanto a prima que voltára-lhe as costas como mais soberano desdem, desapparecia no fondo do corredor sem lhe dar a minima resposta.

Roberto, que com razão desconfiava de si mesmo, e tinha talvez alguma consciencia do seu pouco merecimento individual, de sua immensa inferioridade

em relação á sua intelligente e encantadora prima, não tinha motivo para contar muito com a affeição e o amor de Paulina. Por isso era elle ciumento como um tigre, e seu coração vivia sempre em continuos sustos e sobresaltos.

Não podia aportar á fazenda de seu tio um mancebo, um homem qualquer de boa apparencia e de algum tratamento, que não tremesse logo pelo seu thesouro, julgando que já lh'o querião roubar, e que logo não voasse para lá sombrio e desconfiado a vigial-o com seus proprios olhos, como o jacaré de sentinella ao seu ninho.

Julgava, — e nisso tinha alguma razão, — que ninguem podia ver Paulina sem que logo morresse de amores por ella, e nao desejasse a todo o custo possuil-a por esposa.

O casamento delle com a prima tambem não passava de uma cousa apenas conversada entre as duas familias, uma hypothese plausivel no futuro, e nada tinha de um compromisso serio, que rigorosamente os obrigasse. Roberto portanto, se bem que nenhum obstaculo até então se oppunha á futura realisação de seu mais ardente desejo, todavia nenhuma garantia segura tinha tambem que o podesse tranquillisar, e por isso razão de sobejo tinha elle para andar com alma entregue a continuos cuidados e inquietações.

Á vista disto faça-se idéa de como não ficaria o coração do pobre rapaz, quando vio installar-se em casa de seu tio aquelle bello e galhardo mancebo, debaixo de tão lisongeiros auspicios, e rodeado do prestigio das extraordinarias e romanescas circunstancias, que alli o trouxérão. O moço, alem de seu nobre e bello porte, tinha maneiras as mais polidas e affaveis, e todas as qualidades proprias para inflammar o coração das moças, e attrahir as sympathias dos homens, prescindindo mesmo desse acto de dedicação e coragem, que o tornára um idolo aos olhos do dono da casa.

Considere-se tudo isso, e diga-se se o pobre Roberto tinha ou não carradas de razão para ficar rebentado de inveja, de despeito e de ciume.

Naquellas ardentes regiões, tão cheias de largos e luminosos horisontes, de grandiosas perspectivas, naquellas veigas risonhas, onde tudo convida a amar, onde a viração quente e embalsamada só respira amor e voluptuosidade, naquelle climas de luz e fogo, se o amor é uma chamma voráz, o ciume é uma peçonha que mata.

E tanto mais cruel e pungente devia ser o ciume de Roberto quanto mais leal e extremosa era a sua affeição; pois o amor que o pobre moço consagrava a sua prima, era puro e santo, como primicias que

erão de um coração virginal e novo, de uma alma infantil e candida. Debaixo daquella crosta grosseira havia muita força de amor, muita paixão, muita energia de sentimento.

Roberto, pois, que tinha o coração quente, mas a cabeça fraca e a indole estouvada, não gostou nada de ver a terna e assidua sollicitude com que Paulina e seu pae tractavão do caçador ferido, e dava aos diabos a maldita caçada, que deu occasião a que viesse parar á casa da sua querida aquelle importuno trambolho.

Para desvanecer a impressão que o joven caçador tinha feito, ou por ventura poderia fazer no espirito de Paulina, Roberto no seu bestunto de creança julgou que não havia melhor meio do que menoscabal-o, deprimil-o, procurando desmerecer aos olhos da prima o immenso serviço que acabava de fazer-lhe.

Tempo perdido!

CAPITULO IV

PAULINA

Eduardo livrando a filha do fazendeiro das garras de um animal feroz, sem querer a tinha entregado indefeza nas mãos de um algoz talvez ainda peior, — a uma forte e irresistivel paixão. A onça a teria estrangulado em poucos instantes; mas a paixão enleando-se astuta e subtilmente como uma serpente em torno de seu coração, n'elle distillava gotta a gotta toda a sua mortifera peçonha.

O caracter melancolico e apaixonado de Paulina, a solidão placida, porém monotona e triste em que vivia, sua imaginação viva inflammada pelos raios de um sol esplendido, e pela seductora perspectiva d'aquelles vagos horizontes uberabenses, cujas linhas se perdem indecisas por longes fumacentos, tudo contribuia para que suas impressões fossem vivas e energicas, seus sentimentos profundos e cheios de

paixão. O primeiro amor que lhe entrasse n'alma, devia decidir por uma vez de sua sorte futura, e tornal-a para sempre feliz, ou eternamente desventurada.

Emfim aquelle vago de emoções, em que lhe ondeava o espirito perdido em scismas melancolicas, aquelle anhelo de uma felicidade ignota, que lhe fazia offegar entumecido o seio n'um doce e indefinivel anceio, achou um objecto em que fixar-se, deparou a incarnação do seu ideal; concentrou-se em Eduardo.

Se bem que até alli não tivesse descoberto nem nas palavras nem nos olhares de Eduardo o menor symptoma de amor, todavia nem lhe passava pelo espirito a idéa de que podesse deixar de ser amada por elle mais tarde ou mais cedo, — credulidade e confiança muito natural naquella alma ingenua e inexperiente, que no enlevo e exaltação de seu affecto acreditava, que aquelle mancebo não podia ter apparecido a seus olhos tanto a proposito e em tão extraordinaria situação, senão expressamente enviado pelo céo para ser seu companheiro e protector, seu anjo tutelar durante toda a sua existencia.

Paulina era bonita, muito bonita, e posto que nada tivesse de vaidosa, nem de faceira, tinha plena consciencia de sua incomparavel formosura. Não era só no espelho, que se fiava; a impressão de assombro,

que produzia em qualquer parte, onde chegava, os comprimentos e homenagens de que se via rodeada em qualquer reunião que se achasse, a inveja das outras moças, os rumores, que lhe chegavão aos ouvidos quando rompia alguma multidão — que linda moça! — que prodigio! — é um anjo!... é um sol! — tudo a confirmava na convicção de que era a mais bella de entre as bellas.

Uma moça com taes predicados, rica e bem educada, não podia deixar de agradar por toda a parte, de render todos os corações, e se Eduardo por ora só lhe fallava com fria polidez, e a olhava com indifferença, era provavelmente porque o seu estado de extrema debilidade ainda não lhe permittia observar nem sentir nada, principalmente na alcova escassamente allumiada em que se achava recolhido.

Estas idéas e sentimentos formulavão-se no espirito de Paulina, não assim limpa e distinctamente como as vamos formulando á maneira de calculo; erão idéas e sentimentos confusos, palpites e aspirações, que lhe ondeavão n'alma, como os vapores transparentes da aurora ondeando na vallada ao sopro das brisas matinaes.

Assim se passárão alguns dias. Eduardo, graças á sua boa compleição, e aos extremosos cuidados e desvelado tratamento, que lhe dispensavão seus hospe-

des, restabelecia-se com rapidez; o amor e as inquietações de Paulina, e os ciumes de Roberto cresciâo na mesma proporção.

Roberto andava inteiramente estomagado com sua formosa prima; mas não ousava queixar-se, nem dizer-lhe nada. Não deprimia mais o muladeiro, e nem se atrevia a tocar na desastrada caçada de onça, que era o seu eterno pesadelo; tinha medo de alguma estralada peior do que a que já houvera, e que a fizesse romper inteiramente com elle. Assim pois assentou de mudar de estrategia, e como tinha ouvido dizer que o desdem é o melhor meio de attrahir a affeição das moças, esforçou-se por apparentar o maior pouco caso do mundo para com a linda prima; fingio-se curado da paixão que por ella tinha; quando acontecia fallar com Paulina ou olhar para ella era com um ar da maior indifferença e para affastar toda a idéa de arrufos e ciumes, era elle mesmo, quem convidava a prima para irem conversar ao quarto de Eduardo. Alli tagarellava èlle a torto e a direito soltando o dique a uma torrente de parvoices sem conta; fallava em namoradas que dizia ter, fingia saudades de uma, exaltava a belleza e as qualidades de outra, contava os ricos e vantajosos casamentos que tinha á sua disposição, esforçando-se por affectar o tom o mais descuidoso e depreoccupado do mundo

Todas essas frioleiras introduzia na conversação, viessem ou não a proposito, porém com ar tão aparvalhado e com tal desazo, que bem se estava vendo que tudo aquillo não passava de um expediente muito sediço, de que lançava mão a ver se picava o amor proprio de Paulina, e se com o seu desdem ella se mostrava offendida. Foi tempo e trabalho perdido. Paulina bem pouca attenção lhe prestava, e Eduardo sorria-se interiormente de tantas parvoices e impertinencias.

Vendo com o maior desgosto que nenhum lucro tirava de similhante estrategia, Roberto mudou as guardas, e tractou de ensaiar o systema contrario. Começou a rodear Paulina de tantos cuidados e attenções, a dirigir-lhe taes lisonjas e galanteios, que além de ridiculo o tornavão soberanamente importuno. Todas as vezes, que Paulina apparecia na sala, na varanda, no jardim, lá surgia pela frente o primo, endereçando-lhe finezas as mais sediças, cumprimentos os mais grotescos, que farião rir Paulina, se não tivesse o espirito tão preoccupado, o coração tão cheio de cuidados e inquietações.

— Ah! prima da minha alma! não faz idéa como está bonita!... esta prima é um peixão!... é mesmo um sol!...

Outras vezes tornava-se todo sollicito pela sua

saude. — Bons dias, prima; — amanheceu hoje tão amarellinha!... coitada!... parece uma defuntinha! mas sempre bonita assim mesmo; bonita como ninguem!... é tal qual uma santinha de cera!... eu já vi uma Nossa Senhora de gesso, que era essa sua carinha sem tirar nem pôr... é preciso a prima dar um passeio lá em casa... suas primas estão com uma saudade da senhora! tambem ha de ser bom para seu incommodo; a mana Mariquinha tambem costuma soffrer disso e dá-se bem com o passeio.

Outras vezes sahia com uma espingarda pelo matto, e fazia as maiores diligencias para trazer á prima uma caça delicada, um jaó, uma paca, uma perdiz.

A prima anda com tanto fastio! talvez esta caça lhe faça abrir a vontade de comer; mande a Suzana preparal-a bem feita para o seu jantar.

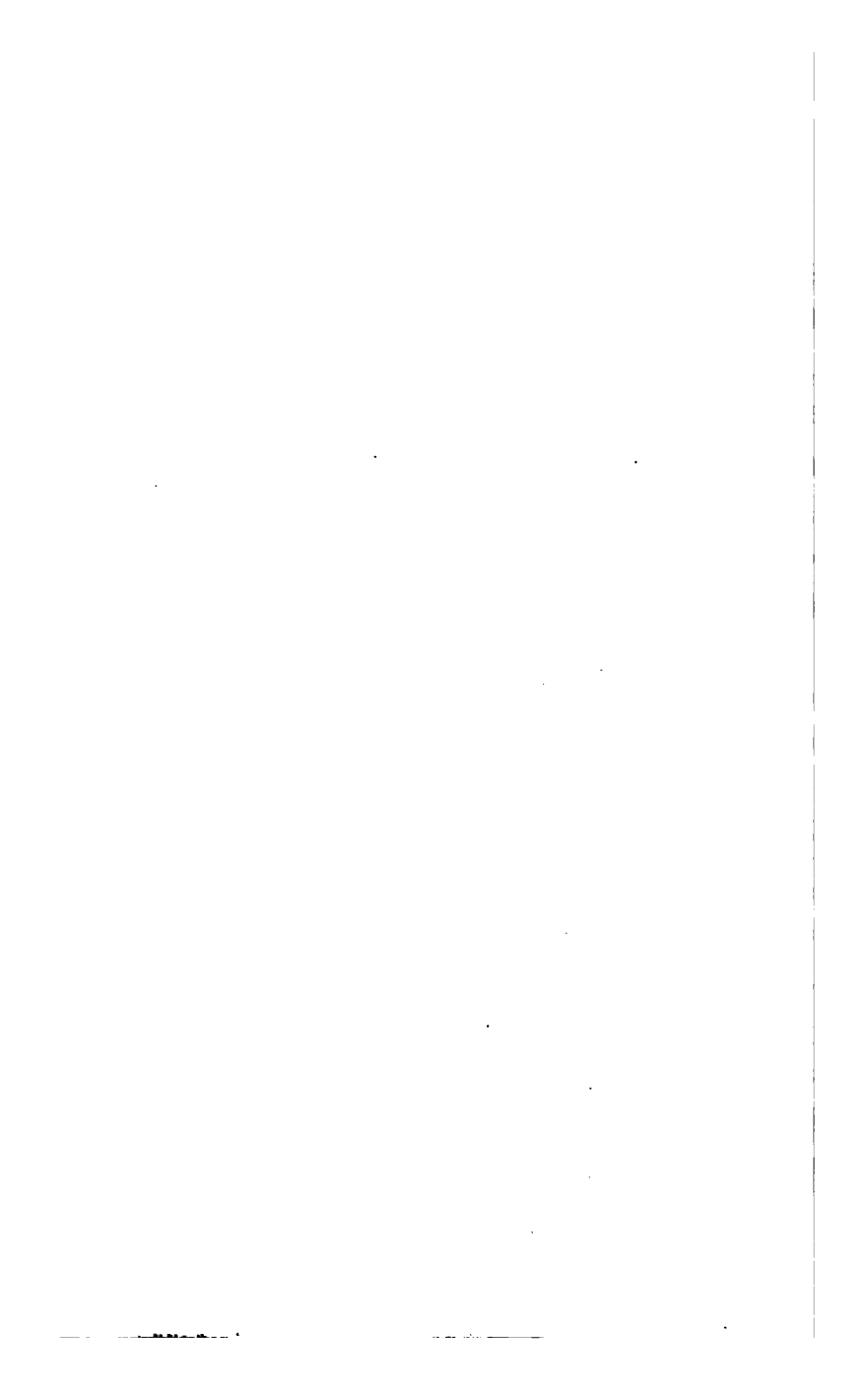
Ai! todos aquelles obsequios, todas aquellas finezas erão perdidas. Paulina bem via que Roberto a amava extremosamente; tinha pena delle, e não desejava magoal-o ainda que suas continúas attenções e galanteios não deixassem de importunal-a. E quanto mais crescia o amor que Eduardo lhe inspirára, mais fria, reservada e mesmo triste se mostrava, não de proposito, mas até mesmo a pezar seu, para com o pobre Roberto. Nem por isso deixava de dirigir-lhe algumas palavras de

agradecimento, e um sorriso, mas tão frio, tão repassado de melancolia, que não podia fazer desabrochar muita esperança no coração do infeliz rapaz.

Roberto trincava de raiva e desesperava-se por não poder vencer a cruel apathia, em que para com elle se achava o coração de Paulina, e lançava mão de todos os recursos, que seu fraco bestunto lhe suggeria. Por fim procurou vencel-a com dadivas e presentes. Uma rica e grossa cadeia de ouro, em que trazia prezo o seu relogio, pedio-lhe que acceitasse em penhor de sua amizade, e firmeza. Offertou-lhe mais uma linda e excellente besta de sella, além de muitos outros mimos delicados e de preço. Dadivas quebrantão penhas, e « a Deos rogando e com la mano dando », tinha elle talvez ouvido dizer senão ao proprio Sancho Pança, ao menos a algum de seus confrades. Importunada para acceitar, Paulina via-se em torturas para recusar similhantes donativos de um modo que o não desgostasse. Pobre amante! infeliz pretendente! disputava com admiravel ardor e tenacidade a posse de um coração, e como não era repellido terminantemente em termos claros e rudes, em sua simplicidade não comprehendia quanto era completa a sua derrota.

Mas Paulina tambem, coitada! era por ventura mais feliz do que elle? É verdade que Eduardo mos-

trava para com ella o mais terno interesse, e a tractava sempre com a mais lisongeira deferencia. Nem outra cousa se poderia esperar de um moço polido e de fina educação, e Paulina attrahia as homenagens e a admiração de todos que a vião. Todavia era ella bastante intelligente e perspicaz para deixar de comprehender que nem nas expressões nem nos olhares de Eduardo, nem em toda aquella affeição, aliás intima e sincera, que o mancebo revelava por ella, não havia a minima centelha de amor. Notava com extremo desgosto que Eduardo andava sempre distrahido e pensativo, que seus olhos andavão sempre passeando ao longe, e como querendo transpôr as distancias com o pensamento. A conversação de Eduardo rolava frequentemente sobre lembranças de sua terra, da qual se mostrava extremamente saudoso, e dando-se por feliz por ter sido como um instrumento da Providencia para proteger a vida de Paulina, não deixava de lastimar o incommodo, que viera atrazar seus negocios, e retardar sua volta ao paiz natal. Um cruel desalento, uma tristeza mortal se apoderava então do coração da moça; mas como a esperança é a ultima companheira que nos abandona no infortunio, ella procurava illudir suas tristes apprehensões, e pensava comsigo :

— Talvez elle seja frio e reservado de seu natural.
— O amor nem sempre brilha nos olhos, ou se derrama em palavras de fogo, e dizem que quando existe occulto assim e guardado no coração, é elle mais forte e violento... Tem saudades de sua terra?... que tem isso?... ha nada mais natural?... tem lá sua mãe, seus parentes e amigos... Quem sabe!... talvez que um dia vamos juntos para lá...

CAPITULO V

Á SOMBRA DA GAMELLEIRA

Assim se passárão uns quinze dias, durante os quas o espirito de Paulina se agitava na mais cruel anciedade entre a esperança e o desalento.

Entretanto Eduardo, mais vigoroso e quasi completamente restabelecido, tinha-se já levantado do leito, em que jazera por tantos dias, e ensaiava alguns passeios em derredor de casa, pelos curraes, pelo pomar e pelos campos visinhos.

Estava uma linda tarde, vaporenta e melancolica, como só as ha n'aquellas descampadas e formosas regiões uberabenses. Como era tempo da queima dos campos, a fumaça das queimadas embaciando os horisontes dava-lhes formas e coloridos vagos e phantasticos. O ar estava morno, immovel e embalsamado. Em frente da casa se desenrolava magico e sublime o panorama das solidões sem fim n'uma successão

interminavel de plainos, florestas, collinas e espigões, cujas formas ião morrer indecisas ao longe engolphadas nas ondas de um vapor dourado. O arpejo tão languido, tão cadenciado do sabiá harmonisava-se docemente com aquelle mystico e voluptuoso remanso, que envolvia toda a natureza. Tambem cantava ao longe o boiadeiro que vinha tocando as manadas para os curraes, e o chiado monotono dos carros, que cortavão os chapadões carregados de fartas colheitas.

Em um angulo do vasto curral que ficava na frente da casa, havia uma d'essas gamelleiras collossaes, como as ha em quasi todos os curraes das fazendas d'aquelle sertão, e que podem abrigar debaixo de sua gigantesca cupula uma numerosa manada de gado, de tronco nodoso e cheio de fendas e cavidades, em qualquer das quaes um homem se abrigaria commodamente do mais violento temporal. Servem ao mesmo tempo de aprisco para o gado, e de coberta, onde se guardão carros, cangas e mais arreios de carriação.

Recostado sobre a mesa de um carro, que se achava á sombra da gamelleira, achava-se Eduardo tomando o fresco, e espairecendo as vistas pela elevadora perspectiva que tinha diante dos olhos; sem duvida scismava saudades de sua terra, de sua mãe, e da sua querida Lucinda. O velho fazendeiro achava-se tam-

bem encostado ao peitoril da varanda, armado de um bom par de oculos, lendo um grosso e velho alfarrabio. Não havia muito tempo que Eduardo se achava alli entregue a seus pensamentos, quando Paulina descendo ligeiramente a pequena escada de pedra que vinha dar ao curral, trouxe-lhe uma cesta de laranjas, e lh'as offereceu com um encantador sorriso e expressões cheias de amabilidade. Como seu pae se achava alli á vista, entendeu que nenhum mal ia á sua honestidade e recato em conversar a sós com Eduardo alguns momentos. Ha muito que suspirava por uma occasião de entreter-se com elle sem testemunhas, e procurar devassar-lhe, se possivel fosse, os segredos do coração, e por isso aproveitou-se com soffreguidão d'aquella primeira opportunidade que se lhe offerecia, e vencendo a custo o natural pudor e acanhamento, encetou timidamente uma conversação cuja direcção já tinha ideado.

O primo Roberto porém, que sempre desconfiado e ardendo em zelos não perdia um só passo de Paulina e Eduardo, já de uma janella os estava observando, e não podia supportar com paciencia aquelle espectaculo, que o torturava. Interromper e perturbar a todo transe e de qualquer modo que fosse, aquillo que a seus olhos era uma entrevista despejada e escandalosa, foi logo o seu pensamento. Intro-

metter-se bruscamente de permeio na conversação seria uma grosseria, que iria magoar sua prima, a quem ao lado do muito amor tinha elle muito respeito ou antes muito medo.

— Com mil diabos! exclamava Roberto trincando os dentes e arrancando os cabellos. — Lá estão a conversar sózinhos! o que estarão cochichando aquellas duas almas! eu déra a vida por ouvir tudo!... aquella prima jurou de me estraçalhar o coração. Doidinha!... ás barbas de seu pae, e á minha vista, estar a cochichar com um estranho!... e continuão!... não sei onde estou que... e como se estão derretendo um com outro! oh! não! isto é demais... não consinto.

Entretanto aquelle silencio e serenidade, que ainda ha pouco reinava em torno d'aquella pacifica habitação, tinha-se convertido em tumulto e algazarra infernal. O gado que chegava do campo e entrava de tropél pela porteira do curral, atordoava o ar com seus mugidos; não menos atordoadora era a gritaria dos campeiros, que o tocavão. Os negros que vinhão do trabalho e se recolhião ás senzalas ou conversando ou cantando em voz baixa ao toque da marimba fazião um zumbido semelhante ao das abelhas, quando se recolhem ao colmeal. Não menos gritava o patrão lá de sua varanda interrompendo a

espaços sua leitura para ralhar e dar ordens a seus campeiros e escravos. Emfim o chiado dos carros, que se avisinhavão carregados de canna para o engenho, acabava de asoinar todos os ouvidos com aquelle zunido agudo, incessante, desesperador, que nos martyrisa e quasi arromba os tympanos, som de uma intensidade e aspereza tal, que não ha no diccionario palavra assaz expressiva para significal-o.

Emquanto se dava toda aquella barafunda e vozeria, Roberto desceu aos pinotes para o curral boleando em torno da cabeça um comprido laço. Aquella tropelada tinha-lhe suggerido um expediente, que de prompto tractou de pôr em execução para atrapalhar a conversa dos dous jovens.

— O lá, prima ! — bradou elle de longe para Paulina com voz atrodoador e sempre boleando o seu laço. — Olhe cá ; quer ver como se laça e se dá um tombo de rachar em qualquer destes bolsinhos. — Mathias ! — gritou elle para um dos campeiros, toca para cá aquelle boi laranjo ; espanta-o bem, de modo que venha bem disparado.

O rapaz espantou o boi, que correndo á disparada passou a algumas braças de distancia por diante de Roberto ; este atirou-lhe o laço, que cahio-lhe direito sobre os chifres. O moço segurou a extremidade do

laço sobre o quadril, estacou, fez fincapé, e deum safanão fez tombar de costas o misero animal.

Conhece, boisinho! — bradou Roberto, e correndo para o boi sem dar-lhe tempo de levantar-se agarrou-lhe nas pontas, cravou-as no chão, e sentou-se sobre o boi, que ficou sobjugado e sem poder mexer-se do logar.

Està vendo, prima, como se escorna um boi!... Agora vou peialar aquelle garrote pintado, que alli está me fazendo fosquinhas. Quer que peiale pelas mãos ou pelos pés? ein, prima?... toca esse boisinho, Mathias.

O escravo espantou o novilho, que sahio aos corcóvos. Roberto boleou o laço, e apanhou-o pelas patas dianteiras, dando ao pobre animal um horrivel tombo, que o fez revirar pelos ares de cambotas, e estourar no meio do curral de um modo lastimoso.

— O' lá, senhor Roberto!... gritou da varanda o velho com voz aspera; —Que brincadeiras são essas! Vmce dessa maneira vae a me dar cabo de quanta rêz tenho no curral.

— Não tenha susto, meu tio; queria sómente desabusar este novilho; este diabo está muito arisco; precisa de levar todos os dias uma boa esfrega; senão tão cedo não serve para o carro.

— Não duvido, meu sobrinho; mas não é que-

brando-lhe as costéllas nesse chão duro, que virá a servir. Por favor modere essas esfrégas, que são mais do matar, que de amansar.

— Não tenha cuidado, meu tio; estou muito acostumado a lidar com este bicho... Vio, minha prima, como se joga um pialo bem jogado.

O amalucado rapaz vingava-se assim nos pobres bois da raiva, com que estava contre Paulina e Eduardo, e emquanto assim desabafava procurando atrapalhal-os, escutemos a curta conversação, que tiverão á sombra da gamelleira, conversação a cada passo interrompida pelos gritos e algazarras do atabalhoado primo. Foi Paulina quem a encetou pelo seguinte modo:

— Como *lhe* vi aqui tão sósinho e tão triste, Sr Eduardo, tomei a liberdade de vir trazer-lhe estas laranjas para se refrescar e tambem se distrahir com ellas. Bem vejo, que é fraca distracção, mas ao menos emquanto as descasca...

— Ora, D. Paulina!... um presente de suas mãos seria bastante para acabar com toda a minha tristeza, no caso que eu tivesse tristeza no coração. Acha então a senhora, que ando triste?

— Muito, e cada vez vae-se tornando mais triste, e não é de hoje que reparo isso.

— Devéras, minha senhora?... pode ser, e nesse

caso será já o effeito da saudade, que hei-de levar deste bello sitio, e das pessoas, que nelle morão.

Este principio não estava máo, e Paulina a estas ultimas palavras do mancebo sentio ameigar-se-lhe o coração ao sopro de uma aura de esperança.

— Não parece, – replicou Paulina; o que pelo contrario me parece certo, é que as saudades que tem da sua terra, não lhe dão muito tempo para pensar em nós.

— Oh! perdão, D. Paulina; a senhora me faz grande injustiça: não sou ingrato a tal ponto, que as saudades dos meus e da minha terra me risquem da memoria pessoas, a quem devo tantas finezas, e as quaes sempre trarei gravadas no coração. Lembro-me na verdade sempre e com muita saudade de minha bella Franca; tenho lá minha mãe, parentes, amigos, e...

Eduardo interrompeu-se e suspirou.

— E mais alguma cousa, não é assim? atalhou Paulina esforçando por sorrir-se, porém com o coração n'um susto, n'uma anciedade como quem espera a sentença, que vae decidir de todo o seu futuro.

— Sim, senhora; e mais alguem, — respondeu Eduardo com acento melancolico, — para que hei de eu negal-o, e sempre que olho para a senhora, me lembro de uma moça que lá conheço.

— Então parece-se commigo?

— Alguma cousa... ao menos na formosura. Linda como ella, só a senhora e mais ninguem.

— Que lisonja! murmurou Paulina, que cada vez se tornava mais pallida e estava branca como papel.

— Lisonja não, senhora. Eu pensava, que não seria possivel encontrar no mundo creatura tão bella como Lucinda; depois que vi a senhora, desenganei-me, e fallo sinceramente e com o coração nas mãos, se não quizesse tanto bem a Lucinda, teria impreterivelmente de amar a senhora...

— Quem sabe!... disse automaticamente Paulina, desconcerta'a, tremula e sem já saber o que dizia. — Então o senhor quer muito bem a essa moça?

— Muito! muito! — disse Eduardo com exaltação e sem reparar na crescente perturbação de Paulina. Amo-a sincera e ardentemente, e nunca, nunca hei de deixar de amal-a.

— Feliz mulher!... mas dizem, que os moços tolos são tão inconstantes...

— Póde ser... mas eu... eu nunca serei infiel... porém, D. Paulina!... que tem?... está tão pallida e tremula! meu Deos! está soffrendo alguma cousa?..

— Não é nada; — replicou Paulina esforçando-se por mostrar-se tranquilla; — quando o sol entra,

este sereno da tarde sempre me faz calafrios. É bom que me recolha. Boa noite, Sr Eduardo.

Roberto, que com suas algazarras e proezas com os bois nada tinha conseguido no intuito de perturbar o colloquio de Eduardo e Paulina largára o laço, e sahindo sem ser notado para fóra do curral, e cozendo-se com a cerca do mesmo viera subtilmente postar-se junto delles, de modo que sem ser visto podia optimamente espreital-os e escutal-os. Chegou justamente a tempo de ouvir clara e distinctamente aquellas palavras de Eduardo — Amo-a muito; amo-a sincera e ardentemente, e nunca, nunca hei de deixar de amal-a. — Suppõe para logo, que erão dirigidas a sua prima, e não quiz ouvir mais. Desta vez não pôde conter-se, rangeu os dentes enfurecido, e sem attender a consideração alguma puxou pela faca, que sempre trazia á cinta, e agil como um gato saltou de um pulo para dentro do curral.

Exactamente no instante, em que Roberto de faca em punho saltava a cerca e avançava furibundo para os dous, um troço de gado, que os campeiros estouvadamente escaramuçavão pelo curral, entrava atropelladamente por baixo da gamelleira e ameaçava envolver em seu turbilhão a pobre Paulina no momento em que tendo-se despedido de Eduardo se ia retirando. Roberto vendo o eminente perigo, que corria

sua prima, esqueceu-se de sua colera, e em vez de avançar para Eduardo, correu a acudi-a. Assim por um estranho capricho do acaso, que tambem parecia zombar de infeliz rapaz, achou este mudado o seu papel no momento em que entrava em scena, e forçoso lhe foi acceitar a mudança. Em dous saltos collocou-se junto a Paulina, e protegendo-a com o corpo, e a pontapés esparrodava para um lado e para outro o gado, que corria de tropel para o lado della. Eduardo tambem, apezar de sua fraqueza, lançando mão de um ferro, que arrancou do carro, saltára para junto de Paulina. Affugentado que foi o gado, e passado aquelle incidente, Roberto achou-se em presença de sua prima e de Eduardo na mais estranha e esquerda situação, que imaginar-se póde. Estes desua parte nem por sombra podião desconfiar, qual tinha sido a sua primeira e sinistra intenção, pois que na triste disposição de espirito em que se achavão, nem tinhão visto donde elle surgira, e estavão na persuasão que elle alli se apresentãra no unico intuito de acudir a Paulina. Esta com vóz tremula e com um sorriso forçado, lhe rendia os devidos agradecimentos.

— Deos lhe pague, meu primo; o senhor é um valente; se não fosse o senhor, esses malditos bois me terião esmagado... ah! meu Deos! — accrescentou

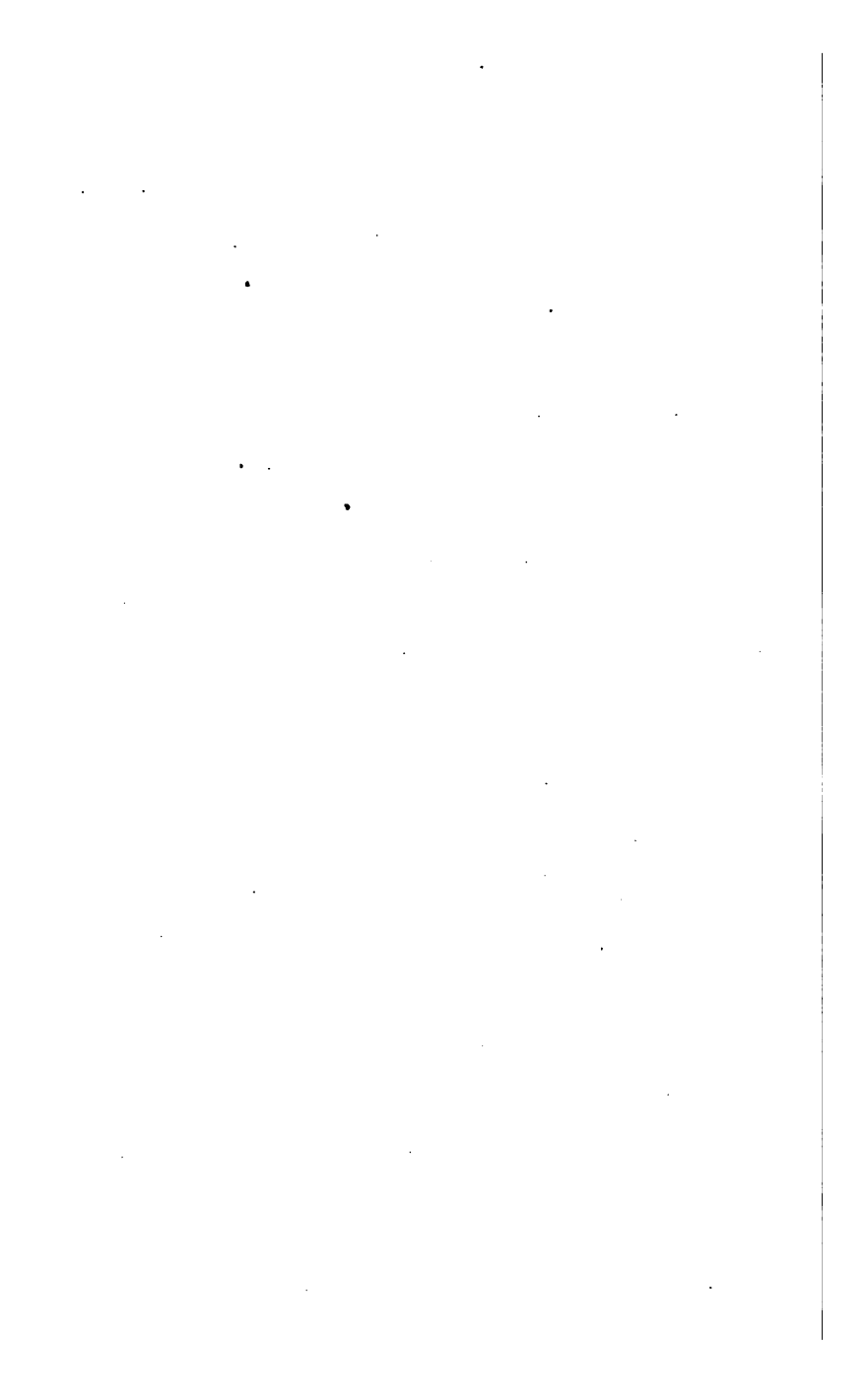
lançando a Eduardo um rapido olhar — que dia aziago este de hoje !

Roberto desconcertado, com os olhos baixos e como que corrido nada respondia a sua prima, e não sabia o que devia dizer, nem fazer. O infeliz até mesmo em seus furores soffria os mais estranhos e crueis desencantamentos.

— Que é lá isso, senhores ? — gritou da varanda o pae de Paulina, que observára aquelle alvorôto. — Menina, o que andas fazendo no meio desse curral cheio de gado bravo e espantadiço ? Sr Eduardo, recolha-se tambem ; olhe que este sereno não lhe pode fazer bem.

Roberto entendeu, que devia escoltar sua prima, e conduzio-a para casa. Eduardo acompanhou-os e deixou-se ficar na varanda, em quanto Paulina retirando-se para seu aposento foi devorar em segredo sua angustia e desesperação, e ensopou de lagrimas o travesseiro, por não ter um seio amigo em que pudesse derramal-as.

Tinha no coração amarguras a transbordar, e as lagrimas que chorava, lagrimas de fel e fogo, nâo podiâo allivial-o. Era desgraçada e não tinha a quem lançar a culpa de sua desventura, senão ao destino ou ao céo que trazendo alli aquelle mancebo em tão fataes circumstancias viera como que de proposito e

sem piedade arrojal-a no caminho do infortunio. A morte era o unico pensamento consolador, em que se abrigava aquella alma ulcerada. Tão vivo e ardente fôra o affecto que concebêra por Eduardo, tão doloroso o golpe, que este sem querer acabava de lhe vibrar no coração.

CAPITULO VI

O JURAMENTO

Eduardo achando-se a sós na varanda debruçou-se sobre o parapeito e com a cabeça entre as mãos reflectia sobre as occurrencias daquella tarde. A estranha perturbação em que cahira Paulina no fim da conversação que com elle tivera, lhe causava a mais dolorosa impressão. Já por vezes lhe despontára no espirito a suspeita de que Paulina havia concebido amor por elle, por maior que fosse o cuidado e o esforço desta em occultar seus intimos sentimentos, e esta idéa o affligia summanente. Foi de alguma sorte de proposito para sondar o coração da menina e atalhar os progressos de uma paixão, a que não podia corresponder, que Eduardo não hesitou em fazer-lhe a relação do amor, que consagrava a outra. Comprehendeu então claramente quanto extremo de paixão abrasava aquella alma candida e sensivel, cuja

paz viera perturbar com seu apparecimento a um tempo providencial e desastrado. Teve infinita pena d'ella, e arrependeu-se mil vezes das palavras que lhe disséra e da cruel revelação que lhe fez sem calcular ao consequencias. Teria sido menos cruel deixal-a na incerteza, e encarregar ao tempo e á ansencia a cura de um mal, que elle com suas palavras não fez mais que exacerbar.

Além disso accrescia a consideração de que Roberto o reputava um rival e não podia encaral-o com bons olhos. Sómente o velho chefe da casa não tinha para com elle prevenção alguma. Achava-se pois Eduardo em posição summamente melindrosa n'aquella casa, e sua estada alli por mais tempo não poderia deixar de produzir scenas desagradaveis e funestos resultados. Era-lhe pois forçoso e indispensavel deixar o mais breve possivel aquella fazenda, e quanto mais pensava e reflectia, mais se firmava nessa resolução.

Destas reflexões o veiu despertar Roberto, que se aproximando bruscamente, disse-lhe em tom aspero e secco:

— Sr Eduardo, é preciso que sem mais demóra o senhor saia desta casa!...

Eduardo olhou para elle espantado.

— O que está dizendo, homem ? respondeu-lhe.

— É preciso, que o senhor saia quanto antes desta

casa, repito, se não quer que eu ou o senhor nos ponhamos a perder.

Eduardo ia assomar-se; mas reflectio, que nenhum proveito tirava em brigar com aquelle simples e estouvado rapaz; reportou-se e respondeu-lhe.

— Sr Roberto, eu por ora acho-me muito bem aqui, e nem vejo motivo algum para pôr-mos-nos a perder. Os donos da casa creio que nem por sombra pensão em despedir-me; e como quem quer o senhor enxotar-me?

— Se o dono da casa soubesse que o senhor anda querendo lhe desencaminhar a filha...

— Alto lá, senhor calumniador! devagar com isso! onde e porque modo vio o senhor que eu faltasse ao respeito no minimo ponto que fosse á Sra D. Paulina?... se aturo com paciencia suas sandices, não estou de animo a aguentar tão infame calumnia.

— Sandeu e calumniador será elle! veja onde está e com quem falla... olhe que não sou nenhum caipira tocador de burros, arrieiro ou capataz de tropa. Cuida que não ouvi... ainda agora... alli debaixo da gamelleira?

Com esta arrieirada Eduardo ia perdendo a paciencia, e posto que nenhuma arma tivesse comsigo e se achasse ainda fraco e em convalescença para poder medir-se com um athleta armado de faca e

cacete e em pleno gozo de saude e robustez, já de punho fechado se dispunha a responder-lhe com meia duzia de sopapos, quando uma idéa que atravessou-lhe o espirito deteve-lhe o braço.

— Ouvio o que, senhor amansa-garrotes? perguntou elle. Falle; não esteja a me impacientar com suas meias palavras.

— Ouvi, sim; ouvi o senhor estar se derretendo todo, e dizendo melurias a minha prima; até por signal, que estava lhe fallando assim : hei-de amal-a sempre; nunca mais hei de deixar de amal-a.

A estas palavras Eduardo, apezar da triste e grave disposição em que se achava, apezar da impaciencia e indignação, que lhe causavão as impertinencias e improperios do primo, não pôde conter uma gargalhada.

— E o senhor ainda ri-se! bradou Roberto enfurecido, e avançando com gesto ameaçador.

— Tenha mão lá, senhor Roberto; disse Eduardo segurando lhe brandamente o braço. O caso não é para brigarmos...

— Como não? queria ainda mais?

— Ora venha cá, escute um pouco, senhor Roberto dos meus peccados. Eis ahi a que nos podem levar as apparencias. Um engano da sua parte o ia levando a praticar desatinos contra uma pessoa que

nunca o offendeu, e nem lhe deseja mal algum. Mas o senhor está desculpado, pois de certo não ouvio toda a conversa, e era facil enganar-se.

— Ouvir mais para que?... foi de sobra o que eu ouvi.

— Não é assim, homem de Deus; tenha paciencia, escute-me. Sua prima vendo-me alli sentado sósinho e pensativo, perguntava-me a razão porque ando triste, e se já estava aborrecido de estar aqui. Eu respondi-lhe que me achava muito bem nesta casa, porém que tinha muitas saudades de minha terra, e principalmente de uma pessoa de lá, de uma moça a quem quero muito bem, com a qual se Deus não mandar o contrario, tenho de me casar. Era d'essa moça, que eu dizia a sua prima, que nunca hei de deixar de amal-a.

— Vá contar essa mais adiante, que por cá não péga. Com essa ainda não me embaça, Sr Eduardo.

— Oh! senhor!... que necessidade tenho eu de enganal-o?... creia, que é a pura verdade; juro-o por minha alma, e se isto não basta, pode perguntar á propria D. Paulina.

Ao ouvir a explicação de Eduardo, Roberto sentio no intimo d'alma uma alegria, um allivio como ha muito tempo não experimentára. Parecia-lhe que lhe tinhão tirado um enorme peso de cima do coração,

e tomando a mão de Eduardo, disse-lhe com effusão :

— Perdoe-me, meu amigo; agora vejo que fui um grosseiro, um estonteado. Mas o senhor bem deve saber, que onde ha amor ha ciume, e eu... não posso negar, quero um bem a minha prima... o ciume é um inferno... faz a gente dar por páos e por pedras sem saber o que faz... arre! cruz!.. eu mesmo estou envergonhado... mas esqueçamo-nos disso, Sr Eduardo; aperte esta mão, e fiquemos amigos como d'antes.

— Pois não, senhor Roberto; amigos sempre como d'antes. O senhor tem toda a desculpa; o caso não era para menos. Mas espero, que fique firmemente acreditando, que eu nem de leve sou capaz de faltar ao respeito nem desencaminhar a quem quer que seja, quanto mais a senhora sua prima a quem tributo o maior respeito, sympathia e até admiração, que de tudo isso ella é merecedôra, mas sem a menor dose de amor, por que como já lhe disse, tenho o coração occupado e minha palavra compromettida com outra.

— Isso é que eu queria saber. Agora sim! posso ficar com o coração socegado, já que o senhor me affirma e jura, que não quer bem nem tem pretenção alguma sobre minha prima... e que nunca...

— Sim, senhor Roberto; atalhou Eduardo acu-

dindo ao embaraço do pobre rapaz e adivinhando-lhe o pensamento. Juro-lhe pelas cinzas de meu pae, que sinto pela Sra D. Paulina muita affeição, mas que esta affeição em nada se parece com amor; e juro-lhe tambem, que nunca em dias de minha vida pôrei o menor embaraço, nem servirei de estorvo por qualquer modo que seja ao seu amor, e ao seu futuro casamento com ella. Bem sabe que sou paulista, e quando um paulista jura... nem é preciso jurar; basta dar sua palavra, nem que lhe cortem a cabeça, é capaz de faltar a ella.

— Muito bem!... viva isso, meu amigo!... assim é que eu gosto de um homem. Toque aqui, havemos de ser sempre amigos... E adeus! não quero aborrecel-o mais. Boas noites.

Já era noite fechada. Eduardo recolheu-se a seu quarto cada vez mais firme na resolução de retirar-se o mais breve que lhe fosse possivel d'aquella casa, onde o acaso o havia conduzido para ser sem o querer a chave do enlace de um drama, cujo desfecho poderia ser fatal.

Quanto a Roberto, esse respirava emfim desafôgado, com o espirito livre do pesadello, que o perseguia, isto é sciente de que um homem, como era o senhor Eduardo, de tanto merito e galhardia, longe de ser seu rival morria de amores por outra.

Portanto apenas d'elle se despedio andou por todos os cantos da casa em que podia penetrar, á cata da prima a fim de expandir um pouco com ella o contentamento de que se achava possuido. Debalde : a pobrezinha tinha-se encerrado em seu quarto e nessa noite ninguem mais lhe vio o rosto. E o simples do primo não comprehendia, que aquillo mesmo que tanto prazer lhe causava, levára angustia mortal ao coração de sua prima.

D'ahi a dous dias Eduardo despedia-se da casa do Sr Joaquim Ribeiro, depois de se trocarem de parte a parte os mais vivos protestos de eterno reconhecimento e amizade, e depois de ter Eduardo renovado em particular a Roberto o juramento de nunca ter pretendido e nem pretender para o futuro ao amor, nem á mão da senhora D. Paulina.

Ao apertar na despedida a mão d'esta, sentio que estava gelada, e que a agitava um tremor convulso, que ella procurou disfarçar retirando-a promptamente. Eduardo, como fica dito, sentia por ella a mais viva e terna sympathia; compungio-se dentro d'alma, e não pôde conter as lagrimas que lhe rolavão pelas faces. Paulina as vio e não pôde chorar, por que a angustia lhe havia seccado a fonte das lagrimas.

Da janella de seu quarto ella vio Eduardo sumir-se

além das ultimas collinas. Nesse momento os ouvidos lhe zunírão, e seus olhos se escurecêrão.

Pareceu-lhe que o tumulo a devorava em vida, e que sua alma se affogava nas trevas da noite eterna.

CAPITULO VII

O CASAMENTO

Era uma bonita e radiante tarde de sabbado.

A Villa-Franca do Imperador, linda e risonha povoação da provincia de S. Paulo, — como que se espanejava alegre e faceira em cima de sua collina aos ultimos raios do sol de dezembro.

Era vespera do dia de descanço para os que verdadeirámente trabalhão, de prazer para os patuscos e folgazões, missa e rezas para os padres e devotos.

Na verdade descança-se, reza-se e diverte-se muito em todos os domingos. Mas as tardes e noites de sabbado sabem muito mais do que as de domingos. N'aquellas espera-se pela festa, o que dizem ser o melhor d'ella; n'esta acaba-se com ella, o que não deixa de ser triste.

Ninguem deita-se da cama mais aborrecido em uma noite de domingo do que o estudante, o lente, o em-

pregado publico, o jornaleiro, enfim do que todo mundo — catholico, bem entendido, — á excepção do soldado, do escravo e outros miseraveis, para os quaes não ha domingo nem dia santo, e do imperador, do duque, do frade e outros, para os quaes todo o dia é dia santo.

Eis a razão, por que se escolhem de ordinario as tardes e as noites de sabbado para os casamentos, baptisados, bailes, concertos, espectaculos, emfim para tudo quanto e regosijo.

No largo da matriz da Franca havia mais um motivo para a effervescencia da alegria e do prazer.

Celebrava-se nesse dia com muita pompa e arrôjo o casamento de uma moça pertencente a uma das mais ricas e distinctas familias da Franca. Os sinos repicavão alegre e incessantemente entre as mãos de encarniçados rapazes; uma immensidade de foguetes e girandolas estouravão nos ares, e toldavão a atmosphera com uma abobada de fogo e fumo. Á porta da igreja restrugia uma numerosa banda de musica. Na igreja, pelo adro, pelas ruas não se via senão gente alegre, alardeando asseiados e garridos trajes domingueiros, pois em toda a villa não ficou uma pessoa, que puzesse gravata ao pescoço, que não fosse convidada. Parecia aquelle noivado uma festa publica, e fazia recordar as bodas de Gamacho.

A moça era formosa por sua rara belleza, e fôra o alvo cobiçado e disputado por muitos e guapos pretendentes de fóra e do logar. Era filha do major José Ferreira, um dos mais abastados fazendeiros de toda a comarca e chamava-se Lucinda.

Pelo nome e pelos predicados o leitor já terá atinado que a noiva não era mais nem menos senão a namorada, a senhora dos pensamentos do joven muladeiro Eduardo, que vimos quasi papado por uma onça na fazenda de Joaquim Ribeiro, querendo salvar-lhe a filha. Adivinhou e sem duvida terá tambem adivinhado, que o noivo era o proprio Eduardo, e nada mais natural; erão dous amantes firmes, que ha muito tempo se querião, e dignos um do outro; dous bellos e interessantes jovens, para os quaes de ha muito o hymeneo entretecia sorrindo os laços de seda e ouro, com que devia unil-os para sempre.

No momento, em que os dous guapos e jovens noivos com as mãos enlaçadas recebião em face do altar-mór a benção nupcial, um viandante cavalgando uma linda e possante mula coberta de poeira e suor, envolto em uma pala de linho branco, e calçando botas de matteiro guarnecidas de largas chilenas de prata, entrava pela villa e passando pela largo da matriz, ao vêr aquella influencia de povo e alvoroto festival.

picado de curiosidade apeou-se para ver que santo se festejava, e ao mesmo tempo rezar uma oração e dar graças ao céo por ter-lhe dado até alli prospera viagem. Deixando o animal entregue ao camarada que o acompanhava, entrou pela porta principal, atravessando a custo a multidão. A cerimonia estava concluida, e os noivos entonados e radiantes vinhão descendo da nave para a porta do frontispicio, atravessando a multidão que se abria para dar-lhes passagem, como dous soberbos cysnes cortando as ondas encrespadas de um lago agitado pelos ventos. Vendo o grande prestito que vinha pelo meio da igreja, o viandante arredou-se para um lado para vel-o passar. Os noivos, que vinhão na frente, foi como era natural o primeiro objecto de sua attenção. Mal deu com os olhos n'elles — Lucinda! — bradou elle com vóz, que resoou por toda a igreja.

Ao som d'aquella vóz Lucinda empallideceu e cambaleou. Todos voltárão-se para o lado d'onde elle rompêra; mas o viandante, agachando-se, encolhendo-se, rompeu sereno e rapido como uma setta por entre a turba, que se agitava, e em quanto todos attonitos indagavão com os olhos d'onde partira aquelle grito, sahiu rapidamente por uma porta travessa, montou de um salto a cavallo, e desappareceu no primeiro becco que encontrou. Foi direito apear-se em casa de

sua mãe, em cuja companhia morava sempre que estava na Franca.

— Meu filho! emfim... sempre chegaste! exclamou a velha, apenas o vio, estendendo-lhe os braços.

— Ah! minha mãe! minha mãe! exclamou o mancebo, e lançou-se nos braços d'ella soluçando, mas com os olhos seccos e chammejantes.

— Que tens, filho, que estás assim amarello e a tremer...

— Que golpe, minha mãe! que golpe acabo de receber!

— Golpe, meu filho?... agora?... dizia a mãe assustada reparando por todo o corpo.

— Neste instante.

— Mas... não vejo sangue... onde foi o golpe? falla, meu filho; não me assustes assim.

— Não é isso, minha mãe; Lucinda... quem o diria!...

— Ah! já sei; já sei. Já se casou...
Graças a Deus, respiro socegada; pensei que te havia succedido alguma desgraça.

— Pois quer maior desgraça, minha mãe?...

— Qual desgraça, menino! não perdes nada com isso...

— Ah! minha mãe, só Deus sabe quanto perco. Perco o socego e a alegria do coração e para sempre...

— Qual para sempre! estás ainda muito tôlo, meu filho. Não ha magôa, que o tempo não console. Tu és ainda muito criança. Não faltão por esse mundo moças mais bonitas que a Lucinda, e — aqui entre nós — mais bem educadas, que te queirão. Es um rapaz bem parecido e de muito boas maneiras; o ponto é que sejas comportado e saibas trabalhar, como até aqui tens feito, que noivas ricas e formosas te sahirão aos centos.

— Nem fallar n'isso, minha mãe! eu acreditar mais em moças!?... não quero sujeitar-me a levar outra vez uma desfeita d'estas.

— Socega, meu filho; ha males que vem para bem. Bem sabes, que nunca approvei muito essa tua inclinação para similhante rapariga. Achava n'ella um não sei que de leviana e de estouvada que nada me agradava, e nunca tive fé com esta gente de Ferreiras; são todos falsos, e sem palavra. A prova estás vendo. Queres que te diga uma cousa?... se não te visse tão agoniado, era este um dos dias mais felizes de toda a minha vida.

— Mas, minha mãe, ella mostrava querer-me tanto, e os paes parecião fazer tanto gosto em nosso casamento. Quem sabe se não houve por ahi algun embuste, alguma patranha... aquelle Hyppolito é um infame capáz de tudo.

— Meu filho, se eu disser que ahi não houve de todo sua tal ou qual velhacaria da parte do moço, minto. Mas historias! aquillo é mesmo gente sem cruz nem cunho.

— Ah!... logo vi. Então sempre houve patranha.

— Um enredo que de nada valeria, se elles fossem pessoas de palavra.

— Mas emfim, minha mãe, qual foi esse enredo?... estou ardendo por sabel-o.

— Tu pensas, que não se soube logo por aqui de uma celebre caçada de onça, em que andaste lá pela Uberaba?... Correu por aqui, que com risco de vida tinhas livrado das goélas de uma onça uma mocinha, filha de um fazendeiro muito rico, e que dizem ser linda com um sol.

— Até ahi tudo é pura verdade; mas que tem isso com...

— Vae escutando. Disserão mais que ficaste por tal fórma embellezado pela tal mocinha, que te invernaste na dita fazenda a ponto de parecer que de lá nunca mais sahirias, que eras lá todo de dentro, e já parecias um filho da casa; que já nem cuidavas de teus negocios, e mil outras cousas, que não me lembro.

Eduardo suspirou. Este suspiro era um pensamento vago, que queria dizer : — Pobre Paulina!... antes assim tivesse acontecido!

— D'aqui a Uberaba não é longe, — continuou a velha, — umas vinte legoas quando muito, e não faltárão portadores, que cá trouxessem todas essas novidades. De todas essas cousas o espertalhão do Hyppolito da Canna-Verde, que bem sabes, que era um dos maiores apaixonados da Lucinda, se aproveitou e foi mettel-as todas nos ouvidos d'ella e dos paes, e de certo accrescentando pontos e pintando a cousa com côres ainda mais feias.

— Ah! miseravel intrigante ! bradou Eduardo batendo os queixos e espumando de colera. — Não soube aquelle infame dizer tambem que estando eu a caçar o acaso me fez chegar áquella fazenda perseguindo uma onça; que fiz por aquella moça o que faria todo o homem de bem e de coragem, — não elle, que não tem brios, e não passa de um miseravel poltrão ; — que a onça arrojando-se sobre mim feriu-me gravemente, e atirou-me no chão sem sentidos e esvaindo-me em sangue...

— Santo Nome de Jesus!... exclamou a velha benzendo-se. — Disso ninguem soube por cá. Que perigo! santo Deos!... nunca deixarás dessa maldita mania de caçar!... e como vaes? — não soffres mais nada?...

— Nada, minha mãe, graças a Deos. Não tive senão perda de sangue, e estou perfeitamente bom. O

tratante, continuou elle, esqueceu-se tambem de dizer, que fui levado em braços para a casa do fazendeiro, e que forçoso me foi ficar alli longos dias para curar minhas feridas e restabelecer minhas forças quasi de todo esgotadas em razão da immensa perda de sangue ; que se fui tratado com todo o carinho e desvelo pelo pae e pela filha, é porque nenhuma outra cousa se devia esperar de pessoas de coração bem formado e agradecido vendo-me em tal estado, ainda que nenhum serviço tivessem de mim recebido.

Esqueceu-se tambem o infame velhaco, que essa moça desde creança está promettida em casamento a um primo e visinho seu, que a estima extremosamente ; emfim que por esses motivos todos foi-me indispensavel demorar pela Uberaba muito mais do que seria preciso para aviar meus negocios, soffrendo não pequenos prejuizos. Ah! maldito mexeriqueiro! — concluio Eduardo espumando de raiva e dando sobre uma mesa um murro furioso. — Não sei onde estou, que não vou já arrancar-te essa lingua damnada e com ella essa alma de lama!... mas todo o tempo é tempo. Amanhã... amanhã temos de ajustar contas, infame trapaceiro.

— Socega, meu filho; não te ponhas a perder por tão pouco. A culpa não é tanto do Hyppolito. Se a Lucinda e sua gente tivessem grande empenho no teu

casamento, não terião acreditado tão de leve nesses mexericos. Olha o que te digo; os Ferreiras não estão lá muito bem de fortuna, por mais que se diga. O Hyppolito tem fama de possuir mundos e fundos, posto que seja um gangolina, um trapaceiro. Demais é ainda parente delles, e essa gente gosta muito de casar parente com parente e por isso é que vae sahindo essa perrada mofina que estás vendo. E tu, meu filho, não passas de um principiante, e eis ahi porque...

— Seja lá como fôr, minha mãe, — interrompeu com impaciencia o filho, — em todo o caso é uma tremenda desfeita, que me fizerão, um desaforo, que não posso por nada aguentar de cara alegre, e de que mais tarde ou mais cedo, desta ou daquella maneira juro que hei de me vingar.

— Cala-te, filho; o melhor modo de te vingar, é não te dares por achado. Deus e o tempo é que te hão de vingar. O tal Hyppolito além de ser um paspalhão muito sem graça, é um atroado, um libertino. A senhora Lucinda, oh! essa nunca me enganou, e Deus me perdoe, — está me parecendo, que vem a dar em uma... refinada serigaita...

— Que está dizendo, minha mãe?...

— Não te enfades, Eduardo; não queiras tomar as dores por quem te atraiçoa... quer me parecer, que

esse casamento... não é praga, que estou rogando, não; Deus tal não permitta; — quer me parecer, que não póde acabar em bem.

— Dê no que dér, juro que não hão de ter muito alegre a sua lua de mel. Pelo menos hei de quebrar a cara áquelle tratante.

— Deixa-te disso, menino; é como te disse, não te dês por achado. O desprezo é a melhor vingança, e a unica que elles merecem. Finge mesmo que vieste apaixonado pela linda uberabense, e que te julgas feliz por te terem alliviado de uma carga, que outra cousa não é a tua Lucinda, e deixa correr trinta dias por um mez. Emfim, meu filho, ha muito tempo de conversar : socega esse coração e vae descançar, emquanto eu vou preparar-te uma boa ceia.

— É escusada, minha mãe; não tenho fome nenhuma, a boca amarga-me como fel, e a minha cabeça é uma brasa.

— Quem sabe, tens algum ramo de febre.

— Qual febre! a minha febre é a raiva, é o desespero.

— Ora por quem és, esquece-te disso e vae descançar.

— Não estou cançado, minha mãe; vou passear para distrahir-me um pouco.

— Passear! não cahias em tal. Olha, não vás fazer por ahi alguma loucura, Eduardo.

— Protesto que nada farei, minha mãe.

— Não quero que saias; mandarei avisar os teus amigos de tua chegada; com elles te distrahirás.

— Ora, minha mãe, o passeio me convinha mais; para que incommodar os amigos?...

— Não, não, Eduardo; não sairas, se és meu filho, has de me obedecer.

A velhou retirou-se, e Eduardo, que nunca nem mesmo nas mais insignificantes cousas desobedecera a sua mãe, deixou-se ficar em casa.

CAPITULO VIII

LUCINDA E PAULINA

O leitor por certo pensará, que vae ter logar um terrivel duello; que Eduardo ardendo em colera e ciumes desattende ás ordens de sua mãe, espera que esta esteja adormecida, salta pela janella, e com uma pistola na mão e um punhal no seio introduz-se mysteriosamente na salla, onde se festejão as bodas da formosa Lucinda, como o cavalheiro negro da *Noite da Castello*, e ahi prega uma bala na cabeça do feliz rival, ou pelo menos o esbofeteia em pleno baile, arranca da cabeça da noiva a grinalda nupcial e a calca aos pés rugindo. Depois de ter feito tudo isto, sem que os assistentes, immoveis de assombro, ousassem oppôr-lhe o menor embaraço, desapparece, esvae-se como um phantasma. Isto seria por certo mais dramatico, e talvez mesmo sublime. Mas eu conto uma historia, e não invento um conto; quero

portanto narrar os factos com aquella fidelidade, que permitte-me a minha memoria, tães quaes m'os contarão ha bastantes annos.

É verdade que o nosso herúe era valente e coraçudo, tinha muito pundonor e era dotado de nobres e altivos sentimentos; mas o certo é que só nos primeiros dias pensou em vingança. As palavras de sua mãe tinhão deixado profunda impressão em seu espirito, e talvez tambem que algum sentimento intimo ainda muito em germen e adormecido nas dobras do coração, contribuisse para acalmar o seu justo resentimento.

Doeu-lhe cruelmente a desfeita de que fôra victima, e não pôde por muitos dias disfarçar o despeito e rancor, de que se achava possuido. Mas uma imagem seductora começava a apparecer a miudo em seu espirito, e com seu aspecto angelico e sereno dissipava-lhe os negrumes e tormentos do coração. Era como uma fada branca e vaporosa, que vinha varrendo a bruma espessa dos horizontes, e fazia coar uma réstea de luz meiga no fundo daquella alma ulcerada. Era a imagem suave e melancolica de Paulina, que surgia por detraz da sombra de Lucinda, que se esvaecia; era o typo nobre e delicado da filha do fazendeiro, que apagava na téla da imaginação as formas voluptuosas da rosea e faceira paulista.

Paulina, ainda que Eduardo disso não tivesse consciencia, tinha-lhe ficado para sempre gravada no coração em profundos e indeleveis caractéres. Não havia n'elle ainda uma paixão, porque havia um obstaculo, outra paixão; o coração humano não pode conter a um tempo duas paixões; na téla, onde existe um retrato, não se pode estampar outro sem apagar o primeiro.

Não havia ainda paixão, mas existia o germen della, germen que só esperava a occasião e o terreno livre para desenvolver-se com todo o viço e energia. Assim acontece por vezes, que debaixo do chão occupado por uma planta robusta existe occulta a semente de outra planta. Se o ardor do sol ou a geada cresta, e faz definhar a primeira, esta cresce e rebenta com tal vico e força, que suffoca e mata a primeira, e toma coma conta do terreno.

Eduardo confrontara no espirito as graças tão naturaes, o porte modesto, e o sorriso tão meigo de Paulina com os ademanes faceiros e pretenciosos e a garridice de Lucinda, a candida innocencia de uma com a maliciosa vivacidade de outra, e comprehendia que, se tivesse tido a dita de têl-as visto ambas a um tempo com o coração livre e espirito desprevenido, nem um momento teria esitado na escolha. Lucinda com seu gentil donaire um pouco desenvolto, seu

rosto sempre corado e risonho, com o voluptuoso meneio das esbeltas e bem torneadas formas fascinava os olhos, abrasava a imaginação, e era capaz de fazer ardor em febre de sensualismo o mais estoico e frio temperamento. Paulina com a suave e angelica figura inspirava respeito, amor e adoração, insinuava-se no coração como um meigo raio da lua no seio de um lago dormente, e ahi ficava para sempre estampada.

As qualidades de Lucinda, Eduardo as pezava e exagerava no espirito a ponto de convertel-as em abominaveis defeitos, em quanto Paulina lhe apparecia rodeada de uma auréola cada vez mais prestigiosa de candura e belleza. Seu pensamento volvia-se de continuo com a mais viva saudade para a fazenda de Joaquim Ribeiro, recordava traço por traço as feições de Paulina, seus gestos, suas palavras, e admirava-se de vêr como tudo lhe ficára tão intimamente gravado na memoria; erão como caracteres apagados, que um reactivo faz subitamente reapparecer vivos e distinctos.

Lucinda era duplamente culpada para com Eduardo. Com sua deslealdade lhe havia trancado por dous lados os caminhos da felicidade e do amor. Mas não era a perda de Lucinda, que elle agora lastimava; antes o amor, que lhe havia consagrado, se ia con-

vertendo em desprezo e aversão; era sim a perda de um thesouro, que a seus olhos valia mil vezes mais do que ella, de uma formosa e adoravel creatura, que o amava sincera e ardentemente, e a cujo amor por causa de Lucinda havia renunciado para sempre. Maldita a hora em que proferira o fatal juramento, que fizera ao primo de Paulina! maldito o estouvado e bronco pretendente, que veiu estorvar-lhe o caminho da felicidade, que o céo como que de proposito tinha preparado diante de seus passos todo alastrado das rosas da esperança e do amor! mais maldita ainda a estulta constancia e lealdade, que guardára para com uma loureira caprichosa, que tão levianamete o esquecera! Um anjo como que lhe cahira dos céos, e se lhe entregrava nos braços, e elle o repellira de seu seio por amor de uma mulher vulgar, de uma filha da terra sem fé e sem pudor!

Estas reflexões noite e dia amarguravão a alma de Eduardo, e quanto mais crescia a admiração e o amor, que concebera por Paulina, mais pungente era a angustia, que lhe ralava o coração. O mal era sem remedio; Eduardo, além de ser naturalmente dotado de instinctos de lealdade e honradez a toda a prova, era paulista, firme e tenaz em seu proposito, incapaz de faltar á sua palavra e levando até ao fanatismo

a religião do juramento. Ora, Eduardo tinha dado a sua palavra de honra a Roberto, tinha-lhe mesmo jurado pelas cinzas de seu pae, que nunca serviria de estorvo ao seu enlace com Paulina.

Esta cruel situação o acabrunhava, e por mais esforços que fizesse, não podia dissimular sua tristeza e abatimento aos olhos dos que com elle tractavão, e como a ninguem communicára ainda a causa de seus desgostos, mais o affligia ainda o pensar que todos havião de attribuil-os ao pezar de se vêr trahido por Lucinda.

Sua estada na Franca tornara-se-lhe insupportavel; seu coração o chamava para a Uberaba e para a fazenda de Joaquim Ribeiro; mas que iria elle lá fazer, senão avivar suas magoas vendo de perto um paraizo, d'onde um ente insignificante, um estolido trambôlho, ou antes sua tôla confiança em uma mulher o tinhão expellido para sempre. E quem sabe se o amor que havia inspirado a Paulina duraria ainda, e se ella já não estaria para sempre unida ao lorpa do primo.

Mas tambem, pensava Eduardo, bem poderia acontecer, que Paulina, a qual segundo tinha observado nenhuma inclinação sentia por seu primo, se recusasse obstinadamente a dar-lhe a mão de esposa, e que n'esse caso Roberto desenganado e sem espe-

rança, apezar da sua sandice não puzesse duvida em desobrigal-o de um juramento, que em nada lhe poderia aprovitar.

Assim passou Eduardo mais de um mez com o espirito agitado ao embate de encontrados pensamentos, pondo a imaginação em torturas em busca de um meio, que o arrancasse d'aquelle estado de irresolução e tristeza que o acabrunhava. Sua mãe que na maior inquietação assim o via cada vez mais preocupado e abatido, procurava em vão consolal-o e distrahil-o: mas ella tambem como os demais ignorava ainda a verdadeira causa da continua preoccupação e tristeza de seu filho.

— Arre tambem com isso, Eduardo! — disse-lhe ella um dia em tom de branda reprehensão; — não mostrarás um dia, que és homem? já vou perdendo a fé comtigo... Teus irmàos estão casados uns e outros espalhados por esse mundo; restavas perto de mim sómente tu para consôlo e amparo de minha velhice; mas infelizmente vejo que tambem não posso contar comtigo...

— Ah! minba mãe, não falle assim; porque motivo?...

— Porque pensei que eras gente, que tinhas coragem e juizo. Agora vejo que não passas de um maluco e um molleirão; que não tens timbre, nem dis-

posição para nada. A Lucinda anda por ahi cada vez mais trefega e garrida, rindo, pulando e saracoteando como nunca, e tu meu fracalhão, andas ahi todo embezerrado e amuado como creança que apanhou bolos, sem ter animo de varrer da memoria aquella serigaita!... ah! meu filho, meu filho, assim tu me desesperas!

— Ah! minha mãe, como Vmce se engana! eu faço tanto caso hoje de Lucinda, como da primeira besta que comprei em Sorocaba, que já nem sei de que côr era.

— Deveras!... então que motivo tens mais para andar assim triste e sorumbatico?

— Minha mãe não se lembra que no fatal dia em que aqui cheguei, procurando dar-me conselhos e consolações, entre outras cousas me disse: — não te dês por achado, finge mesmo que morres de amôres pela linda uberabense?

— Oh! se me lembro!... como se fosse hoje, e é isso o que deverias ter feito logo.

— Pois bem, minha mãe; não é preciso fingir; eu morro mesmo de amôres por ella.

— Devéras!... tão depressa! tão longe d'ella!... como pode ser isso, meu filho?

— Tambem não sei lhe dizer, minha mãe. Quer-me parecer, que já a amava desde lá sem o saber. Apa-

gou-se de meu coração o retrato de Lucinda, e por baixo d'elle achei gravado o de Paulina.

— É extraordinario; mas nem por isso posso comprehender o motivo porque andas triste. Queres bem a essa moça e ella na obrigação em que está para comtigo, é impossivel que te desdenhe, e o pae muito menos.

— Não me desdenha não, minha mãe; disso estou certo, e até creio que me quer muito bem.

— Pois então?... ella é rica, bonita e de boa familia; tu tambem não és nenhum pé rapado; vae lá, pede-a em casamento, que estou certa que não t'a negarão; casa-te com ella e está tudo acabado. Parece até que a misericordia de Deus estava armando as cousas deste geito, para que nunca fosses marido d'aquella boneca de fogo — Deus me perdôe, — e tivesses uma mulher como mereces.

— Prouvéra a Deus, que assim fosse! mas, ai de mim! não póde, não póde ser assim.

— Porque não, meu filho? quem te estorva?...

— São contos largos, minha mãe!

— Pois venhão esses contos largos; tens porventura segredos para mim?...

— Nenhum por certo, e peço-lhe perdão por não lhe ter contado tudo ha mais tempo.

Eduardo contou então a sua mãe fiel e minuciosa-

mente, tudo quanto lhe acontecera na fazenda de Joaquim Ribeiro desde a caçada da onça até á sua retirada.

— Ja vè portanto minha mãe, — concluio elle, — que não me é possivel por forma nenhuma pretender jamais á mão d'essa moça.

— Ora valha-me Deus!... ahi temos outra. Pois menino, não se está vendo pela pintura que me fizeste desse Roberto, que é impossivel que a moça o queira para marido, e que te prefere um milhão de vezes? Que te importa esse paspalhão do primo? não sejas tôlo; deixa-te de escrupulos; vae lá, e pede-a em casamento, e dá uma figa a esse Roberto.

— Eu faltar á minha palavra, quebrar um juramento!...

— Qual juramento! isso foi um juramento louco, que Deus não ouvio, nem aceitou.

— Louco ou não, é um juramento, minha mãe; devo cumpril-o.

— Será, mas... meu filho, uma promessa, um juramento o padre póde, quando seja preciso, commutal-o em penitencias, jejuns e romarias.

— Quando a violação d'elle a ninguem prejudica, pode ser, minha mãe; mas n'este caso?...

— És um louco, Eduardo; — eu creio que desejo mais do que tu mesmo a tua felicidade — Em nome

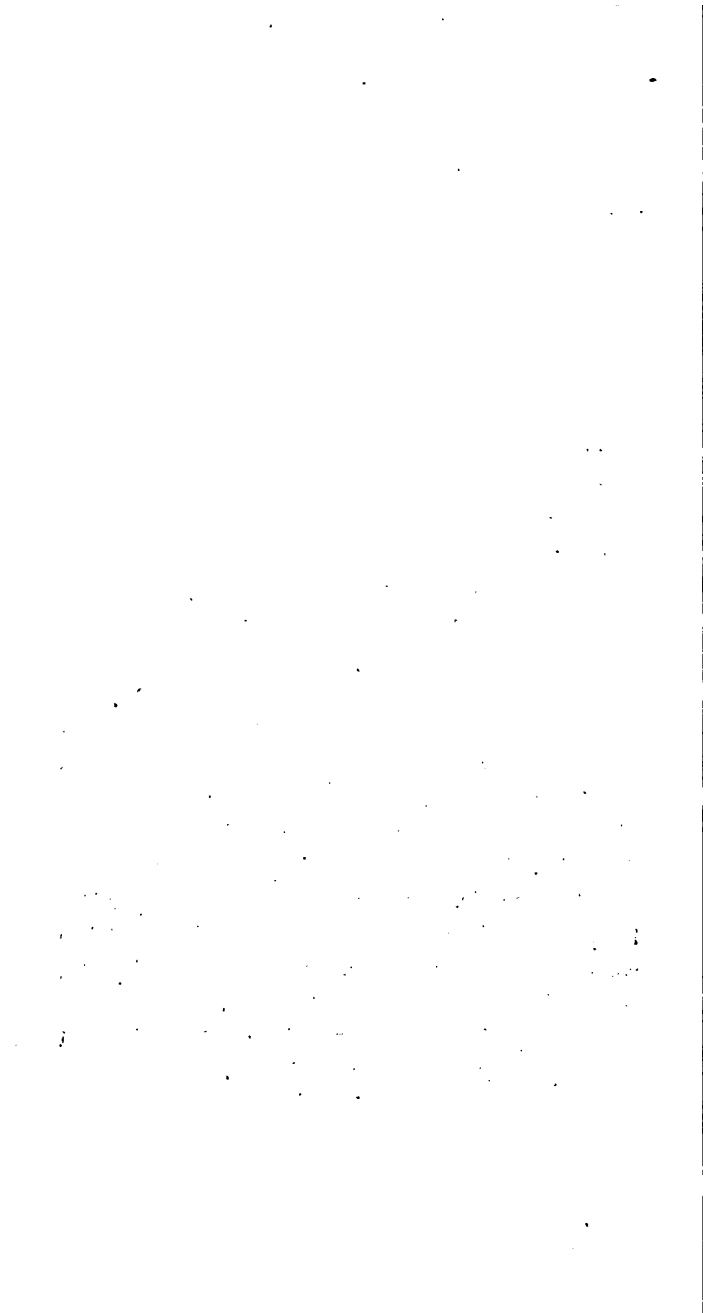
de teu pae, por cujas cinzas juraste, eu te desobrigo desse juramento.

— Pelo amôr de Deus, minha mãe, não me obrigue a lhe desobedecer pela primeira vez em minha vida.

— Valha-te Deus, filho!... pois bem? já que assim te emperras no teu juramento, faze o que entenderes. Mas tudo isto é culpa tua, por não teres me dado ouvidos; não te enfades, se te fallo assim. Se me ouvisses e não ficasses embasbacado diante d'aquella enfatuada Lucinda, não andarias agora enredado em tantos desgostos. O teu exemplo deve servir de lição mestra para os rapazolas, que entendem que a primeira mocetona bonita que lhes enche os olhos, deve ser por força sua mulher.

— Ora, minha mãe, quem não cae nessas?...

— Isso é verdade; são todos assim, e é malhar em ferro frio. Mas agora se queres um conselho, vae-te embóra, meu filho. É tempo de feira; pega no dinheiro que tens, e se não tens eu te darei, e vae para Sorocaba. Vae negociar, vae girar, vae correr mundo para te distrahir. Vae divertir-te, demora-te por lá o tempo que quizeres, e volta, não macambuzio e triste como agora, mas alegre, fresco e bem disposto, como foi antigamente o meu Eduardo.

— Isso pretendo eu fazer, minha mãe, e desde já vou dispôr os preparativos da viagem.

CAPITULO IX

O NOIVO

Uma paixão infeliz alimentada na solidão, na monotona serenidade de um lar domestico quasi vazio, quando apoz um passado de innocencia, remanso e alegria nos embebemos em um futuro onde só vemos lagrimas e dôres, quando a desesperança com sopro de fogo vem seccar uma lagrima consoladora, que a saudade talvez quizesse fazer brotar nas palpebras lividas, essa paixão é um cancro que róe as fibras do coração, um sopro de morte, que deseca e estanca a seiva da existencia.

Tal era o viver da misera Paulina, depois que vira transpôr as ultimas colinas o vulto de Eduardo, e com elle todas as suas esperanças. Uma tristeza profunda, indizivel, lhe envolvia a alma como um crepe negro. Todos os encantos da solidão que habitava, aquelles largos e luminosos horizontes e aquellas pit-

torescas campinas, que a rodeavão de risonhas perspectivas, aquellas tardes mornas e voluptuosas, tão prenhes de perfumes e canções, tudo isso tinha-se extinguido para aquella alma, que recolhida em si mesma só via o horizonte turvo e funereo de suas agonias. Erra, quem pensa que o espectaculo da natureza na solidão, que a mudez e remanso dos ermos póde adormecer as dôres fundas do coração, consolar os grandes infortunios ; a solidão tem para o desgraçado o olhar impassivel de uma companheira, que nos sorri e nos affaga na adversidade com o mesmo sorriso, com que nos affagou em horas de ventura e de alegria.

Os soffrimentos d'alma se fazião sentir de um modo assustador na organisação physica de Paulina. O verme peçonhento tinha pousado no âmago da tenra e mimosa flôr do deserto e, devorando-lhe a seiva da vida, deixava n'elle o germen da morte. Já ninguem a via como outr'ora esbelta e agil como a ema percorrer as campinas em busca de flôres e fructas, nem ir sentar-se córada e risonha á sombra do laranjal, ou na relva da fonte a coser e a cantar entre as escravas. Quando sahia do seu quarto, onde passava os dias a coser ou a lêr machinalmente, vião-a pallida e vacillante arrastar-se a passos lentos ao longo dos corredores, descer ao curral, procurar a sombra da ga-

meleira, sentar-se sobre a mesa do mesmo carro onde ouvira da boca de Eduardo a fatal revelação, que a tornára infeliz para sempre, e alli com as mãos agarradas a um dos fueiros e a face encostada a ellas, os olhos fixos ao longe pela estrada que se perdia serpeando pelas collinas, ficar horas e horas entregue a um torpôr melancolico, que a tornava como estatua.

O pae notava com a mais viva inquietação e anciedade o rapido definhar de sua filha, e desesperava-se vendo, que todos os cuidados e desvelos, todos os meios de que lançava mão, não conseguião atalhar os progressos do mal, que ameaçava roubar-lhe sua unica e querida filha.

— Que tens, Paulina, que cada vez te vejo mais pallida e abatida, — dizia-lhe o pae já talvez pela centesima vez. Tu soffres alguma cousa que não me queres dizer. É preciso que te distraias, que recobres as tuas côres, a tua antiga alegria, que voltes ao que dantes eras, se não queres que eu morra de desgosto.

— Ah ! meu pae, eu mesmo não sei o que soffro ; não tenho indisposição, nem dôr alguma ; entretanto acho-me mal. O que sei dizer é que desde o dia em que estive a ponto de cahir nas garras d'aquella onça, já não sou a mesma, e creio que nunca mais o serei. De que servio aquelle moço ter-me livrado das

garras do animal, o choque que senti, arruinou-me a saude.

— Assim devia ser, minha filha; comprehendo muito bem, que a vista d'aquelle animal feroz, aquelles gritos e alaridos... aquelle moço apparecendo de improviso como cahido do ceo para salvar-te, e depois lavado em sangue e quasi morto... tudo isso não podia deixar de causar um grande abalo nos nervos e alterar a saude de uma fraca creança, como tu és. Mas tudo isso já se passou ha tanto tempo... já lá vae quasi um anno; e em vez de melhorar, te vejo sempre a peior, a peior... oh!... minha filha!... quererás me deixar sósinho n'este mundo?...

— Oh? meu pae! não pense nisso. Deus é grande; isto ha de passar, creia-me; são ainda effeitos do abalo que senti.

— Ha de passar, ha de passar, sempre estás a fallar assim e cada vez estás a peior. Olha, minha filha, talvez te seja util mudar de ares, ver novas terras, distrahir-te por esse mundo. Já te tenho dito muitas vezes, o mal que te consome não é mais que pura nervosia; o que te convem é distracção e não é no deserto d'esta fazenda que te has de distrahir. Vamo-nos embóra; venderei fazenda, escravos, gado, tudo e iremos para Villa-Rica, para S. Paulo, para o Rio de Janeiro, para onde quizeres...

— Para que, meu pae? o mal não está n'esta terra, nem n'estes ares, nem em nada do que me cerca; o mal está dentro de mim mesma, e me acompanhará por toda parte. Socegue, meu pae; se Deus fôr servido, aqui mesmo melhorarei e ficarei bôa.

— Deus assim o permitta, minha filha! mas por quem és, não vás encerrar-te no quarto, nem lá ficar estatelada embaixo da gameleira, como costumas; não fazes idéa de quanto isso me afflige. Vae antes passear pelo quintal, tratar das tuas flôres, dos teus passarinhos... senão fico pensando, que queres morrer mesmo, e me deixar sósinho neste mundo.

Joaquim Ribeiro já tinha suspeitado ou antes estava certo da causa dos soffrimentos de sua filha. Era para elle fóra de duvida que não era senão o moço que a tinha salvado da onça, que inspirando-lhe uma paixão cega e fatal, tendo-a livrado de uma morte desastrosa, a ia levando a outra morte mais lenta e talvez mais cruel. Sabia tambem que Eduardo estava ajustado para casar-se e talvez já estivesse casado com uma rica e formosa moça de seu paiz, e portanto por esse lado impossivel lhe era tentar o mais poderoso senão o unico remedio para o mal de sua filha. Todavia respeitando o melindre de Paulina, nunca ousou interrogal-a directamente sobre tal assumpto, porque entendia talvez com razão,

que tocar em uma ferida, para a qual não podia dar remedio algum, só serviria para aggraval-a. Propunha passeios e distracções a sua filha, mas ella quasi sempre se recusava, e quando por condescender comme seu pae os aceitava, voltava ainda mais triste e abatida que nunca.

Depois de envidar sem resultado algum todos os expedientes e recursos de que podia lançar mão, o velho de pois de muito pensar e dar tractos á imaginação, capacitou-se de que o unico meio que lhe restava a tentar para arrancar sua filha d'aquelle estado de melancolia e prostração, que a ia arrastando ao tumulo, era o casamento.

A mudança de estado, a companhia e intimidade de um bom marido, o desempenho dos deveres domesticos talvez produzissem no espirito da moça uma revolução salutar, e a restituissem á vida e á alegria. A difficuldade estava na execução desse pensamento. Se a causa de seus soffrimentos era, como pensava, a violenta paixão que havia concebido por Eduardo, bem difficil seria induzil-a acceitar um marido, fosse elle quem fosse.

Todavia Joaquim Ribeiro não recuou diante de tal difficuldade, e deliberou envidar os ultimos esforços para levar a effeito seu pensamento. Não tinha necessidade de procurar um noivo para sua filha ; desde a

infancia de Paulina e Roberto havia como que um compromisso tacito entre elle e os paes de Roberto, seus parentes e vizinhos, um projecto de familia para casal-os, caso não apparecesse algum ulterior obstaculo; não tinha mais, pois, do que abreviar um negocio, que já estava meio conchavado. Roberto, apezar de sua simplicidade e rudeza era bom moço, bem apessoado, e tinha um excellente coração; aquellas maneiras broncas e asselvajadas erão effeito da educação, e facilmente as iria perdendo com o traquejo do mundo. Este casamento elle o propôria tambem a Paulina como um ponto de honra, como um compromisso, a que nem elle nem ella poderião faltar sem quebra de sua lealdade.

Logo no dia seguinte ao em que concebeu aquelle projecto, Joaquim Ribeiro procurou sua filha para lhe communicar sua resolução, disposto a empregar todos os meios, até mesmo a autoridade paterna para induzil-a a dar esse passo. Não foi preciso tanto; Paulina reluctou muito, porem não tanto quanto elle receava.

— Pois bem, minha filha; — disse-lhe o pae depois de muita insistencia de parte a parte; — propunha-te esse casamento porque acredito, que é o unico meio de salvar-te; mas já que queres morrer e arrastar-me comtigo á sepultura, faça-se a tua vontade.

— Não, meu pae, — exclamou a moça tomando a mão de seu pae, beijando-a com ternura e banhando-a em lagrimas; — já que meu pae assim o quer, e assim acha conveniente, farei o que meu pae determina, visto que esse casamento, — murmurou ella em voz mais baixa e como a mêdo, se não pode me fazer feliz, tambem não me tornará mais desgraçada do que sou.

Paulina, que já tinha renunciado a toda a esperança de felicidade no mundo, não quiz e nem pôde recusar-se ao sacrificio que d'ella exigia seu pae quasi com as lagrimas nos olhos. Se não tinha amor a seu primo, tambem não lhe tinha aversão. Casada ou não, teria de soffrer sempre até morrer. Resignou-se por tanto e curvou-se á vontade de seu pae, por que assim tinha ao menos o prazer, embora fosse por pouco tempo, de alental-o com a esperança de um futuro, no qual ella mesma pouca ou nenhuma confiança tinha.

N'esse mesmo dia Joaquim Ribeiro despachou um proprio com um bilhete a Roberto pedindo-lhe, que o mais breve que fosse possivel chegasse á sua casa. Escusado é dizer, que no outro dia á hora de almoço Roberto apeava-se offegante e ancioso de curiosidade á porta da casa de seu tio, e largando á porta o animal batendo verilha e pingando suor, de dous pi-

notes galgou a escada da varanda ; e se não chegou mais cedo, é por que não tinha azas.

Cumpre-nos aqui dizer que Roberto, depois da partida de Eduardo, não tinha perdido nem um ceitil da paixão que tinha por sua prima, e não deixava de fazer reiteradas visitas á fazenda de seu tio, e ora em caçadas, ora campeando uma rez perdida, ora por qualquer outro pretexto, que sabia inventar, lá ia quasi sempre esbarrar e pernoitar, Vendo-a triste e indisposta perguntava-lhe o que tinha. Elle sempre meiga e affavel respondia-lhe, ora que era uma indisposição de estomago, ora uma constipação, e o simples do rapaz acreditando piamente estava longe de suspeitar, que tudo aquillo não era menos do que o effeito de uma paixão profunda, da qual elle não era o objecto, e lá de si para si julgava, que a molestia de Paulina não era senão vontade de se casar, pois tinha ouvido dizer a muita gente que algumas moças adoecem e morrem por não se casarem a tempo. Roberto, alem de ser muito moço, — pois teria vinte annos quando muito, — não tivera educação alguma ; demais, vivendo sempre na roça, não tinha a menor experiencia de mundo, e muito menos d'esse pequeno mundo tão cheio de problemas e mysterios, que se chama coração humano. Era um simplorio, mas tinha um excellente caracter, e muita sensibili-

dale. Ha muito tempo desejava fallar ao tio no seu casamento com Paulina; mas tinha vergonha e acanhamento como uma moça. Todas as vezes, que ia a casa do tio, ia na firme resolução de fallar-lhe francamente no negocio, mas apenas chegava á sua presença, a coragem o abandonava, fallava muito, contava mil historias, e por fim nunca dizia ao que ia.

Portanto comprehende-se como lhe cahio a sopa no mel, quando Joaquin Ribeiro francamente e sem rodeios lhe declarou, que o mándara chamar com o unico fim de communicar-lhe, que era seu desejo effectuar coma maior brevidade possivel o casamento d'elle com sua filha. O rapaz não cabia na pelle de contente, e não pôde disfarçar aos olhos do tio sua alegria infantil e grotesca; estava como embriagado; beijou a mão do tio, e derretendo-se em protestos de gratidão e amizade taes parvoices soltou, representou tantas farças, que fazião sorrir o bom de velho, se não tivesse a alma tão carregada de graves e sombrios pensamentos.

Paulina não apparecceu a seu primo senão muito tarde, á hora do jantar; desculpou-se com suas costumadas enxaquecas e indisposições; a coitada estava effectivamente mais pallida e desfeita que nunca. O primo d'esta vez já mais ousado não cessou de ator-

mental-a com um chuveiro de obsequios e galanteios impertinentes, a que a moça respondia com uma frieza e mesmo com um ar de displicencia, que em vão se esforçava por dissimular. Só a nimia simplicidade de Roberto poderia não perceber, quanto ella se achava constrangida e contrariada. É que no coração da infeliz dava-se então uma terrivel lucta, e começava a sentir, quanto era pezado o sacrificio, a que por condescender com seu pae se havia sujeitado.

Á tardinha Paulina, a despeito da advertencia ou do pedido de seu pae, foi, como tinha de costume, sentar-se debaixo dos ramos da grande gameléira do curral, sobre a mesa do carro. Como para disfarçar o motivo, que alli sempre a conduzia, levava um livro, que ás vezes abria, mas nunca lia; a infeliz tinha muito que lêr no livro negro de seu coração. Aquelle logar tinha para a alma de Paulina um doloroso encanto; ella o visitava como a mãe, que volta de continuo ao tumulo do filho querido que perdeu, ou como a rôla, que pousa arrulando gemidos de saudade sobre os destroços do ninho, d'onde o gavião arrancou-lhe os tenros filhotes.

Estava-se no mez de agosto; o sabiá cantava tristemente; abafado entre vapores, o sol sem raios pendia vermelho e abraseado sobre os ultimos espigões, cujas fórmas envoltas em um veo fumacento

se ião apagando ao longe como as sombras de um painel desbotado pelo tempo. Nem uma brisa agitava o ambiente perfumado e mórno, e melancolico silencio pousava sobre as solidões.

Havia um anno, que n'aquelle mesmo logar, em uma serena e silenciosa tarde como aquella, Paulina tinha ouvido sua sentença de morte dos labios d'aquelle mesmo, que pouco antes lhe tinha salvado a vida.

Paulina olhava para o caminho da Uberaba... dava o ultimo adeus ás suas esperanças, e dentro d'alma como que lhe sussurrava um hymno confuso, mais dôrido e funebre como o echo da campa que tomba sobre um cadaver.

Quando mas absorvida se achava em seu ângustioso scismar, eis que se lhe apresenta em frente o rosto rubicundo e folgazão do seu bom primo, do seu noivo. Aquella apparição inesperada, que vinha quebrar de modo tão abrupto e cruel o fio de seus dolorosos pensamentos, causou-lhe a mais desagradavel impressão, o mais horrivel choque que imaginar-se pode. Mas forçoso lhe era dissimular.

— Prima de meu coração, — disse-lhe Roberto com toda a meiguice de que era capaz, — o que está fazendo aqui tão sósinha?!... vamos passear, e não aqui assim triste como uma jurity de aza quebrada.

— Ora primo!... respondeu ella esforçando-se por

sorrir, — Estou tomando o fresco... faz tanto calôr; e eu estou com tantas dôres de cabeça.

— É do estomago, prima? eu não lhe disse que tomasse chá de losna?... a mana Josephina tambem costuma ter d'isso, e diz que para isso chá de losna é um porrete...

— Hei-de tomal-o logo ao deitar...

— Pois tome e verá... mas, mudando conversa... a prima já sabe de uma?... ora tambem a quem vou eu perguntar!... de certo já sabe.

— De que, primo?

— Ora! inda pergunta!... pois não sabe para que seu pae mandou-me chamar?...

— Eu não...

— Ora deixe-se d'isso;... pois elle não lhe disse nada?...

— A respeito de que, primo?...

— Ande lá! a senhora sabe bem; está se fazendo de desentendida.

— Ah! pode ser..., me parece que tracta-se...

— De que, prima? falle...

— Ora! tambem o primo sabe muito bem, e para que hei de ser eu a primeira a fallar.

— Então a prima quer... não quer?

— Casar-me com o primo, não é isso?... para que havemos de estar com mysterios, disse Paulina impa-

ciente por terminar aquelle incidente, que a mortificava.

— Isso mesmo, primo... quer, não quer?

— Quero, primo, por que meu pae assim o quer, e é meu dever obedecer-lhe.

— São todas assim; — pensou Roberto lá com os seus botões; — estão mortas por se casarem, e sempre de boca dura. E sabe, continuou elle em vóz alta, que seu pae quer que isso seja quanto antes?

— Sei tudo, meu primo.

— Então apprompte-se, minha rica prima, arranje quanto antes o seu enxoval... seu pae quer que o noivado seja aqui na roça, muito á capucha; mas eu não estou por essa; quero que seja no arraial e com muito arrôjo; elle que não tenha susto, que eu faço as despezas. Que bonito noivado não ha de ser... e que par feliz não havemos de ser, eiu, minha prima do meu coração, meu bemzinho da minha alma?

Assim fallando, Roberto agarrava com amoroso frenezi em uma das frias e brancas mãos de Paulina, enlaçou-lhe com força o braço em torno da cintura, e pespegou-lhe na face um sequioso beijo, cujo estalo teria denunciado ao longe seu atrevimento, se o curral não estivesse completamente ermo, e retirou-se á pressa como que corrido de sua propria ousadia, e com medo de alguma reprimenda.

X

REGRESSO EXTEMPORANEO

Ao sentir a impressão d'aquelle beijo, ao qual seu rosto se teria incendiado de vivo rubôr, se por ventura o recebesse de Eduardo, as faces de Paulina já habitualmente pallidas se cobrirão de lividez cadaverica. Esse beijo, que não era acceito nem sanctificado pelo amor, viéra como sopro de ardentes e bravios paramos crestar-lhe para sempre o matiz virginal das faces, e estampar-lhe no rosto o sello do infortunio eterno. O sangue todo refluio-lhe ao coração, e largo tempo ella ficou na mesma posição, em que a deixara Roberto, immovel e como que petrificada.

Sahindo emfim d'aquella especie de vertigem, levantou-se, e volvendo um ultimo olhar para a estrada da Uberaba, divisou ao longe um cavalleiro, que vinha so dirigindo para a fazenda. Pelo que se

podia julgar ao longe, era pessoa de distincção; cavalgava possante e garbôso animal, e acompanhava-o um camarada tocando um cargueiro com canastras. Paulina, que já se havia levantado e ia-se recolher, deteve-se alguns minutos para reconhecer quem era o viandante. Como vinha marchando com muita rapidez, este não levou muito tempo a chegar á porteira do curral. Quando curvou-se sobre o animal para correr a taraméla e abrir a porteira, gritando — dá licença, — pela vóz e pela figura logo o reconheceu; já antes seu coração lh'o estava adivinhando. Era elle! era Eduardo!

Só Deus sabe quanto esforço foi preciso á pobre moça para manter-se em pé, e saudar convenientemente o cavalleiro, que entrava. Comprimentou-o todavia dominando do melhor modo que pôde a sua perturbação, convidou-o a apear-se e a subir para a varanda, e a muito custo com passos tremulos e vacillantes o foi acompanhando.

As faces de Paulina, onde ha longo tempo não assomava nem o mais leve rubor, se incendêrão de repente, e convertêrão-se em duas rosas purpureas; o lado principalmente, em que Roberto acabava de imprimir seus labios, ardia-lhe como uma brasa viva. Considerava-se quasi como uma amante infiel, e parecia-lhe que Eduardo estava vendo em sua face o

vestigio do beijo que acabava de receber, e entretanto notava que Eduardo a olhava com um olhar bem differente do de outr'ora, e lhe lançava vistas repassadas de emoção e de ternura. Pobre infeliz ! acabava de se precipitar no abysmo no momento em que a mão do destino baixava talvez sobre ella para erguel-a ao céo do amor e da felicidade.

Como porem apparecêra Eduardo alli n'aquella occasião?... o que vinha elle fazer?

É o que o leitor vae immediatamente saber.

Eduardo poucos dias depois da ultima conversa, que tivéra com sua mãe, fez seus aprestos de viagem, e partio para Sorocaba. Esperava conseguir com as fadigas, cuidados e distracções d'essa longa jornada senão o completo esquecimento, ao menos uma grande diversão a seus pezares.

Sorocaba em tempos de feira, assim como é um fóco de actividade e commercio, é tambem mansão de prazeres e divertimentos de toda a natureza.

A affluencia de uma multidão de pessoas de todas as classes e procedencias, a animação e movimento, que alli reina, as reuniões, jogos, bailes, espectaculos e folguedos de todo o genero são sufficientes para atordoar a cabeça de um moço, e fazel-o esquecer ao menos temporariamente a fada de seus sonhos, por mais enamorado que esteja.

A vida do muladeiro, por outro lado, é rude e trabalhosa ; exige uma continua vigilancia, uma actividade incessante. O muladeiro quasi que não larga os arrieiros senão para deitar-se e repousar algumas horas. Tangêr manadas de milhares de mulas bravias atravéz de immensos e inhospitos sertões por mattas, serradões e campinas abertas, rodeal-as, repontal-as e contal-as todos os dias de manhã e de tarde, alem de outras muitas fadigas e cuidados inherentes a esse genero de vida, é tarefa para acabrunhar as mais activas e robustas organisações, e pouco ou nenhum tempo pode deixar para pensar em amores.

Não aconteceu assim a Eduardo, que no meio da seducção de mil festins e prazeres, e a despeito de todas as fadigas e preoccupações de seu afanoso negocio, nem um só dia se esqueceu de Paulina. Bem pelo contrario tudo lhe rememorava a imagem d'ella, e a cada passo encontrava objectos, que lhe avivavão a saudade que o consumia. Uma bonita perspectiva, um curral, uma gamelleira, que via em seu caminho, levava-lhe a imaginação para a fazenda de Joaquim Ribeiro e para junto de Paulina.

Se bem que não se descuidasse dos penosos misteres do seu genero de vida, trabalhava como por habito e machinalmente, como quem se desencar-

rega de uma tarefa, e não com aquelle gosto, zelo e dedicação de quem procura promover seus interesses e adquirir bens da fortuna.

O gyro costumado de Eduardo nas excursões de seu negocio, era passar o Paraná, percorrer alguns municipios da provincia de Matto-Grosso, atravessar a de Goyaz e entrar em Minas pelos municipios de Piracatú , Patrocinio, Araxá e Uberaba, para d'aqui recolher-se á Franca.

D'esta vez porem sem plano deliberado, quasi sem o querer e sem o pensar, começou sua derróta em sentido inverso. Seu coração o chamava para a Uberaba, e para lá tangeu a sua tropa. Bem sabia, que não ia senão avivar suas magoas no theatro de seu infortunio; mas ia assim mesmo, como o passarinho fascinado pela serpente, e que soltando lamentosos pios vae descendo de ramo em ramo até metter-se nas goélas do voraz e hediondo reptil.

Chegando a Uberaba, Eduardo procurou informar-se do estado da familia de Joaquim Ribeiro, e soube com prazer e consternação a um tempo, que Paulina se achava ainda solteira, mas gravemente enferma, o que erra motivo para seu pae andar summamente afflicto e desgostoso. Eduardo logo presumio qual era a causa do mal de Paulina, e ficou com o coração entregue á maior angustia e á mais cruel perplexi-

dade. Apparecer a Paulina era avivar-lhe uma chaga profunda e dolorosa, a que elle não podia dar remedio algum; era aggravar para ambos elles uma situação já tão cruel e desesperada; era, alem de tudo isso, faltar de alguma sórte ao juramento que prestára a Roberto, pois tendo consciencia de ser adorado pela moça, só a sua presença poderia servir de estorvo ao enlace d'elle com sua prima. Por outro lado considerava que no decurso de um anno as cousas poderião ter mudado de face, e tomado uma direcção inteiramente nova, e que ningem sabia o que ia pelo interior d'aquella familia; era bem possivel que Paulina se recusasse constante e inexoravelmente a acceitar a mão de seu primo, e que este desenganado por fim tivesse desistido de sua pretenção. N'essa eventualidade tão natural deveria elle acaso deixar que se definhasse e morresse de pura magoa aquella por quem daria mil vidas que tivesse? não era pelo contrario seu rigoroso dever voar a ella, e no caso que fosse possivel, levar-lhe consolação e esperança, e salvar-lhe segunda vez a existencia?

— Vou decididamente! — pensou comsigo depois de um longo dia de anciedade e hesitação. — Tenho negocios e cobranças a realisar por aquelle lado, e não posso deixar de passar pela fazenda de Joaquim

Ribeiro. Uma hora que lá me demore, poderei saber de tudo, e decidirei do futuro; meu e de Paulina. Jurei a Roberto de nunca servir de estorvo ao seu casamento, mas não de nunca pôr os pés em casa de seu tio.

Tomada esta deliberação, Eduardo montou a cavallo pela manhã, e na tarde d'esse mesmo dia chegou, como vimos, á fazenda de Joaquim Ribeiro.

Roberto estava com seu tio na sala de jantar conversando e discutindo planos para a celebração do consorcio. O tio queria que fosse na roça sem estrondo e com muita simplicidade; o sobrinho instava para que fosse no arraial e cum muito arrôjo e galhardia.

Graças ao crepusculo, que descia escurecendo a sombria sala, não notárão a perturbação e o extraordinario transtorno das feições de Paulina, quando veio communicar-lhes a chegada do Sr Eduardo. Esta inesperada nova, causou o maior sobresalto no espirito de ambos, assim como para Paulina fôra um raio que a esmágara.

— O Sr Eduardo! — exclamou Roberto levantando-se com a maior sorpreza e agitação; — que diabo vem cá fazer agora esse homem!... sua visita n'esta occasião era bem dispensavel.

— De facto, — disse comsigo o velho, — veio em

bem má occasião. O que virá fazer?... queira Deus não venha desmanchar com sua presença todos os meus planos?...

Na realidade a presença de Eduardo n'aquella occasião vinha alterar profundamente a situação dos individuos d'aquella pequena familia; vinha arrancar com suas mãos o balsamo, que o velho fazendeiro com paternal carinho applicava sobre o coração da filha, e que talvez com o auxilio do tempo e da reflexão viesse a produzir saudaveis resultados.

— Vamos ter com elle, Roberto, — disse o fazendeiro; — muito lhe devemos eu e Paulina; é nosso dever recebel-o com os braços abertos, e tractal-o com toda a distincção e carinho.

Sahirão immediatamente a receber o hospede. Paulina os acompanhou. Tinha apenas introduzido o recem chegado na sala de jantar e trocavão com elle as primeiras palavras de cumprimento e civilidade, quando Paulina que se conservára em pé, tremula e arquejante, a um canto desviado, deu um grito agudo, e sentou-se de chofre, ou antes cahio sobre uma cadeira.

— Que é isto! que tens, Paulina — bradou o pae atirando-se para ella. Eduardo e Roberto acudirão ao mesmo tempo.

— Paulina! Paulina! — gritava o pae sustendo-a

no braço, e agitando-a; — era debalde; a infeliz não podia ouvil-o. Pendurada no braço paterno a fronte branca pendia-lhe para traz como lyrio esgalhado, o corpo alquebrava-se languido e inerte, e as palpebras transparentes e cerradas erão como lampadas de alabastro, onde a luz acabara de extinguir-se. Estava profundamente desmaiada.

— A cavallo já, Roberto! a cavallo e depressa! — gritou o velho. Pegue no melhor animal que ahi houver, corra já a Uberaba e traga-nos un medico.

Roberto, que em outra qualquer occasião teria affrontado fadigas, coriscos e raios, e teria ido ao inferno para servir a Paulina, desta vez, apezar da gravidade do caso, hesitou e prestou-se de máo humôr. Seus antigos ciumes renascião, e suspeitas crueis lhe atravessavão o espirito, suspeitas que para outro qualquer mais perspicaz ha muito terião tomado o caracter de certeza. Não seria aquelle maldito hospede a causa dos soffrimentos de sua prima, e do vágado de que acabava de ser victima?...

— N'esse caso elle que vá! — pensava elle. Quem as armou que as desarme. No estado de irritação, de qne se achava possuido contra o recem chegado, esteve a ponto de dizer estouvadamente: — Aqui o Sr Eduardo, que acaba de chegar e ainda está com o animal sellado, bem nos póde fazer esse favor. Mas

o amôr, que consagrava a Paulina, e o respeito, que tinha a seu tio, prevalecêrão em sua alma.

D'ahi a alguns instantes Roberto galopava á redêa solta atravez da escuridão da noite, vomitando pragas e amaldiçoando a hora, em que apparecêra em casa de seu tio aquelle maldito Sr Eduardo.

CAPITULO XI

DELIRIO E AMOR

O deliquio de Paulina durou cerca de um quarto de hora. Quando voltou a si e abrio os grandes e negros olhos, encontrou o rosto de Eduardo que, bem proximo ao seu, quasi que a bafejava, observando-a com anciosa inquietação em quanto o pae com os braços a sostinha sobre a cadeira.

— Ah! o senhor ainda está aqui! — exclamou ella, tapando os olhos com a mão. Sr Eduardo... por piedade! fuja, fuja... não posso vel-o!...

— Desastrado apparecimento o d'este homem hoje! — reflectia o amargurado velho. — Mas por ventura posso-me queixar d'elle?... tem elle a culpa de nada?... Infeliz Paulina!... pobre de minha filha! tão bôazinha, tão linda, tão creança, e já sabendo o que é a desgraça... e mais desgraçado de mim ainda, que nada posso fazer por ella!... Só esse homem,

que já uma vez salvou-a, poderia salval-a ainda, pois não ha a menor duvida, a pobrezinha tem uma paixão louca por esse moço... ah!... se fosse possivel... que me importa o Roberto?... tractei com elle, é verdade; mas será elle tão bruto e tão desalmado, que não tenha pena d'esta infeliz?... será tão estupido, que não veja que não deve, nem póde casar-se com Paulina?... mas que loucura a minha!... elle não póde — já está compromettido e quem sabe se já casado com outra... Pobre da minha Paulina!... é agora que sinto a falta, que te faz tua mãe... só ella poderia entrar no segredo d'esse coração tão maltratado, e dar-lhe algum comforto e consolação... mas, eu... pobre de mim! que posso eu fazer senão chorar comtigo, filha de minha alma!...

E as lagrimas corrião em fio pelas faces do velho na solidão da noite, cujo silencio só era interrompido pelos delirios de Paulina, que entregue a um somno lethargico, murmurava sons confusos entre os quaes vinha frequentemente o nome de Eduardo.

Este, por seu lado, tambem se recolhera ao aposento que lhe fôra destinado, com o coração transido de angustias, e passou a noite nas mais crueis tribulações de espirito. Elle passara como o sopro do genio do mal junto d'aquella formosa e interessante menina, e lhe fizera entrever um paraiso de amor e

de ventura para abysmal-a immediatamente n'um pego de amarguras. Aquella mimosa flor do deserto, que havia encontrado em seu caminho, de tão bello e puro matiz, tão rica de seiva e de perfume, vinha encontral-a agora rachitica e pallida como goivo despencado de uma grinalda mortuaria. E essa flor, que risonha e louçã se havia espanejado a seus olhos offertando-lhe todo o perfume de seu calix, elle a havia desdenhado e passado alem com os olhos embebidos em não sei que falsa miragem... e fôra esse desdem, que lhe mirrára o seio entornando n'elle o germen da destruição. E agora que desilludido e arrependido voltava sobre seus passos em busca da flôr, cujo perfume lhe ficara guardado no coração, ainda seria tempo? poderia elle ainda com o bafejo de seu amor restituir-lhe o alento e a vida?... Quem sabe?

Eduardo, cujas palpebras ardentes não se cerrarão essa noite, esperava ancioso o alvorecer do dia. Paulina amanheceu mais tranquilla, posto que extremamente abatida e em tal estado de fraqueza, que não lhe permittia levantar-se da cama.

Eduardo quando sahio de seu quarto encontrou já na varanda o dono da casa debruçado ao parapeito e com os olhos na estrada da Uberaba, á espera de Roberto com o medico. Em sua impaciencia não

calculava que era ainda muito cedo para poderem chegar.

— Bom dia, senhor Ribeiro; — disse-lhe comprimentando-o... Como passou a senhora sua filha?

— Ah! já está de pé, senhor Eduardo?... replicou o fazendeiro voltando-se para elle. — Paulina... eu sei..., teve ainda muita febre e delirio; mas agora está mais socegada. Todavia acho que não está nada bôa.

— Não faz idéa quanto me doe no fundo d'alma o incommodo d'ella, senhor Ribeiro.

— Muito agradecido, senhor Eduardo... mas emfim... é vontade do ceo... que se ha de fazer... Deus que tenha piedade de nós.

— Mas ah! senhor Ribeiro, quando penso, — e tenho motivos muitos fortes para pensar assim, quando penso, que sem o querer e por desgraça minha sou a causa dos soffrimentos de sua filha e de todos os seus incommodos, minha afflicção toca ao desespero.

— Bem o comprehendo, senhor Eduardo; e eu tambem... para que negar-lhe? penso do mesmo modo...

— Portanto já vê o senhor que não devo me demorar mais um instante em sua casa, visto que não lhe posso dar remedio nem allivio algum. Minha

presença lhe faz mal, e antes que ella me veja outra vez, é meu dever retirar-me.

— Pelo contrario; agora já que aqui veio, tenha paciencia, ha de ficar; o senhor é o unico que poderá salval-a n'esta cruel conjunctura; perdôe esta franqueza de um pobre pae desatinado pela dôre em risco de perder sua unica filha. Ella tem pelo senhor uma paixão louca, estou disso bem persuadido; aquelle successo da onça a fez enlouquecer...

— Tambem assim o creio, senhor Ribeiro; porem... desgraçadamente em nada lhe posso valer... tenho as mãos atadas...

— Que me diz?... ah!... já me lembro... desgraçado de mim!... onde anda esta cabeça!... essa senhora, com quem ia casar-se ou talvez já esteja casado...

— Nada disso, senhor Ribeiro; d'essa loucura ha muito estou desencantado, e por esse lado nada mais me estorva...

— Deveras!... pois então o que *lhe* impede?...

— Escute ainda, senhor Ribeiro; tenha paciencia; devo dizer-lhe tudo; se n'aquelle tempo eu tinha meu coração e minha palavra empenhada a uma mulher, hoje a tenho empenhada a um homem...

— Como assim?... não o entendo; tenha a bondade de explicar se melhor.

— Pois não sabe o senhor Ribeiro, que n'um dia seu sobrinho tomado de ciumes, sem que eu désse motivo algum, cuidando que eu fazia a côrte á Sra D. Paulina, veio me tomar satisfações; e que eu para livral-o do engano e da afflicção em que o via, em termos de fazer alguma loucura, protestei-lhe que não tinha o menor amor á senhora sua filha, — e não tinha, pelo menos eu então assim o acreditava, — e jurei-lhe pelas cinzas de meu pae que nunca serviria de estorvo ao seu casamento com a mesma senhora?...

— Não, senhor; nunca ouvi fallar em tal cousa.

— Pois é a verdade desgraçadamente, e agora... tenho os braços atados.

— Mas que tem isso?... que importa esse juramento, se Paulina não quizer casar-se com elle?...

— Contanto que não seja eu que o estórve...

— E será elle tão mào, tão desalmado, que queira sacrificar sua prima?...

— Não sei, senhor— A verdade é que dei-lhe o juramento; desse juramento só elle póde desobrigar-me.

— E que remedio terá elle; se nem eu, nem Paulina quizermos acceital-o?... Vamos, meu amigo, vamos vêr a pobre menina; ella está sempre a fallar no seu nome. Veja se a pode tranquillisar. Engane-a mesmo, se tanto é preciso, dê-lhe uns toques de espe-

rança. Viva ella enganada por algum tempo; que mal faz isso? depois quando estiver mais forte e bem disposta, com vagar e cautelosamente a irei desenganando.

— Ah! senhor Ribeiro, não sou capaz de enganar a ninguem, quanto mais a ella. Se me permitte; irei dizer-lhe toda a verdade; irei dizer-lhe, que a amo muito... que a maior, a unica felicidade minha neste mundo depende della...

— Devéras, senhor Eduardo?... atalhou o velho com alegre sobresalto, — que estou eu ouvindo?... então a quer bem?...

— Muito, senhor Ribeiro, muito! mas... de que serve?...

— De que serve?!... não comprehendo tal pergunta...

— E o juramento...

— Pelo amor de Deus, não me falle em tal juramento! Vamos, meu amigo, continuou Ribeiro com alegre soffreguidão, — vamos visital-a.

Ribeiro tomou o moço pelo braço, conduziu-o até a porta do quarto de Paulina, que se achava sentada sobre a cama, impelliu-o de manso para dentro dizendo a sua filha: — Paulina; aqui está o Sr Eduardo, que vem fazer-te uma visita; — e retirou-se.

O bom do velho, ao saber que Eduardo adorava

sua filha, e que nenhum impedimento havia mais para que se casasse com elle, exultava de contentamento, e tinha como já realisada a cura e a felicidade de sua filha. Quanto ao juramento, esse não lhe dava muito cuidado, por que não fazia idea da importancia que Eduardo ligava a elle, do fanatico aferro e tenacidade de paulista com que guardava um juramento.

— Ah! é elle! é elle ainda!?... exclamou a moça apenas avistou Eduardo, — que vem fazer aqui este homem?...

— Não lhe dizia eu? — disse Eduardo para o pae de Paulina, que se ia retirando, — a minha presença a incommoda.

— Não creia tal; — disse-lhe o velho em voz baixa; — deixe-se ficar por algum tempo, tenha paciencia. Minha filha, continuou voltando-se para Paulina; — o Sr Eduardo não te quer fazer mal algum; elle te estima muito, e não procura senão meios de salvar-te. Ditas estas palavras o velho retirou-se.

— Salvar-me elle! exclamou Paulina com um ar de insania e um sorriso indizivel. Tomára eu que elle me salve de si mesmo! aqui não ha nenhuma onça, e é só das onças que elle sabe me salvar.

— Quem sabe, D. Paulina? — disse Eduardo com

um triste sorriso, sentando-se em um tamborete juncto á cabeceira da enferma. — Deus ainda pode permittir que eu a salve de outros males. Por quem é, não me queira mal... diga-me, vae se sentindo melhor?...

— E que lhe importa?... eu não tenho nada... Como vae a sua querida lá da Franca? seguramente já se casarão, não é assim?...

O delirio de Paulina exaltava-se com a presença de Eduardo; suas palavras desasisadas, seus olhares desvairados dilaceravão o coração do mancebo que já se arrependia da visita, que por condescender com o velho lhe viera fazer.

— Por compaixão, — respondeu-lhe o moço, — não me falle n'isso D. Paulina, essa mulher morreu para mim...

— Morreu?... pois que tem isso? eu tambem não vou morrer?... não sabe? esta noite sonhei com ella... estava em uma sala de baile... vestida com um luxo e uma riqueza de espantar... começou a dançar uma valsa com o senhor... de repente foi-se virando em um dragão medonho, enroscou-se-lhe por todo o corpo, e começou a lhe morder a nuca... o senhor dava gritos desesperados, mas todo o mundo fugia espavorido; eu fiquei só e queria lhe acudir; mas meus pés estavão agarrados no chão, e meus braços não

podião mover-se; queria gritar, tambem não podia; teria morrido suffocada se meu pae, que estava perto de mim, não me acordasse...

— É singular!... ah! D. Paulina, esse sonho...

— Que tem esse sonho?...

— É uma imagem da realidade. Essa mulher era mesmo um dragão; atraiçoou-me;... achei-a casando-se com outro.

— Bem feito! exclamou Paulina com um accento indizivel de malicioso prazer; — bem feito: foi castigo de Deus; porque fez tão pouco caso de mim.

— Diz bem, D. Paulina; foi mesmo castigo de Deus. Mas eu não queria parecer-me com ella. Que importa! nada perdi. Juro-lhe, D. Paulina, que depois que vi a senhora, foi-me bem custoso não me esquecer dessa moça, e gardar-lhe a fidelidade, que guardei.

— Devéras, Sr Eduardo!... pelo que vejo, quer-me bem...

— O meu amor para com a senhora, creio que não é de agora... creio que existia desde a primeira vez; mas ai de mim!... principiou infeliz, infeliz parece-me que vae acabar... a desgraça me persegue... hoje não me é permittido offertar-lhe o meu amor...

— O seu amor!... exclamou Paulina sentando-se no leito, fitando no mancebo olhos ardentes, e sem

attender que lhe apparecião quasi nús os alvos seios arquejando-lhe afanosos; era bella assim, bella de amor e de delirio.

— Sim, o meu amor, D. Paulina! o meu amor tão grande, como eu não sei explicar, e que de certo já existia sem eu saber dentro de meu coração, e que hoje rebenta como uma labareda, que eu não posso conter nem disfarçar.

— Ah! veio tão tarde! — disse Paulina suspirando e abanando tristemente a cabeça. — Outro lhe tomou a dianteira... já não me pertenço. Olhe aqui esta face... não vê como está vermelha?... arde-me como uma braza... foi um beijo, e não foi o senhor, que me o deu.

— Um beijo!... quem lh'o deu?

— Um beijo, sim... foi meu marido...

— A senhora está gracejando... quem é seu marido?...

— Pois não sabe?... o primo Roberto é meu marido... meu pae mandou-o chamar; hontem ficou tudo ajustado.

— Ah! já entendo, — murmurou Roberto alcançando, que as palavras de Paulina não erão puro delirio como a principio pensara.— Se assim é, reflectiu elle comsigo, — não me resta mais esperança alguma.

— É verdade, — senhor Eduardo ; — continuou Paulina como que adivinhando e respondendo ao pensamento de Eduardo ; — o primo Roberto breve vae se casar commigo... Coitado! vaese casar com um cadaver ; a cama do noivado hade ser um esquife... Paulina acompanhou estas palavras de um riso funereo, que fez estremecer Eduardo ; e deixou pender a cabeça.

— Mas esse seu primo será tão duro de entranhas, que queira assim sacrifical-a?

— Mas elle me quer tanto... desde creança...

— Fatalidade! eu tambem, D. Paulina, eu tambem, da outra vez que aqui estive, jurei a esse moço que nunca da minha parte pôria o menor estorvo ao seu casamento...

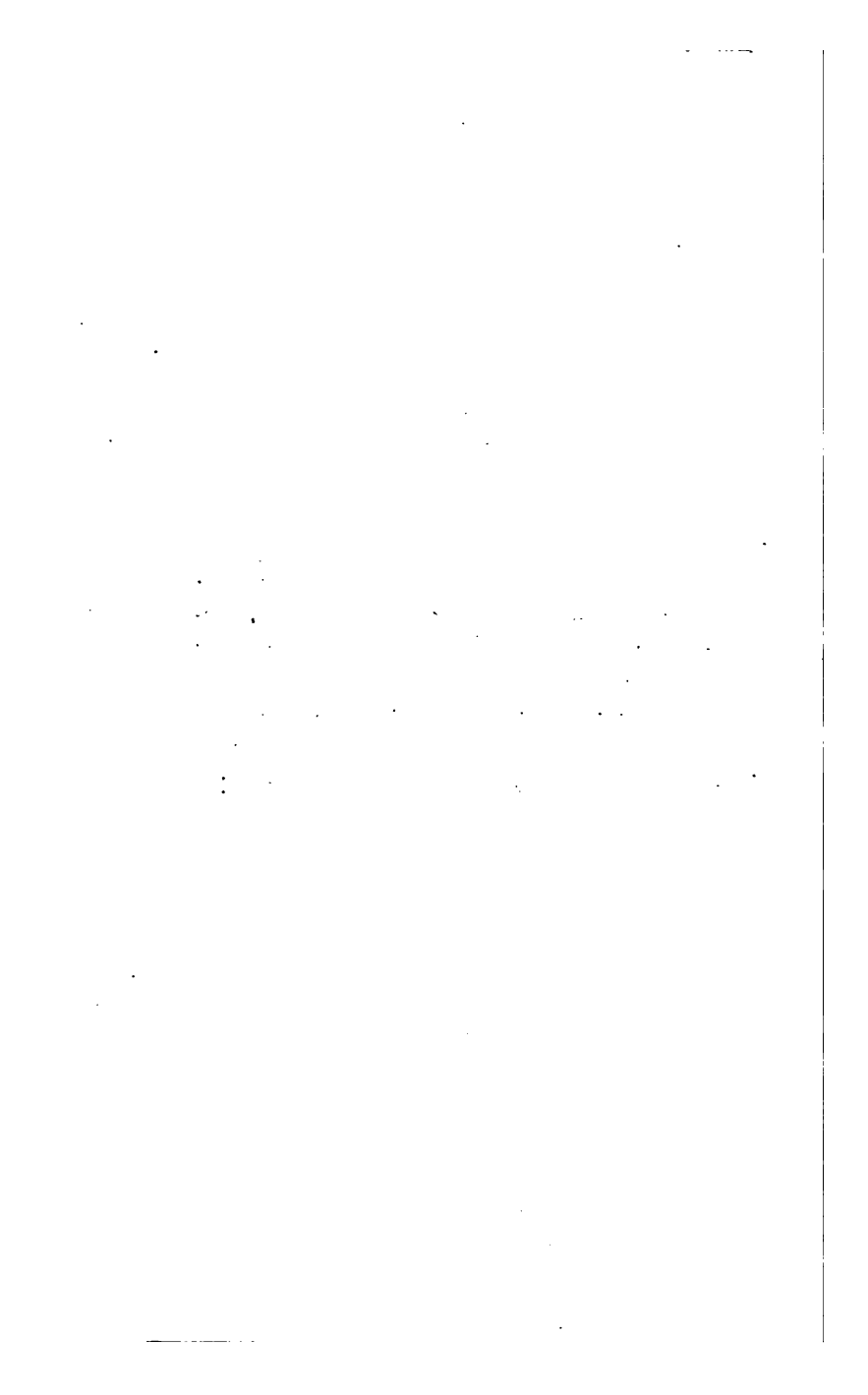
— Jurou isso?... meu Deus!... não ha esperança mais !... eu já dei-lhe o meu sim ; e o senhor juroulhe o seu... não, ah ! ah ! ah !... como isto é engraçado !...

— Mas, D. Paulina, para salval-a, para possuil-a, tudo devo tentar. Vou entender-me francamente com seu primo, dir-lhe-hei tudo sem rebuço, e se elle tem dignidade e nobreza de alma, deve desistir de sua pretenção, e me desobrigará do juramento que lhe dei. . . . .

— Roberto?... duvido ; tem por mim um amor fu-

rioso... é um estonteado, e tem cabeça dura. Roberto ha de se casar commigo, ainda que seja á beira da sepultura.

Nesse momento ouviu-se rumor de fallas na varanda. Era Roberto que chegava com o medico. Eduardo tomou a mão de Paulina, e beijou-a ternamente ; esta respondeu-lhe apertando estreitamente a d'elle e cravando-lhe um olhar, que continha um threno de ternura, de amor e de soffrimento. Seu espirito começava a serenar-se; sentia ineffavel prazer em saber que era amada por aquelle que seu coração escolhera, e nesse momento de gozo ficarão adormecidas todas as suas magoas e inquietações, todos os seus soffrimentos physicos e moraes.

— Ora pois! — dizia ella comsigo, graças ao ceo, um momento sequer jà fui feliz em minha vida. Agora só me resta resignar-me para soffrer e morrer !

CAPITULO XII

DOUS VERDUGOS

O medico, que viera com Roberto, era um padre. Era muito commum n'aquelles sertões, onde havia quasi absoluta falta de medicos profissionaes, os padres exercerem tambem a medicina, sendo a um tempo medicos da alma e do corpo, reunindo em si dous sacerdocios.

Bom! — disse comsigo Paulina, quando soube d'essa particularidade ; eu creio que hei de precisar mais do padre do que do medico.

O medico foi logo introduzido no quarto da doente, onde se demorou cerca de um quarto de hora.

— Não ha de ser nada, senhor Ribeiro, — disse elle sahindo ; — a menina teve e tem ainda uma forte febre maligna complicada com alguma irregularidade nas funcções uterinas. Com as applicações e o regimen, que vou prescrever, não corre risco al-

gum, e em breve estará sã. Mas olhe que é preciso muita dieta, e muita cautela... Taes achaques são muito communs aqui pelo sertão porque os senhores fazendeiros, — perdôe-me o dizel-o, Sr Ribeiro, — são muito desmazelados na creação de seus filhos; deixão os meninos, como esta por exemplo, em uma idade tão critica, andarem por ahi ao rigor d'este sol ardente, molharem-se, apanharem sereno, comerem fructas verdes e fazerem mil outras estrepolias...

— Ha de ser isso mesmo, — acudio bruscamente Roberto; — a prima costuma andar ahi á tôa no quintal o dia inteiro com a cabeça quarando ao sol, comendo só fructas, e quando vem para a mesa não come nada; depois quando é de tardinha vae alli para debaixo da gamelleira, e fica apanhando sereno até á noite.

— Eis ahi!... não é outra a causa de sua molestia...

— Mas, senhor padre, — atalhou o fazendeiro, — o mal não é de agora; já vae para um anno que ella soffre.

— Não duvido; ella tem incommodo chronico do estomago, e as funções do utero, como já disse, não são muito regulares. Mas tudo isso complica-se agora com uma febre aguda, que é preciso atalhar promptamente.

— Ah! senhor padre! senhor padre! — pensou comsigo Eduardo, — se vossa Rv. lhe examinasse mais a alma do que o corpo, se a ouvisse de confissão em vez de tomar-lhe o pulso, acharia em outra parte a origem da molestia.

Em quanto Joaquim Ribeiro e o Padre conversavão, Eduardo, que assustado com a gravidade e os progressos do mal de Paulina não queria perder tempo, nem adiar para mais tarde a solução do problema de seu destino, chamou de parte a Roberto e o convidou para uma conversa particular, decidido a dizer-lhe tudo com a mais rude franqueza. Descerão ambos a escada e dirigirão-se para um canto do curral.

— Senhor Roberto, — começou Eduardo com tom serio e commodivo, — sei que o que tenho a dizer-lhe de maneira nenhuma lhe pode ser agradavel; vou dar em seu coração um golpe bem cruel; mas tenha paciencia; assim é preciso.

— Um golpe!... em meu coração! que quer dizer isto?!... o senhor está caçoando, senhor Eduardo.

— Nunca fallei tão serio. Tenha paciencia, já lhe pedi;... aliás perco o meu tempo. Se fosse só por meu respeito, nunca daria este passo, e hoje mesmo me sumiria para sempre d'esta casa; mas é por amor

d'aquella pobre moça, que alli jaz penando no fundo de uma cama...

— Peior! — interrompeu Roberto com impaciencia; — cada vez o entendo menos. Deixe-se de rodeios, senhor Eduardo; desembuxe, que estou ardendo por saber que alhada é essa.

Roberto já se achava com uma terrivel predisposição contra Eduardo, e por isso o recebia, como se costuma dizer, á ponta de bayoneta.

— Se soubesse que estava de tão má disposição, e se não fosse tamanha a gravidade do caso, não o incommodaria...

— Não senhor; não ha de me deixar assim com a pulga na orelha; já agora diga ao que veio...

— Promptamente; vou-lhe explicar tudo em palavras bem poucas e bem claras. Saiba, senhor Roberto, que não é por vontade d'ella, que sua prima vae casar-se com o senhor.

— Não é por vontade d'ella! — exclamou Roberto arregalando os olhos, cruzando os braços e dando dous passos para traz; — e quem lhe metteu essa nos cascos, senhor Eduardo?...

— Ella mesmo, senhor Roberto; n'este instante acaba de m'o dizer.

— Fóra com essa!... vá pregal-a mais adiante, que aqui não péga. Ainda hontem alli ella me deu o

sim sem constrangimento algum d'este mundo. Isso se não é mexerico seu, é delirio della.

— Nem delirio, nem mexerico, senhor Roberto; é a pura verdade. E saiba mais, — pois é necessario declarar-lhe com franqueza a verdade toda inteira, — saiba mais que não sei se por felicidade ou infelicidade minha, sua prima desde a primeira vez que me vio — n'aquella fatal caçada, lembra-se? creou por mim uma affeição, uma paixão irresistivel, que ella em vão tem-se esforçado por combater. Essa paixão, que não é necessario ser muito ladino para perceber, é a causa de todos os seus soffrimentos, e é ella que sem duvida alguma a levará á sepultura, se o senhor não tiver piedade della...

— Eu ter piedade della!... se o entendo diabos me carreguem. Visto ser assim como diz, o senhor porque não teve piedade della a primeira vez que cá esteve? porque me cedeu o campo?

— O senhor tem fraca memoria; não lhe disse, que minha palavra estava empenhada a outra moça, agora felizmente esses laços estão quebrados, e cumpre-lhe, senhor Roberto, por sua honra e dignidade, pelo sentimento de humanidade, ceder de sua pretenção deixando-nos livres a mim e a ella, se não quer sacrificar uma pobre menina.

Em quanto Eduardo fallava, Roberto não podia

ter-se de impaciencia; puxava o nariz, sostinha-se ora n'um pé ora n'outro, fungava, trincava os dentes, e fazia mil trejeitos.

— Oh! isto é demais! prorompeu elle emfim depois de um curto silencio; — pois quando ainda hontem meu tio acaba de me chamar para tractar de meu casamento e abreviar esse negocio, agora é que o senhor vem com toda a frescura do mundo querer arrancar-me a minha noiva?

— Não é vontade minha só, senhor Roberto : é tambem a vontade della e o desejo mais ardente de seu tio...

— E o senhor já se esqueceu, que jurou que nunca em tempo algum serviria de estorvo ao meu casamento? é bom modo esse de cumprir um juramento.

— Jurei, é verdade; esse juramento heide cumpril-o, se o senhor tiver a alma tão empedernida, que não queira desobrigar-me delle.

— Está já lhe dando um bonito cumprimento!... quem o chamou cá? que motivo o trouxe aqui, se não o desejo de me estorvar?...

— Engana-se. Meus negocios aqui me chamárão, e eu não jurei de não pôr os pés nesta casa.

— Se Paulina lhe quer tanto bem, como diz, devia saber que sua presença já era um estorvo.

— Eu estou sempre presente no coração della,

senhór Roberto; a minha ausencia em nada poderia favorecel-o, já que quer que lhe diga toda a verdade; o senhor vae matal-a.

— Não me mette cucas, senhor Eduardo; eu sei o que é um coração de moça. Mande-se mudar e deixe-nos, que tudo se arranjará por cá sem o senhor, sem duvida nem matinada. A molestia de minha prima appareceu com o senhor; desappareça, que ella tanbem desapparecerá.

— Talvez a sua presença lhe seja mais fatal... mas não foi para estarmos a brigar, que o chamei, senhor Roberto; já lhe disse o que ha; agora diga-me de uma vez, quer ou não quer salvar sua prima...

— Salval-a como?... de que?... salval-a do senhor?... estou prompto.

— Não se faça desentendido. Quer ou não quer desobrigar-nos a ella do sim que lhe deu, e a mim do juramento?...

— Do juramento?... pois o senhor já não o quebrou?... póde ainda quebral-o quantas vezes quizer.

Eduardo perdia a paciencia; todavia tentou ainda com termos brandos e persuasivos reduzir a indole crespa e revessa de Roberto. Foi tempo perdido; nenhuma razão podia calar naquella cabeça de ferro, nemhum sentimento acalmar aquelle coração irritado.

— Pois bem! — exclamou por fim Eduardo já não podendo soffrear sua impaciencia e indignação; — já que o senhor é um desalmado, e tem a cabeça tão rija como una bigorna, fique-se embora com sua teima infernal; mas esteja bem certo que o senhor não se casa senão com un cadaver, e esse cadaver é feito pelas suas mãos. Paulina, sua prima, morre de paixão, e é o senhor, quem lhe cava a sepultura.

— Não me venha com pataratas, senhor Eduardo; o que lhe convem é tractar de cumprir o seu juramento retirando-se desta casa.

— Sei mais do que o senhor cumprir a minha palavra. Olhe que n'um momento posso me ver livre do senhor e desse desastrado juramento... por ventura jurei de não matal-o?...

Eduardo, ebrio de colera, já apalpava o cabo da faca, que trazia presa á cava do collete, quando Joaquim Ribeiro que da varanda os observava, e vendo que os dous moços alteravão vozes, descera ao curral e se avizinhára sem que elles dessem fé, avançou e agarrando seu sobrinho pelo braço, bradou-lhe:

— Mas eu não lhe jurei nada, senhor meu sobrinho!... nosso contracto está rasgado, por que vejo que o senhor é um homem desalmado e indigno da mão de minha filha. Nem viva nem morta ella nunca lhe

pertencerá. Não é mais o senhor, quem estórva esse casamento, senhor Eduardo; sou eu que não o quero. O senhor está desobrigado de seu juramento.

Roberto ficou fulminado com aquella terrivel apostrophe de seu tio; pallido e tremulo não atinava com o que devia responder, e alli ficaria assim por longo tempo, se Eduardo tomando a palavra, não viesse em seu auxilio:

— Não, senhor! disse Eduardo com voz firme; — não me considero desobrigado, emquanto elle mesmo não desistir; ella e o senhor derão-lhe um direito, que sem quebra da lealdade não lhe podem mais negar...

— Que louca teima, senhor Eduardo!... e assim Paulina morrerá...

— Não posso, senhor, não posso ser falso ás cinzas de meu pae...

— Roberto, — disse o velho com voz supplicante voltando-se para seu sobrinho, — Roberto, meu sobrinho, olha o que fazes. Tua prima está em risco de vida. Ella não te quer, e só te acceitava por marido por comprazer commigo; só o senhor Eduardo pode fazer a sua felicidade, só elle pode salvar-lhe a vida, que está por um fio. Roberto, tem piedade della...

— Ai! que isto já me enjôa, e até me cheira a

desafôro! — bradou Roberto; — o senhor Eduardo pode quebrar o juramento, e o senhor meu tio pode faltar á sua palavra quantas vezes quizerem. E adeus! passem muito bem, e fação o que entenderem.

E sem querer ouvir mais nada, montou em seu animal que alli estava ainda arreado, e picou a galope caminho de sua casa.

Os dois ficárão immoveis, pasmós e silenciosos por largo tempo olhando o cavalleiro, até que este se encobrio pela avenida de um capão visinho.

— Que desalmado e brutal sobrinho tem o senhor Ribeiro, — disse Eduardo; — e era a um tal homem, que o senhor hia entregar sua filha?...

— E não menos desalmado e cruel, — retrucou-l-he Ribeiro, — é o senhor, que por um vão escrupulo dexia succumbir minha infeliz filha.

— Jurei, senhor Ribeiro, e não sou homem que falte ao meu juramento por motivo nenhum deste mundo.

— E diz que quer muito... que adora a minha Paulina... oh!... perdoe-me; não posso acredital-o.

— Senhor Ribeiro, por compaixão, não aggrave com suas queixas a dor de meu coração, que, — esteja certo, — soffre tanto ou mais do que o seu. Adoro a sua filha, e sei que sem ella irei ser o mais des-

graçado dos homens. Mas, meu amigo, que hei de eu fazer?... acima de tudo está Deus, a religião, a honra, a consciencia.

— Não me diga tal; nem Deus nem a religião querem o supplicio inutil e a morte de uma innocente creatura.

— Deus abomina o perjurio, senhor Ribeiro...

— Deus não acceita um juramento louco... Entretanto são os senhores dois os algozes de minha filha! Pobre Paulina!... o destino fez-te escapar das garras de uma onça para te collocar entre duas féras ainda peiores...

Dizento isto o infeliz veilho lastimava-se e chorava como uma creança, arrancando as cans e praguejando da sua sorte.

— Animo, meu amigo!... disse-lhe Eduardo, chegando-se mansamente para elle. Não se entregue assim ao seu pezar. O estado de sua filha não é ainda para desesperar. Com a minha ausencia seu espirito acalmará; não ha soffrimento algum, a que o tempo não traga algum allivio. Quanto a mim não devo parar mais nem um instante n'esta casa, onde a minha presença parece que é e será sempre um desastre. Adeus, senhor Ribeiro!... perdoe-me, se sou a causa involuntaria de tantos soffrimentos... por piedade, não se queixe de mim... sou digno de lastima, mais do

que ninguem... eu tambem soffro... soffro tanto como ella... e vou ser para sempre infeliz.

Fallando assim o moço abaixava o rosto e tapava os olhos com a mão para occultar suas lagrimas.

— Acredito e lastimo-o de todo o coração, senhor Eduardo, — respondeu-lhe o fazendeiro; — mas espero que me fará o favor de não ir ainda hoje; espere ainda até amanhã ou depois, tenha paciencia. Quem sabe se aquelle estouvado cahirá ainda em si?... elle estava atordoado com o golpe que recebeu; não sabia o que dizia, nem o que fazia;... o caso não era para menos. Mas talvez que reflectindo pense melhor... Esperemos; sou eu que lhe peço em nome de Paulina.

Não havia resistir. Eduardo deixou-se ficar e com o coração atravessado das mais raladoras angustias encaminhou-se para a gamelleira, a cuja sombra foi se sentar. Era alli o horto, em que ha tempos fizera tragar á misera Paulina o calix da amargura; era alli tambem, que agora ia sorver as fezes do fel das desventuras, que elle por uma cruel fatalidade tinha preparado com suas proprias mãos para si e para ella.

Que de amargas reflexões, que de pungentes recordações não o assaltárão alli n'aquelles curtos momentos, que resumião uma vida inteira de decepções, de magoas e de angustias!

CAPITULO XIII

DESENGANO TARDIO

Joaquim Ribeiro, deixando Eduardo no curral, entrou para casa e foi procurar o padre, que estava na sala de jantar acabando de consumir pausadamente uma excellente refeição. Alli communicou elle confidencialmente ao padre, que era conhecido e velho amigo seu, a verdadeira causa dos padecimentos de sua filha, e as crueis difficuldades, em que se via, expondo-lhe minuciosamente tudo o que havia occorrido em sua casa, desde a primeira vez que Eduardo n'ella apparecera, até o ultimo incidente, que entre elle e Roberto acabava de ter logar.

— Então já vejo, — disse o padre, que bem pouco pode valer n'este caso a medicina, e que no meu caracter de padre e de amigo poderei talvez prestar-lhe melhores serviços aconselhando a esses malucos para entrarem no caminho da boa razão, do qual me pa-

rece que ambos elles andão bem desviados, ou consolando a pobre menina, e prestando-lhe, — caso precise, o que Deus não ha de permittir, — os soccorros do meu ministerio. Se o senhor me permitte mesmo não sahirei de sua casa, em quanto não vir todo esse negocio accomodado e arranjado do melhor modo que fôr possivel.

— Oh ! senhor padre, quanto lhe fico agradecido !... faz-me com isso o maior favor do mundo ; eu mesmo já lh'o hia pedir. Ajude-me, por quem é, a salvar aquella pobrezinha.

— Esse é o meu dever como medico, como padre, e muito particularmente como amigo. Por agora vamos ao quarto da menina a ver como vae passando.

A febre de Paulina tinha declinado consideravelmente, e tinha-lhe voltado a calma e lucidez do espirito ; mas achava-se em estado de debilidade e prostração tal, que parecia estar em deliquio. O medico e o pae fizerão-lhe algumas perguntas, a que respondeu com voz lenta e fraca, porem com muito accordo e conveniencia.

— Está extremamente fraca, — disse o padre, — mas antes isso ;... é a reacção da febre ; se não sobrevier algum outro accesso, não ha mais perigo... É preciso hir-lhe dando desde já os cordeaes, que indiquei, nada de alimentos, e sobre tudo muito soce-

go. Vamo-nos, Sr Ribeiro; deixemos a menina descançar...

— Não, senhor padre; podem ficar e conversar;... não sinto por ora necessidade de repouso. Por que não apparece tambem o Sr Eduardo?... e o primo... que é delle, meu pae?...

— Roberto, — respondeu-lhe o pae, — teve precisão de ir a casa, — e volta logo á noite. Queres que chame o Sr Eduardo?...

Paulina fez um aceno affirmativo.

Ribeiro fez um signal ao padre chamando-o para fora do quarto.

— Que diz, senhor padre, — perguntou-lhe, apenas sahirão, — acho que não haverá inconveniente em deixar que Paulina se entretenha alguns instantes com esse moço?...

— Eu sei, meu amigo?... a presença delle vae-lhe avivar uma lembrança, que convinha trazer-lhe sempre arredada do espirito o mais que fosse possivel.

— Mas, senhor padre, de que serve não se achar elle alli, se ella o traz sempre presente na imaginação? assim melhor será, que de facto esteja presente; ella quer-lhe tanto... talvez a presença delle lhe sirva de algum allivio e consolação.

— Pode ser; mas recommende ao moço toda a cautela e moderação... uma conversação só para distra-

hil-a, e nada de tocar em assumptos melindrosos, nada de excitar-lhe emoções...

O bom padre não considerava, que bastava verem-se para alvoroçar-se um pego de emoções no fundo daquellas duas almas tão amantes, e tão desafortunadas.

Eduardo ainda se achava á sombra da gamelleira, absorvido em suas amargas reflexões, quando d'ellas foi distrahido pelo chamado de Joaquim Ribeiro.

Introduzido no quarto de Paulina, Eduardo foi sentar-se triste e silencioso junto á sua cabeceira.

— Bem apparecido, Sr Eduardo ! — disse-lhe ella ; — estava mesmo com vontade de o ver. Acho-me tão tranquilla !... parece que a paz dos anjos desceu sobre a minha alma...

— Não faz idea, D. Paulina, do quanto me alegrão suas melhoras...

— Mas acho-me tão fraca... tão fraca, que quasi não posso mover-me.. o que vale é que o senhor me quer bem, e o seu amor me ha de dar alento e vida, não e assim ?

— Sim, D. Paulina, — exclamou o mancebo tomando-lhe a mão que pendia á beira da cama, como um jasmin debruçado á borda de um vaso de alabastro ; — o amor que lhe tenho é muito grande, e se este amor pode restituir-lhe a saude perdida, a

vida e a felicidade, eu me julgarei o homem mais afortunado do mundo... mas. D. Paulina, é preciso que a senhora se tranquillise, e evite essas lembranças. Tratemos primeiramente da sua saude, da sua vida, que tambem é a minha, ouvio, D. Paulina? depois, quando se achar melhor trataremos do nosso amor.

— Não, não, Sr Eduardo; tratemos delle já; tratemos d'elle sempre; é só elle que me dá algum allivio os meus padecimentos... diga-me, esteve com o primo? fallou com elle?...

— Ah! meu Deus! meu Deus! que hei de eu dizer-lhe?... pensou Eduardo no maior embaraço, e respondeu tropeçando nas palavras:

— Com o Sr Roberto? ah!. . sim... fallei-lhe;... porem elle...

— Acabe... mas para que? já sei; não quiz ceder por nada, não é assim?

— Não é isso, D. Paulina; é que elle nada quiz decidir; estava de muito mão humor.

— Que disfarce, Sr Eduardo! para que quer enganar-me?... bem se está vendo por esse seu ar triste, por suas meias palavras, que não ha para nós esperança de felicidade. Que lhe dizia eu, Sr Eduardo?

Paulina, que meio sentada tinha a cabeça encos-

tada á cabeceira do catre, deixou-a cahir tristemente sobre o peito. . . . . .

— Não quero enganal-a, não D. Paulina; por quem é, não desanime assim. Seu primo ficou muito agastado, é verdade; era isso muito natural naquelle primeiro choque, que tanto o devia magoar... de certo mais tarde, reflectindo friamente...

— Qual!... nunca! nunca!... é impossivel!... interrompeu a moça abanando tristemente a cabeça. Eu conheço-o muito... desde creança; é mais facil morrer do que consentir que eu me case com outro. Que loucura a d'aquelle pobre primo! não vê que não encontrará mais do que um cadaver. Fuja, senhor Eduardo; suma-se da minha presença! eu sou delle. Cumpra o seu juramento. Eu tambem jurei;... não vê este beijo na face... ainda me está ardendo como braza... isto é mais que um juramento...

Um vivo rubor despontava nas faces de Paulina; seus olhos desvairados se incendiāo de um fulgor estranho, e o sorriso pallido da insania lhe vagueava pelos labios. Era um novo accesso da febre e do delirio, que se annunciava. Eduardo consternado e pallido de susto em vão procurou palavras para acalmal-a; chamou Ribeiro e o padre, que estavão n'um compartimento visinho, e sahio com o coração esmagado de dôr e desalento.

Serião tres horas da tarde, quando se manifestou em Paulina esse novo accesso de delirio, que durou até á noite. Com a noite porem acalmou-se, e Paulina conversou placidamente com seu pae, com o padre e com Eduardo. Parecia reanimada; mostrou-se tão tranquilla e arrazoada; sua conversação foi tão cheia de senso e lucidez, que a todos encheu de esperanças. Assim esteve até perto da meia noite conversando socegada e distrahida som o mais leve indicio de outro soffrimento, que não fosse á nimia fraqueza. O resto da noite, ao que pareceu, passou-a tranquillamente adormecida.

Quando Paulina accordou era já dia. Mandou chamar seu pae, o padre e Eduardo. Logo que chegárão, perguntou se podia abrir a janella do seu quarto, pois estava com saudade do ar e da luz.

— Sem duvida nenhuma, — respondeu o padre, — visto que não ha vento, e o ar não está humido nem frio; é mesmo conveniente renovar-se o ar deste quarto.

Estava uma manhã esplendida. A janella do quarto de Paulina dava para o seu jardim, desse jardim, que outr'ora em tempos mais felizes ella cultivava com suas proprias mãos e que era o enlevo da sua soldão.

A bafagem de ar que entrou pela janella, inundou o quarto de um delicioso perfume de jasmins e flôres

de laranjeira. Uma chusma de passarinhos esvoaçava e trinava pelos ramos florecidos do pomar; os colibris verdes cruzavão se zumbindo pelos ares, lindas borboletas entravão e sahião volteando pelo quarto, e por baixo mesmo da janella, pousada sobre uma romeira resoava uma suavissima e festiva orchestra de pintasilgos. O ar estava tepido e sereno, e o ceo de um esplendor e limpidez maravilhosa.

Paulina estava placida e calma, mas em tal pallidez e immobilidade, que mais parecia uma estatua de alabastro. Pouco a pouco porem ao contacto d'aquelle ar puro e embalsamado, d'aquella luz suave, suas feições forão-se reanimando, um leve matiz de rosa assomou-lhe ás faces, seus olhos encherão-se de um meigo fulgor, e denunciavão que uma alma vivificava ainda aquelle formoso e delicado corpo. Apezar da sua prostração, no rosto de Paulina transluzia um bem-estar, uma serenidade angelica; seus seios arfavão brandamente, um meio sorriso da mais suave expressão estava fixo em seus labios, e sobre a fronte parecia que lhe pairava um reflexo da bemaventurança.

Parecia reinar naquelle aposento um não sei que de mystico e beatifico, um effluvio celestial que todos aspiravão em santo e silencioso recolhimento. Eduardo, sobretudo, cheio de emoção, de amor e de esperança,

contemplava em adoração o rosto de Paulina, e julgava-se transportado ao paraiso.

O silencio, que ha alguns instantes reinava naquelle aposento, como em um sanctuario, teria durado ainda mais longo tempo, se não viesse quebral-o bruscamente um pagem, que entrou acceleradamente no quarto, e entregou uma carta a Joaquim Ribeiro. Este no mesmo instante abriu-a sem reflectir, que hia excitar a curiosidade de Paulina, e que a carta que vinha da fazenda do pae de Roberto, podia conter uma má nova. Dentro della vinha outra carta dirigida a Eduardo, que Ribeiro immediatamente lhe entregou.

Ribeiro passou rapida e silenciosamente os olhos pela carta que lhe era dirigida; o seu conteúdo era o seguinte:

— « Dou-lhe a triste noticia que meu filho Roberto amanheceu hoje morto em seu quarto com a cabeça atravessada por uma bala. O infeliz, quando aqui chegou hontem, encerrou-se em seu quarto sem apparecer a ninguem. Ao romper do dia ouviu-se um tiro no seu quarto; acudio-se promptamente, arrombou-se a porta, e fomos achal-o estendido no chão e lavado em sangue. Que desgraça, meu amigo!... não posso atinar com o motivo, que o levou a tal loucura... Achou-se sobre sua mesa essa carta ao

senhor Eduardo com a recommendação de ser entregue immediatamente, como verá no sobre-escripto. »

Por mais esforço, que fizesse Ribeiro para occultar a sua perturbação durante a leitura, a magoa e a consternação pintavão-se em seu resto.

Paulina, que tudo estava observando, perguntou-lhe com anciedade :

— E carta do primo Roberto, não é, meu pae ?

— Não, minha filha ; — respondeu o velho esforçando-se por mostrar-se tranquillo ; — é um simples recado de teu tio; não tem importancia alguma; pede-me apenas, que entregue immediatamente aquella carta ao senhor Eduardo, e pede-me noticias da tua saude.

— Ah ! meu pae !... meu pae !... quem sabe ?... Vmce quer me enganar... e essa outra carta ?... de quem é, senhor Eduardo ?... leia, leia em voz alta... por favor, se não é algum segredo...

Eduardo, que acabava de decifrar não sem difficuldade os terriveis garranchos, que o infeliz Roberto com mão convulsa tinha traçado n'aquelle papel, vendo que nenhum inconveniente havia na leitura daquella carta, que á excepção da ultima phrase,— a qual envolvia um sentido sinistro, — continha uma lisonjeira noticia, que elle estava ancioso por communicar a Paulina, leu em voz alta o seguinte :

« Senhor Eduardo. Confesso e reconheço, que hontem fui estouvado e grosseiro com o senhor. Hoje, pensando melhor, vejo que o senhor tem razão, e que eu sou um desgraçado que nada tem mais que fazer n'este mundo. Desisto de tudo ; faça de conta que eu nunca existi ; e que nunca o senhor me deu juramento nenhum. Adeus ! sejão felizes, *e rezem por minha alma.* Roberto. »

Estas ultimas palavras Eduardo supprimio-as na leitura.

— Pobre de meu primo ! — exclamou Paulina, apenas Eduardo acabou de lêr ; — e eu que suppunha que elle não seria capaz de dar esse passo !... que injustiça !... hei de lhe pedir perdão de joelhos... que coração ! que alma de anjo !... meu pae !... senhor Eduardo !...

A moça quasi não podia mais fallar de emoção ; soluçava e arquejava comprimindo o peito com as mãos, como temendo que lhe rebentassem.

— Basta, — exclamou o pae já cheio de inquietação ; — basta, minha filha ; não convem que falles mais. Acalma-te ; o ceo acaba de fazer tudo para a tua felicidade ; agora o que precisas é saude...vamos; deita-te e descança... nada de conversas por ora;... retiremo-nos meus senhores.

— Para que meu pae?... eu acho me tão contente...

e tranquilla... senhor Eduardo, por favor demore-se um momento... meu pae ha-de permittir, que lhe diga duas palavras...

-- Paulina !... mais tarde, minha filha, conversarás com elle quanto quizeres.

— Não tenha susto, meu pae ; duas palavras só, e elle sahirá logo, – disse Paulina cravando-lhe um olhar supplicante.

O pae não teve animo de contrarial-a mais.

— Pois bem ; minha filha ; porem cautella ; por quem és não falles muito, nem te commovas.

CAPITULO XIV

CONCLUSÃO

— Ah! senhor Ribeiro, — disse o padre com tom severo, apenas se achárão fora do aposento de Paulina, — foi uma grave imprudencia a entrada daquelle rapaz com as cartas no quarto da menina?... queira Deus dahi não venha algum mào resultado.

— Tem razão, senhor padre; eu tambem logo vi o inconveniente... mas que havia de eu fazer?... o maldito moleque, e quem aqui o introduzio sem licença minha, têm a culpa de tudo. Mas como ella não soube da noticia senão na parte que tem de bòa...

— Muito embora, Senhor Ribeiro; toda e qualquer emoção violenta, ainda mesmo de alegria, no estado em que ella está lhe pode ser fatal.

— Tudo pode ser, senhor padre; mas eu nunca ouvi dizer, que ninguem morresse de alegria.

— Como, não, meu amigo?... em estado de plena

saude, ainda bem; mas no estado melindroso e critico, em que se acha sua filha, qualquer impressão forte seja de dôr ou de prazer, pode determinar uma crise, e nessa crise ella succumbir. A vida della està presa por um fio tão delicado, que o abalo o mais insignificante póde quebral-o.

— Deus tal não permitta, — disse o velho consternado; — e Deus queira que a presença desse moço tambem não lhe faça mal... seria bom fazel-o sahir...

— Para que?... jà agora o choque està recebido, e se tiver de produzir algum máo resultado, quer elle esteja, quer não, elle sempre ha de apparecer.

Ribeiro e o Padre continuárão conversando sem se affastarem muito do quarto de Paulina para poderem acudir promptamente no caso de algum accidente.

— Paulina!... minha Paulina! exclamou o mancebo, logo que se acharão a sós, sentando-se á beira da cama, e tomando entre as suas as mãos da moça. — Graças ao céo hoje posso chamar-te minha!... Deus teve compaixão de nós... somos felizes, Paulina.

— É verdade, Eduardo!... somos felizes; muito felizes... eu bem estava sonhando esta noite, que uns anjos do ceo estavão voando em roda de mim, cantando e dizendo que eu era a mais feliz de todas as mulheres. Eu estava muito contente; mas o que

me causou magoa... foi vêr lá sómente o meu primo, que estava a um canto sombrio e pezaroso, e não te vêr em parte alguma...

— Mas estás vendo-me agora, minha querida, feliz e contente junto a ti, e isto agora não é um sonho.

— Não é... mas paréce... custa-me a crêr em tamanha felicidade... que eu nunca esperei. Eu ia morrer de magoa e pezar... mas agora creio que morro de felicidade... Eduardo!...

Paulina arquejava; suas faces começavão a enrubecer, e seus olhos enchião-se daquelle reflexo brilhante e vago, que costumava acompanhar o delirio.

— Ah! meu Deus! meu Deus! — murmurou comsigo Eduardo atterrado e com o coração transido de angustia; — é a febre!... é o delirio que volta!...

— D. Paulina, — disse em voz alta, — deixemos esta conversa para logo... temos tempo de sobejo para isso... temos uma vida inteira de amor e felicidade... por emquanto a senhora precisa de descanso; deite-se e socegue... adeus!... eu vou mandar vir-lhe um cordeal, e volto breve.

— Não, não! — disse a moça cada vez com mais exaltação. Não consinto; fica ahi, Eduardo. Não quero perder um momento... de tua companhia n'este dia tão feliz... o melhor cordeal é o nosso amor, não é assim, Eduardo?...

— É, D. Paulina, mas a sua saude...

— Não me falles em saude... eu não soffro nada... sou tão feliz... Olha, Eduardo, olha esta face... este beijo funesto... está me ardendo ainda... apaga-o, Eduardo, apaga esse beijo com tua boca...

Fallando assim Paulina estendia a cabeça, e apresentava a face a Eduardo de um modo tão meigo e supplicante, que elle quasi contaminado do mesmo delirio chegou-lhe os labios e beijou-a com ardor.

A face de Paulina estava fria. Eduardo atterrado desviou o rosto, e encarou-a com attenção. Os olhos baços mal reflectião uma luz frouxa como de quem vae adormecer; o carmim das faces tomava um tom livido, as palpebras tremião-lhe; mas um fraco sorriso estava sempre fixo em seus labios, e pairava-lhe sobre a fronte angelica serenidade.

Paulina enlaçou-se ao pescoço de Eduardo, e deitou a cabeça sobre o hombro delle como creança, que quer adormecer. — Eduardo! — murmurou com voz sumida, exhalou um fraco soluço, e ficou immovel.

— Paulina! Paulina! — exclamou o moço assustado agitando-a brandamente. — Estava de feito adormecida.

Eduardo pousou-a de mansinho sobre o traves

seiro; examinou-a com mais attenção. Estava morta!

Tão tenue era o fio, que prendia á vida aquella debil e mimosa creatura, que não pôde resistir áquella ultima emoção.

Morreu nos braços da felicidade, com o sorriso nos labios e o prazer no coração.

Dir-se-hia, que não foi a morte com o seu sopro sinistro que extinguiu aquella existencia; mas que um anjo de Deus, baixando sobre o fragil e formoso corpo de Paulina, veio sorrindo cerrar-lhe as palpebras, e sorvendo-lhe a alma n'um beijo, a conduziu para o céo.

Algumas horas depois dous pretos conduzindo um cadaver ensanguentado em uma rêde chegavão á casa de Joaquim Ribeiro.

Era o cadaver do infeliz Roberto, que levavão a sepultar no cemiterio de Uberaba.

O padre, porém, não consentiu que dessem aquella caminhada inutil, fazendo-lhes vêr que o parocho da Uberaba por modo nenhum podia consentir, que se enterrasse em logar sagrado o cadaver do suicida.

Foi sepultado a meia legua de distancia da fazenda, junto a um capão á beira da estrada.

O padre não quiz benzer o logar da cova, nem rezar sobre o cadaver as orações dos finados.

Mas o povo, que comprehende melhor a infinita

misericordia divina, e tem mais fé n'ellas do que os proprios ministros da religião, cravou sobre a sepultura uma cruz de páo toscamente lavrada; — á sombra d'esse symbolo santo toda a terra é sagrada.

Joaquim Ribeiro tambem não consentiu que a filha fosse enterrado no cemiterio commum; não queria affastar-se, nem mesmo na morte, daquella que tanto idolatrára na vida. Não podendo guardar aquelles restos queridos em um magnifico tumulo de marmore, porque n'aquelles sertões faltava-lhe tudo — o artifice e a materia — mandou benzer e cercar um pequeno terreno no alto de uma risonha collina, que ficava á vista da casa não muito além do sitio em que dormia o eterno somno o desafortunado Roberto, e alli guardou no seio da terra aquelle deposito sagrado. Mandou depois erigir alli uma capellinha singela, mas alva e asseiada, que se divisava a grandes distancias servindo de pharol ao viandante por aquellas vastas e descampadas solidões.

Alli o velho e infeliz pae ia rezar todos os dias, até que pouco tempo depois alli foi tambem repousar ao lado de sua filha.

Contava o povo, que um triste noitibó, que todas as noites fazia seu pouso nos braços da cruz da sepultura de Roberto, sahia de lá alta noite soltando guinchos lamentosos, e vinha pousar nos muros do

cemiterio; e que uma pomba alva como neve sahia batendo as azas da sepultura de Paulina, e desapparecia nos ares.

Era, dizia o povo supersticioso, a alma de Roberto, que andava penando em busca de Paulina, que fugindo sempre delle ia se esconder no céo.

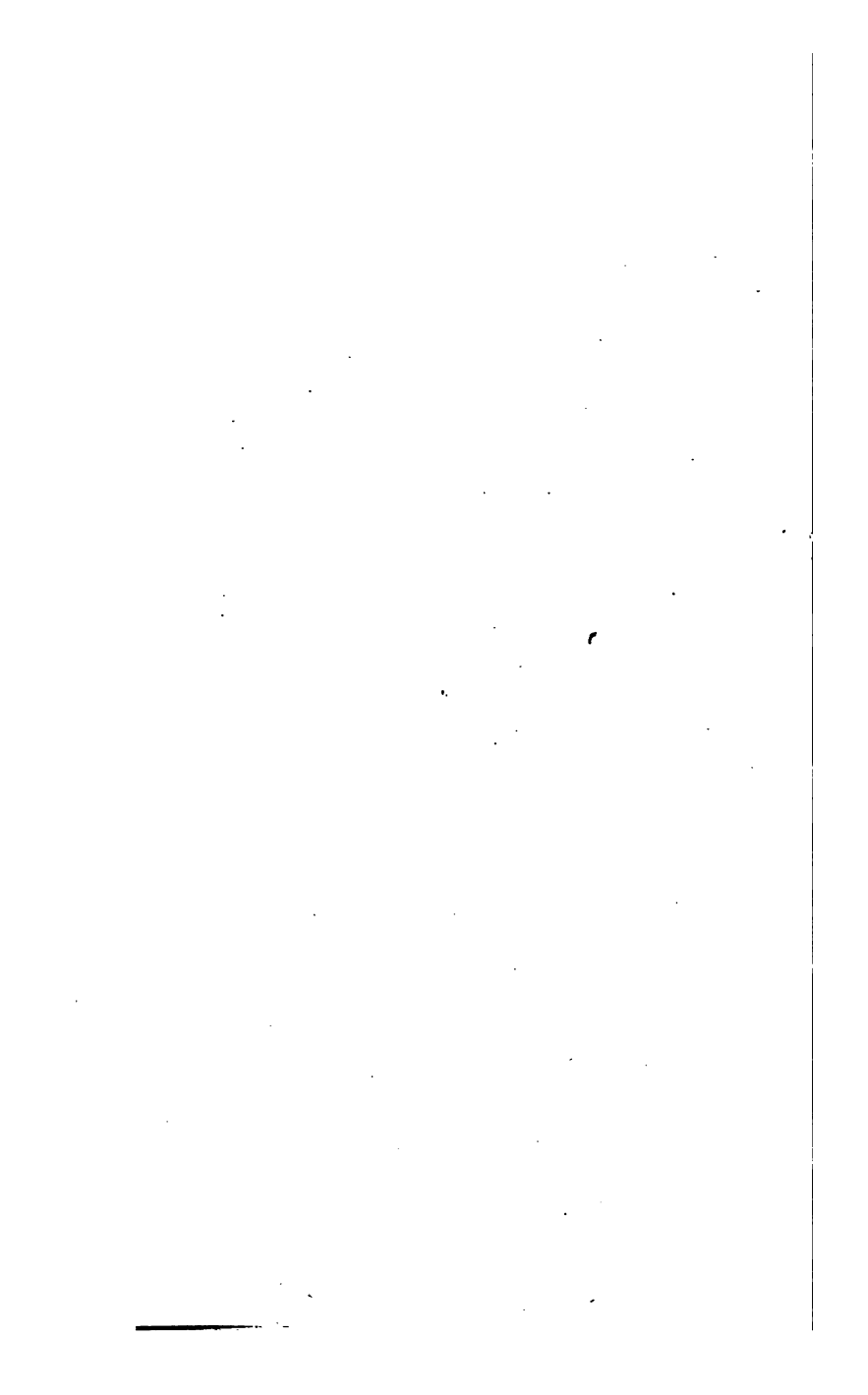
Assim o sempre infeliz Roberto, bem como durante a vida, viera tambem depois de morto repousar e suspirar ainda junto daquella, por quem seu coração havia suspirado em vão durante a vida inteira.

Eduardo desappareceu, e ninguem sabe ao certo o que fôra feito d'esse malaventurado moço.

Correu fama de que se retirára para a Bahia, e que ahi tomando o burel de frade morrera pouco tempo depois em um convento.

FIM DA FILHA DO FAZENDEIRO

HISTORIA E TRADIÇÕES

DA

PROVINCIA DE MINAS-GERAES

JUPYRA

CAPITULO I

Jupyra estava sentada á sombra de uma cangerana ainda nova, de folhagem mui viçosa e cerrada, que dava fresquissima sombra. Estava tecendo um cabaz de palhas de burity, em quanto sua mãe, india algum tanto idosa, a alguns passos de distancia moqueava um gordo e grande tyú [1].

Era isto á margem do Rio Grande de Minas, algumas legoas acima das paragens onde elle, reunindo-se ao Parnahyba toma o nome de Paranã.

Como a pequena arvore, que lhe prestava sombra,

[1] Lagarto grande.

Jupyra era tambem uma flor nova das selvas, que apenas abria o calix ás virações do deserto; uma inda caboclinha de treze a quatorze annos, mas de tez um pouco mais clara do que a das suas companheiras da floresta. Era no veranico de janeiro; o rio estava baixo, e na larga zona de areia, que mediava entre elle e a floresta que o bordeja, vião-se dispersos alguns bugres de ambos os sexos, uns pescando ou banhando-se, outros dormindo ou comendo. O sol ardentissimo do meio dia reverberava no seio do rio e nas areias da praia, a ponto de offuscar as vistas; estava um calor insupportavel.

Pouco abaixo daquelle grupo via-se um indigena de formas truculentas e vigorosas cortando as agoas em todas as direcções, ora nadando com rapidez, ora boiando á flôr do rio, ora sumindo-se de mergulho na profundez dos rebojos, e era preciso olhar com muita attenção para vêr, que tinha em uma das mãos uma delgada linha. Ninguem diria que elle estava pescando. O indio pesca á linha os grandes peixes, quasi como quem persegue um veado ou uma anta atravez de campos e florestas. Com um pequeno anzol ou fisga, e uma linha de tucum[1] da grossura de

[1] Especie de pequena palmeira, de cujas espathos os indios fabricão cordas fortissimas.

um fio de barbante, pescão não só os pequenos bagres e pyrapitingas, como os corpulentos dourados e crumatãs, e o jáu, que attinge ás vezes o tamanho de um homem de alta estatura, e tem a força de um touro. Apenas o peixe ferra a isca, e que o indio o percebe fisgado, em vez de procurar puchal-o á terra, salta n'agoa e dá-lhe corda, acompanhando-o em todas as voltas, que lhe apraz dar pelo rio, tenteando a corda de modo que não se quebre, como quem tempera as redeas a um poldro bravio e fogoso. A propria força do peixe arrasta o indio e o ajuda a romper as agoas sem fatigar-se muito, e assim ora pairando á flor do rio, ora cortando-o veloz como uma setta, ora sumindo-se nos escuros abysmos, o indio acompanha todos os seus movimentos, até que o peixe extenuado de cansaço se deixa facilmente arrastar para a praia.

Depois de ter gasto cerca de meia hora naquellas evoluções, o indio surgiu á praia agarrando pelas guelras com ambas as mãos e arrastando a custo um enorme peixe que media a altura de seu corpo, e ainda a cauda vinha abrindo um sulco pela areia, e dirigio-se á sombra onde se achava a linda caboclinha.

— Uff!... Jupyra!... — exclamou largando o peixe e deixando-o estourar no chão; — sei que não

gostas do tyú, que é o que tua mãe tem para te dar, e fui ao fundo do rio buscar esse peixe para ti; custou-me bem a arrancal-o d'agoa. Falla menina, qual desses teus fracos companheiros é capaz de luctar no fundo d'agoa com um peixe d'estes?...

Jupyra contemplou o peixe por alguns instantes com admiração, depois olhou para o indio, fez-lhe um ligeiro gesto de agradecimento, e continuou no seu serviço. O indio deitou-se de ventre sobre a areia a alguns passos de distancia e fitava os olhos ardentes sobre a gentil menina. Parecia truculenta giboia procurando fascinar com os olhos a timida pomba, que pretende devorar.

— Então ingrata columy, — disse o indio abanando a cabeça, — de todo não queres saber do infeliz Baguary?...

Por unica resposta Jupyra levantou-se, e levando o seu trabalho foi sentar-se por detraz de sua mãe, como para esconder-se do indio e furtar-se a seus olhares devoradores.

Baguary poz-se em pé de um salto, arrancou do intimo peito um gemido rouco, antes um rugido e disse;

— Jupyra, olha que o cangussú quando vê a veadinha tenra pelos bosques, nunca mais lhe perde o rasto, e não descança em quanto não lhe lança as garras. E eu sou o cangussú e tenho fome de ti!

— Baguary! — exclamou a mãe assustada por sua filha, que cada vez mais se chegava a ella; — a menina ainda é muito nova... olha agora é que os peitos lhe vem apontando. Para que apanhar a flor que ainda não abrio, colher os favos do jatahy que ainda não tem mel?... Deixa passar mais algumas luas; quando o ipé der flores outra vez, Jupyra te abraçará.

— Não falle assim, minha mãe! — murmurou a menina ao ouvido de sua mãe. — Assim podesse o ipé nunca mais dar flores!

Baguary affastou-se silencioso, e chegando ao meio do areial da praia, bateu palmas e soltou um assovio estridente como o da anta. A horda que se achava dispersa pela margem, reunio-se em torno d'elle. Baguary mostrou-lhes o peixe, e os selvagens soltando alaridos de alegria, em um instante o fizerão em postas levando cada um o seu pedaço para se banquetearem aquella tarde.

Jupyra disse a sua mãe:

— Não viu aquellè peixe tão grande, que Baguary matou?

— Pois não vi, minha filha?... foi para ti que elle o pescou.

— Não quero do seu peixe, nem de nada que passar por suas mãos. Tenho mais medo delle do que daquelle jaú, se o encontrasse no fundo da agoa.

D'ahi a pouco a tarde trazia sombra e fresquidão por aquellas magnificas solidões e os indios, tripudiando e banqueteando-se, com seus alegres alaridos fazião saltarem espantadas as féras de seus covis, e os passarinhos deixarem em sobresalto os seus abrigos de verdura.

Sómente Baguary, — que cuidára n'essa tarde abrevar-se de cauym e de prazer nos braços da gentil Jupyra, — retirado no mais recondito antro da floresta, arrancava rugidos de amargura e de despeito.

CAPITULO II

Em seu lado sudoeste a provincia de Minas termina em um angulo agudo, em uma vasta nesga de terra encravada entre as provincias de Goyaz e de S. Paulo, das quaes a separão os dous grandes rios Parnahyba e Rio-Grande, que se vão reunir na ponta do angulo. N'essas regiões, sobre as quaes a natureza parece ter entornado a flux todo o cofre de seus favores, trinta legoas pouco mais ou menos acima da confluencia dos dous rios está situado o Seminario de Nossa Senhora Mãe dos Homens, fundado ha cerca de cincoenta annos pelos padres da Congregação da Missão de S. Vicente de Paula em uma vasta e rica fazenda, que lhes deixou em legado um opulento fazendeiro daquellas paragens.

Possue a fazenda mattas na prodigiosa uberdade, pingues e magnificas pastagens, por entre as quaes um caudaloso ribeirão vae sereno rolando suas agoas côr de esmeralda sombreadas por duas orlas de fron-

doso e verde-negro arvoredo, pelo que de certo lhe derão o nome de Rio-Verde. Atravessa as mais formosas e risonhas campinas entrecortadas de viçosos capões e palmares pittorescos, e vae perder-se no Rio-Grande, que passa a cinco ou seis legoas do seminario occultando seu curso entre gigantescas e profundas mattas.

Pelas immediações do seminario para logo se fôrão aggregando alguns moradores, e em torno delle construindo-se algumas casinhas dispersas pela campina, de sorte que o logar chamado Campo-Bello, nome que perfeitamente lhe quadra, tornou-se como uma pequena aldeia.

Por aquelles sertões vagavão por esse tempo alguns restos de tribus selvagens vindas de Goyaz e Matto-Grosso, já algum tanto familiarisadas com a sociedade dos brancos, mas conservando ainda os habitos selvaticos e a independencia da vida errante. Os padres fizerão reiterados esforços para chamal-os ao gremio do christianismo e da vida social, doutrinal-os, e utilizar seus serviços.

Os missionarios de S. Vicente, porem, parece que não são dotados daquelle tino e habilidade, de que dispunhão os discipulos de Ignacio de Loyola para catechisar os indigenas. Por vezes conseguirão reunir na fazenda alguns bandos; mas nunca alcançárão

que se sujeitassem por muito tempo a um trabalho continuo e regular.

Attrahidos pelo desejo de obterem algumas roupas, ferramentas, armas e enfeites, acudião de quando em quando ao seminario ; mas no fim de um a dous mezes quando muito aborrecião-se do trabalho, entregavão-se á sua natural indolencia e, se apertavão com elles, desapparecião, e internavão-se de novo pelas mattas do Rio-Grande, continuando sua vida nomade e selvatica.

Em um desses bandos, que se acolhião ás vezes á fazenda de Campo-Bello havia uma caboclinha nova por nome Jurema, não de todo linda, mas um pouco menos feia e mais bem feita do que as suas companheiras. José Luiz, moço branco e bem disposto, empregado no seminario, agradou-se summanente della, e por tal arte soube catechisal-a, que no fim de algum tempo Jurema lhe deu uma linda e viçosa filhinha.

Sabedores do facto os padres induzirão José Luiz a casar-se com a india. Baptisarão-se ao mesmo tempo a mãe e a filha, e no dia seguinte o pae e a mãe receberão-se em legitimo matrimonio. Jurema trocou o seu nome selvatico pelo de Anna, e a filha, que a mãe chamava Jupyra, pelo de Maria.

Os indios não punhão difficultade alguma em se deixarem baptisar, casar e receber todos os mais

sacramentos da igreja; mas isso para elles era um acto sem consequencia. No dia seguinte esquecião seus novos nomes, e os esposos se separavão com a mesma facilidade com que largavão seus vestidos, para tomarem de novo a arasoya, e tornavão aos mattos para serem tão bons adoradores de Tupan como d'antes.

Aconteceu pois que um bello dia a esposa de José Luiz anoiteceu e não amanheceu, desapparecendo com seus irmãos em Tupan, e levando comsigo sua filhinha ainda de mama. José Luiz ficou summamente afflicto e magoado com este acontecimento; fez immensas diligencias para apanhar ao menos a filha pois com a mãe já não contava mais á vista de um tal procedimento.

Mas todos os seus passos forão perdidos, e depois de um anno de pesquizas e excursões pelas mattas, desanimou...

As florestas são immensas, e aquella gente não tem pouso certo nem por uma semana.

Erão já passados mais de dous annos, quando Jurema sem mais ceremonia entrou-lhe pela porta dentro, e se lhe apresentou conduzindo pela mão a pequena Jupyra, e já com outro caboclinho ás costas acocorado em uma pequena maca de burety, que trazia presa á testa, como é costume entre as indias.

Appareceu a seu marido sorrindo-se tranquilla e fresca, como se nada houvesse acontecido, como se se tivessem separado na vespera. José Luiz ficou attonito com aquella inesperada visita ; maior porem foi a sua alegria do que o seu espanto, e deu graças ao ceo, que lhe restituio a filha, a qual elle tractou logo de pôr em bom recato e segurança, despedindo cortezmente a mãe, que com isso não se mostrou nem de leve magoada, pois segundo as apparencias já tinha novo esposo no bando dos seus.

Receioso José Luiz, de que sua filha não fosse de novo levada para o matto por sua mãe, guardou-a com toda a cautéla, confiando-a aos cuidados de uma velha parenta que era a sua caseira, e não respirou tranquillo em quanto Jurema com todo o seu bando não desapparecerão das immediações de Campo-Bello.

A menina crescia linda, engraçada, e travessa como uma ariranha. Tinha muita vivacidade e penetração, mas os instinctos selvaticos prevalecião n'ella, e foi com muita difficuldade, que seu pae no fim de sete annos conseguio que ella adquirisse alguns costumes de civilisação, andasse vestida, cosesse, lêsse e escrevesse alguma cousa. Muitas vezes a ião agarrar pelos mattos quasi núa, trepada como macaco nas mais altas arvores, ou nadando nos profundos re-

mansos do Rio-Verde em risco de ser devorada por algum jaú ou sucury.

Todavia Jupyra era uma interessante menina, e pela singularidade de suas qualidades physicas e moraes era o enlevo de toda aquella pequena povoação.

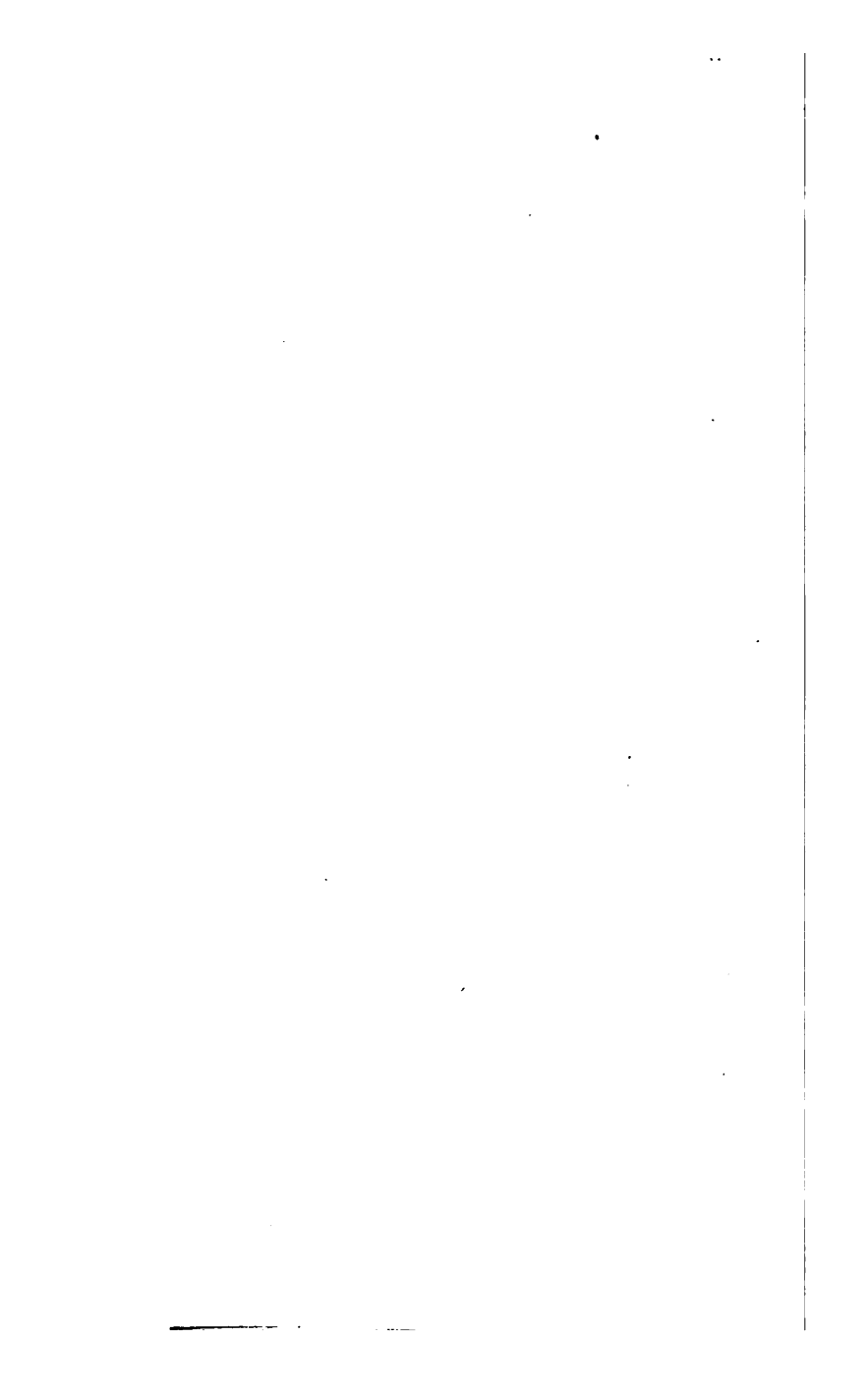
Andava de casa em casa, e em todas ellas era mui querida e festejada. Ás vezes tambem penetrava no seminario, e ahi fazia o regalo e as delicias dos padres e dos estudantes.

Quando porem alli se achava algum bando dos seus parentes da selva, não queria mais sahir do meio delles; já lhes conhecia bem a lingua, da qual já balbuciava algumas palavras, quando voltára do matto. Por isso muitas vezes servia de interprete entre os indios e os padres com summo gosto e contentamento de todos. Sómente José Luiz — e com razão — se affligia muito com isso, e não gostava nada de ver sua filha tão affeiçoada aos seus parentes do matto. Zangava-se, ralhava, castigava, mas era debalde ; o pendor que a menina tinha para os seus era irresistivel.

Jupyra já tinha nove para dez annos, quando sua mãe, depois de vaguear largos annos pelos sertões de Goyaz, Pará e Matto-Grosso, tornou a apparecer em Campo-Bello com a horda, a que pertencia. Ju-

pyra!... exclamou a india, apenas pôz os olhos em sua filha. Esta tambem immediatamente reconheceu sua mãe, saltou-lhe ao collo, e nunca mais quiz deixal-a.

José Luiz ficou cheio de gosto e inquietaçao com o reapparecimento da mãe de sua filha. D'esta vez redobrou de cuidados e precauções. Jupyra sem que ella o soubesse, não andava sem uma sentinella á vista. Era um primo seu, um sobrinho de José Luiz, por nome Carlos, e a quem todos chamavão Carlito, pouco mais velho do que ella, rapazinho vivo e esperto como um diabrete. Não tendo podido parar no seminario em razão de seu genio trefego, indocil e insubordinado, frequentava como externo a escola de primeiras letras, onde se havia muito mal. Entretanto era excellente para servir de companheiro de brinquedos e ao mesmo tempo de sentinella a sua prima durante o dia, porque de noite dormia ella fechada debaixo de chave em companhia da velha caseira de José Luiz.

Todavia apezar de todas essas precauções, uma bella manha Jupyra não amanheceu em casa. Tinha arranjado modos de trepar pela parede, e como a casa era de telha-vã, isto é, sem fôrro no tecto, descobrio um pedaço de telhado, saltou fóra, e voou para as selvas em companhia de sua mãe.

CAPITULO III

Esta segunda fuga foi muito mais dolorosa ao coração de José Luiz do que a primeira. Já amava extremosamente sua filha, e tinha a mais terna solicitude por aquella interessante menina, cuja creação lhe tinha custado tantos cuidados e desvelos, cujo fructo em um só momento vira esvaecer-se. Era á semelhança de uma flôr peregrina e rara, em cuja cultura o jardineiro se esmera com o mais desvelado amor. Um dia porem, quando pela manhã vae visitar o tenro botão, que de dia a dia anceia por vêr desabrochar em flôr, acha-a cortada pela raiz por verme daninho, murcha e perdida para sempre.

José Luiz fez altas diligencias para rehaver sua filha, mas sempre sem resultados. Bem quizera elle para revindical-a armar uma bandeira e levar a guerra a todas as tribus selvagens, como outr'ora Meneláo levou toda a Grecia armada aos muros de Troia para reconquistar a esposa, que um peralta lhe

havia seduzido e roubado. Mas não lhe era isso possivel, e contentava-se em dirigir supplicas ao ceo, e facer promessas a Nossa Senhora Mãe dos Homens para que lhe restituisse a filha.

Nas selvas Jupyra cresceu linda e garbosa como a palmeira das campinas, mas esquiva e soberba como a ema, rainha dos chapadões. Suas graças fascinarão as vistas de todos os jovens bugres, que a seguião, admirando-a e adorando-a como a um manitô cahido do ceo ; mas a nenhum delles foi dado colher aquella peregrina flôr das selvas. Baguary era chefe de uma forte e numerosa horda estranha. Encontrando-se com o bando de Jupyra, encantado de sua belleza, abandonou os seus para seguil-a.

Mas Jupyra fugia delle como a timida lontra foge do jacaré, ou como a pomba se esconde do gavião. Era á sombra de sua mãe que vinha arquejante e espantada como a caça acossada pelo jaguar, abrigar-se das perseguições do cacique. Temerosa de cahir-lhe nas garras a menina mal ousava arredar-se alguns passos da companhia dos seus.

Os outros bugres pretendentes aos favores de Jupyra, que sabião das intenções de Baguary, furiosos de raiva e de ciume, e não ousando oppôr-se de viva força ao possante cacique, ainda que desejassem devorar-se uns aos outros, união-se para fazer face

ao inimigo commum e mais fórte, e seguião e vigiavão por toda a parte a formosa menina afim de obstar a que o cacique lograsse seus intentos. Assim Jupyra sem querer e sem o pensar tinha sempre ao pé de si uma escolta activa e vigilante para a defender contra qualquer tentativa violenta de seu sanhudo amante, como soe acontecer entre as brutas alimarias, pouco acima dos quaes se achavão aquelles selvagens na cathegoria dos entes. Baguary era valente e terrivel; membrudo e robusto como a anta, agil e veloz como a onça, já tinha suffocado nos braços um dos seus rivaes, e traspassado o coração a outro com uma flecha, por terem ousado disputar-lhe abertamente a posse da formosa Jupyra. Mas era só e detestado por todos, e erão muitos contra elle. Por isso tambem da parte d'elle havia constrangimento e receio.

O tronco do ipé já se tinha de novo toucado de seus tufados cachos de flôres amarellas. Baguary que conforme a promessa de Jurema, estava esperando com impaciencia aquella quadra, foi ter com ella, e disse-lhe : — Olha, Jurema ; o ipé já está florescendo. É tempo de cumprires a promessa que me fizeste, e entregar-me tua filha.

— Ah! minha mãe! minha mãe! dà-me antes a um sucury, — exclamou Jupyra atracando-se com a mãe.

— Jupyra, — disse Jurema para sua filha, — olha

que Baguary é forte e te quer muito bem. Vae com elle, minha filha.

— Se minha mãe teima, eu irei lançar-me na lagôa dos sucurys, retorquio a menina com firmeza.

A lagôa dos sucurys era um banhado, que por alli havia e onde existia enorme quantidade desses formidaveis reptis. Quem nella cahia era irremissivelmente devorado pelos monstros. Jurema sabia, que sua filha era bem capaz de pôr em pratica a sua ameaça, e disse ao cacique :

— Estás ouvindo, Baguary? — ella não te quer ainda. É que ainda não é tempo. Espera ainda, Baguary;... mais tarde...

— Cala-te, filha de Anhangá ! — bradou o indio. rugindo e batendo o pé com força — não quero mais te escutar, boiciuinga enganadora... ou hoje ou nunca !,..

Ouvindo os gritos e vendo a attitude ameaçadora do cacique, os outros bugres, que estavão de alcatéa, approximarão-se de arco e flecha em punho, murmurando palavras de ameaça. Baguary lançou-lhes de revez um furibundo olhar, soltou um rugido de raiva e de despeito, e retirou-se vagarosamente rosnando como um tigre enfurecido.

Vendo que nem por bem, nem por violencia lhe era possivel obter a posse da virgem indiana, Baguary

que não desistia de seus intentos sobre ella, recorreu ás cila las.

Jupyra gostava de caçar passaros. Com um pequeno arco e flechas proporcionadas ás suas forças, ella varava os jaós, inhambús, macucos, capoeiras e outras aves que abundão naquellas florestas, e abastecia de copiosa caça o rancho de seu pequeno bando. Um dia á hora do pôr do sol ella estava sózinha com sua mãe á beira de um capão embalando-se indolentemente em sua maca de palhas de burity e abanando o rosto e enxotando as mutucas com o cocar de pennas, que havia tirado da cabeça. Seus companheiros vagueavão pelo campo a pouca distancia. Um jaó começou a piar dentro da matta. Jupyra saltou lestamente da rede, tomou o arco e flechas, e embrenhou-se no capão, sem que sua mãe, que estava occupada em esfolar um tamanduá, desse fé d'aquelle movimonto.

O jaó é uma ave grande e excellente de se comer, mas muito arisca e difficilima de se caçar.

Os indios e os sertanejos, que com elles apprendèrão, empregão uma engenhosa astucia para os attrahir e apanhar. É de ordinario ao pôr do sol que os jaós costumão piar, vagueando pelas sombras da matta. O caçador esconde-se cuidadosamente em alguma moita juncto ao logar, em que os ouve piando,

e começa tambem a piar, imitando-os com toda a perfeição. O jaó acudindo áquelle chamado, que cuida ser de algum de seus companheiros, vem se approximando, descobre-se, e então o caçador atira-lhe ou frecha-o muito á vontade.

Jupyra, que era habilissima neste manejo foi se esconder e começou a responder ao jaó. Mas este em vez de approximar-se, ia-se affastando aos poucos, e piando cada vez mais ao longe. Jupyra piando sempre e mudando de escondrijo em escondrijo o foi acompanhando, sem nunca conseguir avistal-o, entranhou-se á uma grande distancia pelo capão a dentro. O sol já era entrado, e as sombras do crepusculo começavão a escurecer a floresta; Jupyra desanimada ia já voltando, quando sentio pelas costas mão de ferro agarrar-lhe o hombro, e uma voz medonha bradou-lhe — Jupyra, agora és minha! — Era Baguary que usára daquella negaça para attrahir Jupyra e arredal-a dos seus. Assim a pobre menina cuidando ser a caçadora era a caça, que vinha descuidada cahir nas mãos de seu feroz perseguidor.

Jupyra deu um grito de terror; mas o cacique levou-lhe immediatamente a mão á boca, e nem os companheiros della poderião ouvil-a, na distancia em que se achavão. Vio que nenhum partido poderia tirar da resistência, e procurou applacar o seu feroz agressor.

— Espera, Baguary! — dizia ella arquejando de susto : — Não me faças mal; eu me entrego;... mas larga-me.

— Não; tu queres enganar-me ; mas é escusado; desta vez não me escaparás.

— Não quero te enganar, não, Baguary. Vamos onde está minha mãe,... ella me entregará a ti, e eu te juro que não hei de pôr duvida nenhum em ser tua.

— Por Tupan!... nesse laço não caio eu, minha formoza garça do Paraná. Já agora não sahirás mais dos meus braços, quer tú e tua mãe queirão, quer não queirão.

— Pois bem, Baguary; sou tua; não te fugirei mais;... mas larga-me,... tu assim me suffocas... ai!...

Fallando assim e debatendo-se Jupyra procurava ganhar tempo a ver se seus companheiros dando por falta della vinhão em seu soccorro, ou a excogitar algum ardil para arrancar-se dos braços do seu brutal amante. Melhor porem do que ella esperava, veio o destino ou o céo em seu auxilio. Pisada pela indio uma enorme jararáca, que dormia em uma moita de capim quasi debaixo de seus pés, salta enfurecida, e enrosca-se-lhe nas pernas. O indio dá um grito do horror, sacode vigorosamente a perna, e

atira longe o medonho reptil, que felizmente não o havia picado, recua em dous pulos com Jupyra nos braços, larga-a no chão, e investe de tacápe alçado sobre a cobra, que ia-se esgueirando pelo matagal a dentro. Jupyra não perdeu um só instante; mal se vio solta dos braços do truculento cacique, em quanto este a rijós botes de tacápe perseguia a cobra, mais veloz e subtil do que uma irára desappareceu pela matta, e chegou suando e arquejante ao pé de sua mãe.

— Está morta!... — bradou triumphante o cacique. — Jupyra!... Jupyra!... onde estás?...

Mas Jupyra já estava longe.

CAPITULO IV

Quando Baguary, perseguindo Jupyra, chegou ao logar em que Jurema se achava, já era noite e os outros bugres já alli reunidos estavão accendendo seus fogos.

— Que fizeste a Jupyra, que ella me appareceu correndo e chorando, toda assustáda? perguntou Jurema a Baguary.

— Não lhe fiz mal algum, Jurema; ella é arisca e medrosa como a saracura do brejo.

— Tem medo de ti, por que não sabes amimal-a. A pomba foge do cracará, que lhe fisga as unhas, mas gosta do trocáz, que a beija e acaricia.

— Mas por ventura sou eu algum jacaré do rio para ella fugir-me assim, e obrigar-me a negaceal-a como o jaguar que anda á espia da veada nova?...

— Por essa forma, Baguary, nunca Jupyra te quererá.

— Não queira embora; ha de ser minha. Para que

me deo Tupan estes olhos, que enxergão mais do que os do gavião, e estes pulsos mais fortes do que os do cangussú ?...

A estas palavras resoou por entre os outros bugres um murmurio surdo, e alguns rosnárão palavras de indignação e de ameaça. Baguary vibrou sobre elles um olhar de fogo e sangue, e voltando-se para Jurema e sua filha :

— Está bem, — disse ; — não quero mais teimar comtigo, Jurema. Vou-me embora para os meus. E tu Jupyra fica-te em paz ; não te perseguirei mais. Dou-te seis luas para me esperar e ai daquelle, que ousar tocarte, e ai de ti, se te entregares a algum !

De feito erão já passados dous mezes, e ninguem mais via por aquellas paragens o sanhudo Baguary. Tinha realmente ido reunir-se a seus companheiros, cuja residencia favorita era para as bandas de Sant'-Anna do Parnahyba proximo á juncção dos dous grandes rios.

Jupyra pois podia já passear sózinha e desassombrada, e adormecer tranquilla á sombra da figueira silvestre pelas margens do seu patrio Paranã, ella que tinha mais medo do amor de um homem do que das sanhas do cangussú, das ciladas do sucury.

Em uma sesta ardente ella estava sózinha sentada á sombra bem juncto á margem do rio. Pendurada a

um galho se via perto della uma pequena maca, onde dormia um irmãozinho seu, que ella embalava cantando, e enxotando com um ramo os maribondos e mutucas, que lhe esvoaçavão em torno. Espalhados pela praia, pendurados ou encostados pelos troncos vião-se armas, redes, esteiras e mais utensilios indianos, sigual de que a sua horda não devia andar por longe. De feito, Jurema e seus companheiros tinhão-se entranhado pela floresta á cata de jaboticabas, araticuns, bacoparis e outras fructas silvestres de que abundão aquellas mattas, e deixárão alli Jupyra tomando conta do rancho e vigiando a creança.

Entretida com aquelle cuidado Jupyra não vio um vulto, que na margem opposta surgio da matta, e atirando-se ao rio o veio atravessando sereno e sem ruido, como um jacaré, mal tendo a cabeça fora d'agoa.

Ao approximar-se da barranca mergulhou, e Jupyra só o vio quando surgindo fóra d'agoa, saltou na praia perto della. Soltou um grito de susto cuidando ser algum monstro aquatico, que a vinha devorar; porem seu terror ainda subio de ponto, quando naquelle vulto reconheceu Baguary, que se erguia ao pé della gottejante, gigantesco e hediondo, com os olhos vermelhos e chammejantes como duas brazas.

— Jupyra, hoje é o dia! — bradou o indio lançando-lhe as mãos. — Has de ir commigo ou hei de dar-te a comer aos peixes deste rio.

Jupyra tremendo e transida de horror deixou-se ficar muda e queda, como a corça que sentiô no cangote a garra aguçada da sussuarana.

— Vamos, Jupyra !... desta vez eu te juro não me escaparás mais.

— Sim, vamos, Baguary ; — disse Jupyra voltando-se do susto e recobrando sua natural coragem e resolução. — Devo ser tua; bem vejo que Tupan me destinou para ti, e que não me é possivel por mais que faça escapar ao teu poder.

— Ah!... emfim!... ainda bem que o conheces. Acompanha-me.

Fallando assim Baguary a ia arrastando para a matta.

Presa á barranca estava uma canôa que aquelles indigenas, que já tinhão alguma industria e possuião alguma ferramenta, havião fabricado.

— Não ! para ahi não ! exclamou Jupyra. — Minha gente não pode tardar a voltar, e ai de nós, se nos encontrarem ! matar-nos-hão a mim e a ti !... Entremos naquella canôa, vamos para a outra banda, e fujamos para bem longe.

Não pareceu má a Baguary aquella proposta.

— Seja como quizeres... mas esse com mim?... disse o indio apontando para a creança.

— Tupan tomará conta delle — respondeu a menina apontando para o céo.

Entrárão na canôa, e Jupyra para mostrar que de bom grado acompanhava o seu roubador, levou para dentro della seu arco e flechas, e mais ustensilios que lhe pertencião. Sua intenção porem era precipitar-se no meio do rio, e deixar-se affogar, no caso que não pudesse matar Baguary. Chegados que forão ao meio do rio, Jupyra debruçou-se sobre o bordo da canôa como para mirar a profundidade das agoas. Um forte pé de vento, que então se levantou, arrancou-lhe de cabeça e atirou no rio o bonito kanitar de pennas de arára guarnecido de ouro e pedrarias, que trouxera da casa de seu pae.

Uma subita inspiração atravessou o espirito de Jupyra.

— Ah! o meu kanitar!... o meu kanitar!... exclamou a menina ajuntando as mãos com mostras de grande lastima. — O meu kanitar, que eu quero tanto... lá se vae pela agoa abaixo!... ah! meu Deus... espera, Baguary!... vou ver se o posso apanhar.

Dizendo isto fazia gesto de quem ia lançar-se a nado.

— Espera tu ahi, que eu já te trago o teu kanitar.

Disse e de um salto atirou-se ao rio. Apenas se havia affastado umas quatro ou cinco braças da canôa, Jupyra toma o arco, e acocha-lhe uma flecha, que foi cravar-se-lhe na espadua. O indio arrancou um rugido de dor, e affundou-se por um momento; apenas surgio de novo á tona d'agoa, nova flecha voou do arco de Jupyra e foi cravar-se na outra espadua do indio. Nenhuma das frechas porem havia penetrado muito fundo, e nem lhe tolhião o movimento dos braços ; o indio enfurecido lançou-se sobre a canôa, a qual tambem não sendo governada vinha rapidamente sobre elle levada pela torrente. Quem o visse então com aquellas duas hastes emplumadas sobre o dorso, cuidaria ver um dragão alado arrojando-se sobre a canôa para devorar a infeliz menina. Jupyra, que o esperava em pé com um feroz sorriso de triumpho, deixou-o chegar, e quando o indio enfurecido ia deitar a mão ao bordo da pequena igára, descarregou-lhe com toda a força o remo sobre a cabeça e rebentou-lhe o craneo. O indio desappareceu, e foi surgir um pouco abaixo á flor d'agoa entre uma multidão de peixes, que saltitando devorávão o sangue e os miolos que escorrião do craneo do desventurado cacique.

CAPITULO V

O cadaver de Baguary foi rolando longos dias a mercê da torrente do Paraná, servindo de pasto aos peixes, e de banquete e batel a um tempo aos urubús, que sobre elle hião boiando rio abaixo, até que emfim foi encalhar em uma praia arenosa justamente em um logar, onde então achavão-se arranchados os seus companheiros. Dir-se-hia, que a mão do destino para alli o tangera de proposito como para clamar vingança. Posto que já meio devorado pelos peixes, foi logo reconhecido pelos seus. Baguary ao partir lhes havia promettido, que em menos de tres luas havia de voltas com Jupyra; que se até então não apparecesse é por que o terião morto, e nesse caso deixava a cargo d'elles a sua vingança. De feito voltou, mas sem vida e sem Jupyra, e apenas trazendo ainda no dorso as flechas que ella lhe havia cravado, como em vida havia trazido cravadas no

peito as settas, com que os lindos olhos de Jupyra lhe havião atravessado o coração.

Apenas os indios o reconhecêrão, soltárão grandes alaridos de dó, recolhêrão o cadaver em uma grande maca, tecêrão em torno delle dansas funebres, e derão-lhe sepultura á sombra de uma velha sucupyra.

Feitas as honras funebrès ao seu valente chefe, aquelles indigenas tractárão logo de marchar pela margem do Rio-Grande acima a fim de lhe vingarem a morte. A horda de Baguary era muito mais numerosa e forte do que o bando desorganisado em que vivia Jupyra, o qual constava de reliquias de hordas devastadas e dispersadas pelos brancos. De longo tempo em contacto com os brancos tinhão perdido os habitos bellicosos, e grande parte de sua coragem e fereza selvatica. Em breve chegou-lhes aos ouvidos a noticia de que a gente de Baguary marchava contra elles afim de vingar a morte de seu chefe. Fracos e pusillanimes, aquelles restos da familia cayapó não podião resistir aos robustos e aguerridos Guayanares, que sobre elles vinhão cheios de colera e sede de vingança, e serião infallivelmente exterminados.

Jupyra não havia occultado aos seus a morte do sanhado Baguary; pelo contrario, risonha e triumphante lhes narrou com toda a franqueza e ingenui-

dade a astucia de que se valera para livrar-se para sempre daquelle feroz pretendente. Contando como certa a sua ruina e possuidos de terror, seus covardes companheiros resolvêrão mandar um emissario ao encontro dos inimigos para dar-lhes satisfações e dizer-lhes que nenhuma parte tinhão tido na morte de seu chefe, que fôra Jupyra a unica authora daquelle attentado, e que para applacar sua justa colera estavão promptos a entregar-lhes viva ou morta a criminosa. Este teria sido o destino da linda caboclinha se um de seus pretendentes, esperando assim fazer jus á gratidão e ao amor da rapariga, não a tivesse avisado da barbara e aleivosa intenção dos seus.

Jupyra e sua mãe fugirão para Campo-Bello e acolhêrão-se á fazenda dos padres, resolvidas a nunca mais voltarem para a companhia de seus perfidos companheiros.

Era já a quarta vez que Jupyra desde que n scera trocava a selva pela casa paterna, e a casa pela selva alternativamente. Seu pae a recebeu com os braços abertos, e sentio grande alegria em tornar a achar a filha, na qual já ha muito havia perdido as esperanças de tomar a pôr os olhos em dias de sua vida. Recolheu-a para casa, e extasiado de sua formosura e do viçoso desenvolvimento de suas

esbeltas formas deu-lhe lindos vestidos e enfeites, que ella de bom grado trocou pelo curto saiote e pelo kanitar de que usava nas selvas, e empregou todos os meios, todas as caricias e seducções possiveis para fixal-a de uma vez para sempre no seio da sociedade civilisada.

Se com os trajos salvaticos Jupyra por seu garbo e gentileza fazia lembrar uma Moema ou uma Lyndoia, vestida á maneira da gente civilisada era uma rapariga seductora, capaz de alvoroçar o coração e inflammar o sangue de um anachoreta. Era alta e muito bem feita. Os cabellos negros, corredios e luzentes como aza do anú, erão tão bastos e compridos que a linda cabocla ainda pouco adextrada na arte de se toucar, via-se em apuros para accommodal-os sobre sua pequena cabeça e muitas vezes rebellando-se contra as fitas e prisões, as quebravão e tombando-lhe pela collo se derramavão em liberdade pelos nedios e morenos hombros. Os olhos um pouco levantados nos cantos exteriores, erão bem rasgados, e dardejavão das pupillas negras lampejos, que denunciavão o ardor de seu temperamento e uma alma energica e resoluta. Os labios rubros, carnosos, e humidos erão como dous favos turgidos de mel da mais ineffavel voluptuosidade, e quando se fendião em um sorriso mostravão duas linhas de alvissimos

dentes um pouco aguçados como os dos carnivoros, e seu sorriso tinha singular e indefinivel expressão de ingenuidade e de selvatica fereza. A todos esses encantos, a todas essas linhas e voluptuosas fórmas servia como de brilhante involucro a tez de uma côr original, um roseo acaboclado, como que dourado pelos raios do sol, que dava peregrino relevo á sua linda figura.

Quando ia a missa aos domingos, na pequena capella do seminario todos os olhos voltavão-se para a interessante cabocla, todos a contemplavão sorrindo com o mais curioso interesse e complacencia. Até mesmo os seus gestos e ademanes um pouco estouvados, o ar desageitado e constrangido, com que vergava as suas novas vestiduras, tudo nella parecia galante, e encantador.

Se bem que na pia baptismal tivesse recebido o nome de Maria, os moradores de Campo-Bello conservavão-lhe sempre o seu nome indigena de Jupyra, por acharem-no mais galante e entenderem que lhe assentava melhor.

É escusado dizer, que não faltárão apaixonados áquella tão seductora quão peregrina formosura. Mas como já corria pela aldeia a historia da morte do cacique que ás mãos da fragil menina pagára com a vida a sua audacia, os amantes de Jupyra tinhão-lhe certo respeito, e não a requestavão senão com certa

timidez e reserva, se bem que nenhum delles tivesse intenção de lançar-lhe mãos violentas. Mas aquelle episodio de sua vida rodeando-a de um terrivel prestigio servia-lhe de salva-guarda, e de broquel contra qualquer desacato ao seu pudor.

Entres os amantes de Jupyra o mais assiduo, ardente e apaixonado, è talvez tambem o mais guapo, o mais rico e considerado de todos, era um mancebo por nome Quirino, filho de um abastado fazendeiro d'aquelles arredores. Era um rapagão alto e bem disposto, de barba cerrada e negra, e pupilla ardente e viva, em que transluzia todo o fogo de sua alma capaz de todos os extremos.

Quirino amava, não como se ama na cidade, onde se namora muito e ama-se quasi nada, mas como se ama no sertão, em meio da solidão, debaixo d'aquelles ceos ardentes, no seio daquella natureza esplendida; amava com paixão, com fogo. Quirino frequentava assiduamente a casa de José Luiz, onde cercava a rapariga de mil attenções, obsequios e adorações, sem que ella nem de leve se mostrasse sensivel a tantas demonstrações de affecto, por mais que elle empregasse todos os meios ao seu alcance para ganhar-lhe o coração. A principio nem lhe passava pelo pensamento casar-se com uma pobre caboclà, filha de uma gentia e criada nos mattos.

Porem quanto maior era a insensibilidade e esquivança de Jupyra, mais ardente se tornava a paixão do rapaz, e mais se lhe atiçava o desejo de possuil-a; estava disposto a empregar todos os meios, a fazer todos os sacrificios para esse fim.

Como Jupyra tratava todos os outros amantes com a mesma indifferença e talvez peor do que a elle, Quirino entendeu que toda aquella insensivel esquivança não era senão resultado dos poucos annos e da selvatica timidez e acanhamento da rapariga, e esperava que de modo nenhum ella recusasse uma proposta de casamento com um moço como elle era, bem apessoado, rico e de boa familia. Depois de ter luctado em vão por vencer a obstinada indifferença da menina, era aquelle o seu ultimo recurso. Uma vez casado mais facil lhe seria catechisal-a e ganhar-lhe a vontade e o coração.

Demais, já esse casamento não lhe parecia tão ridiculo e desigual, pois Jupyra era filha legitima de José Luiz, e José Luiz empregado do seminario, tinha adquirido alguns bens de fortuna, e era homem que gozava de respeito e consideração no logar. Quirino pois, não hesitou mais um instante, e foi pedir-lhe a mão de sua filha,

José Luiz acolheu com infinita satisfação a proposta do mancebo; não podia desejar melhor partido nem

maior ventura para sua filha, e foi logo communicar-lhe a pretenção do moço.

Ella porem com grande pasmo e desgosto de José Luiz recusou-se obstinadamente a similhante casamento, Foi debalde que José Luiz por muitos dias lutou com ella empregando exhortações, conselhos, supplicas e até por fim reprehensões e ameaças para induzil-a a acceitar a mão do Quirino.

— Meu pae, — disse-lhe ella afinal com um sorriso, que fez arripiarem-se as carnes a José Luiz, — ninguem será capaz de dar-me um marido contra a minha vontade; eu já sei como a gente se livra d'elles, quando nos querem levar á força!

José Luiz assombrado com aquella resposta recolheu-se ao silencio, e desistio do seu proposito.

CAPITULO VI

Quirino enganava-se; a indifferença de Jupyra para com elle não era simples effeito da timidez selvatica, nem da innocencia propria dos verdes annos da rapariga; tinha outro motivo mais poderoso, o qual Quirino absolutamente ignorava. Para aquelle temperamento de fogo, para aquella alma inflammavel, aos quinze annos o amor era uma necessidade imperiosa, Jupyra começava a amar outro.

O leitor ha de se lembrar de Carlito, sobrinho de José Luiz, aquelle menino travesso que elle puzera como sentinella a sua filha durante a sua anterior estada na casa paterna.

Carlito, que agora apenas entrava na puberdade, se bem que não fosse estudante, tinha morada no seminario, mas ia com muita frequencia a casa do tio, onde tinha entrada franca por todos os cantos, entrando e sahindo á hora que lhe aprazia. Era im-

possivel que em tão continuo contacto com sua formosa prima não ficasse gostando della.

Carlito por sua parte era um adolescento lesto, bem disposto, e de encantadora presença. Ainda mais uma circumstancia era propria para tornal-o agradavel aos olhos de Jupyra; era agil e travesso como ella; tinha artelhos de aço, e corria e saltava como um gamo; trepava a uma arvore como um saguy, e nadava como a lontra.

Foi vagueando e brincando á sombra dos laranjaes em flor, ao murmurio da fonte do quintal, que aquellas duas almas, virgens como duas pombas novas que começam a bater as azas fóra do ninho, arrulárão em segredo seus primeiros amores.

Por alguns mezes assim se lhes passarão rapidamente os dias no enlevo daquellas primeiras emoções de um amor virginal, naquelles effluvios d'alma tão puros e deliciosos como essas exhalações balsamicas, que a briza da madrugada levanta d'entre os rosaes orvalhados. Carlito amava como menino que era. Era mais a febre dos desejos sensuaes que lhe agitava o sangue juvenil á vista dos seductores encantos de sua prima, do que o coração que acordava suspirando ao sopro de uma paixão. O amor de Jupyra era amor de cabocla, ardente como o sol do deserto que lhe dourava a tez, profundo como os

abysmos do rio onde banhava os membros infantis. Aquella, que matara para se desfazer do amante importuno que odiava, era tambem capaz de morrer de amor por aquelle a quem adorasse, ou de apunhalar o amante que a atraiçoasse. Carlito, simples creança, não podia adivinhar quanta paixão, energia e resolução havia no fundo da alma daquella menina na apparencia tão indolente, frivola e descuidosa.

Apezar dos esforços de seu pae, Jupyra nunca pudera perder de todo os habitos de selvatica liberdade, em que fora creada. Sahia sózinha de casa e vagava por campos e mattas, caçando ou pescando, como se fosse um rapaz, e muitas vezes nos dias calmosos ia sózinha banhar-se nas agoas do seu querido Rio-Verde, no mesmo sitio em que na infancia se exercitara a fender-lhe as ondas, em um remanso limpido e profundo sobre o qual se debruçavão arvores copadas, cobrindo-o de sombra e fresquidão deliciosa. Esses passeios, que serião muito desinquietadores e darião muito que fallar em outra qualquer rapariga, em Jupyra ninguem os estranhava.

Ella gozava da reputação de ter em aversão os homens, principalmente aquelles que a amavão. Essa fama, baseada no seu genio arisco e um tanto crespo, na historia do cacique que havia matado, e no

uso de uma pequena faca guarnecida de prata que sempre trazia no seio, servião-lhe de salvaguarda, e ninguem ousava atravessar-se em seu caminho quando sahia a suas excursões, e se acaso algum rapaz a encontrava pelos rincões solitarios ou pelas veredas escusas da matta, tirava-lhe respeitamente o chapeo, e seguia seu caminho.

O proprio José Luiz não mostrava inquietar-se muito com aquelles passeios de sua filha. — Quem sabe tão bem guarda-se, — costumava elle dizer, — e fazer-se respeitar por tanto tempo no meio das mattas e entre bugres bravios, que risco pode correr aqui no meio de gente christã e civilisada?

Só havia uma pessoa, que não lhe tinha medo; era Carlito. Mas esse mesmo ainda não tinha ousado ir perturbal-a em seus giros solitarios.

Todavia Carlito sentia um vivissimo desejo, que não podia mais refrear, e era de ir espiar sua linda prima, quando ella ia banhar-se nas agoas do Rio-Verde. Nada lhe era mais facil do que gosar, sem que Jupyra o presentisse, daquelle espectaculo, com o qual esperava que gosaria todas as delicias do ceo, e que nada mais lhe restaria a desejar sobre a terra.

Quando a vio pois dirigir-se para os lados do rio, o qual corria como a um quarto de legoa de distancia, deu uma grande volta, passou para o outro lado

do rio, e foi cuidadosamente esconder-se em uma moita donde a esteve espreitando muito a seu sabor. Dahi em diante todas as vezes que Jupyra ia ao seu costumado banho, tinha sem o saber um espectador invisivel, que a espreitava e cevava olhos avidos e ardentes na contemplação de seus mais occultos encantos.

Um dia porem Carlito, petulante e lascivo como um satyro, não se pôde mais conter.

— Vou apparecer-lhe, dê no que der; — murmurou comsigo o rapaz. — Que mal me poderá fazer uma fraca rapariga? tenho boas pernas e braços e sei nadar e correr... e tambem se ella me matar, terei muito gosto em receber a morte das mãos della.

Jupyra brincava descuidada no rio, ora boiando serena ou resvalando á flor da agoa em todas as posições, ora dando pulos e mergulhando como a lontra, ora espanejando-se e fazendo saltar uma chuva de aljofares sobre sua cabeça, como a marreca silvestre a bater as azas lavando a luzidia plumagem. Eis senão quando ouve um barulho como de um corpo que cahio de golpe na agoa, e sumio-se no fundo. Olhou assustada em roda de si arredando dos olhos os cabellos ensopados, mas nada vio.

— Não póde ser senão alguma ariranha, — pen-

sou Jupyra. — Dessa não tenho eu medo. Jacaré aqui não ha, que eu saiba.

Pensando assim, a moça nadava rapidamente para a margem opposta, que era a que lhe estava mais proxima. Qual porem não foi o seu espanto, quando viu surgir diante de si a cabeça do travesso e petulante Carlito, soltando-lhe á cara uma estridente gargalhada. A cabaloc deu um grito, sumiu-se de mergulho, e arripiando carreira foi reapparecer no meio do rio, nadando rapidamente para a outra margem, onde tinha seus vestidos.

— Socegue; não tenha susto, Jupyra! — gritoulhe Carlito. — Eu já me vou embora.

Jupyra voltou o rosto, e com um gesto entre irado e risonho, que tanto se podia tomar por uma ameaça como por um convite, continuou a nadar. Carlito, que era estouvado e audacioso, atirou-se a nado em seguimento d'ella. Mas antes que podesse alcançal-a, já ella tinha saltado á praia, e agarrando suas roupas não havendo tempo para vestil-as, n'ellas embrulhou-se á pressa, e correu a embrenhar-se no matto soltando uns clamores, que mal se podia saber se erão gritos de terror ou risadas de prazer.

Carlito seguiu-a de perto, e um momento depois sumia-se tambem pelas brenhas atraz della.

Os mysterios, que a cupula frondente do bosque

amparou com sua discreta sombra nos momentos que se seguírão, ninguem os sabe. É certo, que uma nuvem carregada tapou então a face do sol, um tufão vergou o tope dos arvoredos com pezaroso susurro, e uma sombra sinistra toldou o alveo' limpido das agoas, e... no adyto das brenhas resoárão murmurios intercadentes, beijos e suspiros abafados.

CAPITULO VII

Imaginem os leitores, que eu não o tentarei descrever, como rapidos e deliciosos corrião os dias aos dous jovens amantes fruindo em segredo seus furtivos amores á sombra das florestas virgens, ao murmurio dos corregos do deserto. Venus e Adonis vagueando pelos vergeis da Idalia, Diana e Endymião pelas selvas da Thessalia não gosárão momentos mais venturosos do que os nossos dous jovens sertanejos á sombra das florestas americanas.

Mas essa bemaventurança não devia durar muito tempo, como toda aquella que provem de uma fonte impura e viciada. As portas d'aquelle paraizo de delicias devião ser-lhes trancadas, como forão aos primeiros paes da humanidade, que morderão o fructo vedado por expressa determinação da divindade.

Carlito era leviano e voluvel como criança, que era. Depois de se ter longamente embriagado de volupia

nos braços amorosos da feiticeira cabocla, começou a sentir cançaço, a enfastiar-se como o conviva repleto depois de uma longa noite de orgia. Pouco a pouco e sem o sentir ia escasseando suas caricias, e já não era tão assiduo e extremoso ao pé de sua amante. Jupyra pelo contrario cada vez o amava com mais ardor, e seria capaz de passar a eternidade nos braços delle sem a menor quebra na exaltação de seus affectos. Doía-lhe cruelmente no intimo d'alma aquelle resfriamento da paixão do moço; mas Jupyra não sabia queixar-se, nem chorar.

Quantas vezes ia ella ao aprazivel remanso do Rio-Verde, onde costumava banhar-se, sitio favorito de suas furtivas entrevistas, e ali ficava largo tempo sentada com a mão na face a olhar para o fundo limpido do rio a esperar em vão pelo remisso e frouxo amante, que não vinha!

Uma tristeza mortal lhe pezava sobre o coração, e cançada de esperar voltava para casa com a fronte baixa e a passos vagarosos.

— Que tens, Jupyra?... o que estás aqui scismando assim tão triste?... disse-lhe Carlito um dia em que a encontrou naquella triste postura, pensativa á beira do rio.

— Ah! Carlito! Carlito!... porque razão não me queres mais bem?...

. A rola viuva não saberia gemer com mais tristeza, do que Jupyra suspirou aquella magoada queixa.

Carlito commovido cahiu em si, e sentiu acudiremlhe as lagrimas aos olhos.

— Eu não te querer mais, meu bem? quem te disse isso?...

— Quem me disse!?... ainda me perguntas?..... estas arvores, este rio, este céo que nos cobre, tudo está vendo que não sou mais querida...

Carlito não sabendo o que responder-lhe, abraçou-a, e procurou abafar-lhe a voz com beijos.

— Deixa-me, Carlito; Jupyra já não é mais tua, — murmurou ella esquivando-se aos beijos de Carlito.

Os olhos de Jupyra desatárão uma torrente de lagrimas. Era a primeira vez que chorava em dias de sua vida, desde que deixára de ser creança.

As lagrimas que borbotavão ardentes e copiosas dos olhos de Jupyra, escaldavão as faces de Carlito, mas bem depressa se estancárão, e os olhos da cabocla reluzirão seccos e scintillantes como os da jararaca enfurecida; passou pelos labios resequidos a lingua fina e rubra, soltou um sorriso convulso, amargo, indefinivel, e disse:

— Quando não me quizeres mais bem, me falla; ouviste, Carlito?...

— Quando é que hei de deixar de te querer bem?... Jupyra, por quem és não me falles assim.

— Como não hei de fallar?... torno a repetir quando me não quizeres mais, falla, Carlito.

— Então pódes ficar certa, que nunca te hei de dizer nada.

— Sim?.., porque?

— Porque nunca hei de deixar de te querer.

— Isso é de boca... teu coração diz o contrario... bem estou vendo.., não será necessario que me digas nada... mas quero ver ainda mais, e depois...

— E depois o que, Jupyra?

— Estás vendo esta faca? disse a cabloca tirando do seio e desembainhando a lamina luzente e afiada de sua pequena faca.

— Jupyra!...

— Não estás vendo? — continuou Jupyra com um tom de glacial indifferença, que fez estremecer o o rapaz. — Acho que a folha desta faca é bastante comprida para chegar-me ao coração, e ao teu tambem, Carlito.

Carlito, que estava sentado ao pé d'ella, pôz-se em pé de um salto.

— O que é isso? exclamou atterrado : o que dizes, menina?...

— Não te assustes, meu Carlito, — disse a ca-

bocla com um sorriso de inexplicavel expressão e tornando a metter no seio a faca. — Cuidas já que quero matar-te?... não sou tão má como isso... Tu é que queres matar-me com tuas ingratidões

— Mas quantas vezes queres que eu jure que nunca, nunca te deixarei?...

— Tens razão... perdôa-me... eu sou uma doida... Vem Carlito; vem sentar-te outra vez ao pé de mim...

O beijo da reconciliação soou entre suspiros. Os dous amantes enlaçárão nos braços um do outro, e alguns momentos depois se retirárão, por lados diversos, Jupyra melancolica e abatida, Carlito atterrado e apprehensivo.

Jupyra ainda não conhecia todo a extensão do seu infortunio, não sabia a que ponto chegava a ingratidão e aleivosia de seu voluvel e leviano amante. Carlito tinha travado um novo conhecimento, que o ia fazendo esquecer sua encantadora prima. Uma formosa menina loura e branca como uma açucena, filha de uma pobre mulher que vivia de lavar a roupa do seminario, tinha-lhe captivado... não o coração porque esse era leve e livre como o vento; tinha-lhe captivado os olhos. Rosalia era uma creança de treze para quatorze annos, uma flor quasi em botão. Carlito tornouse seu assiduo adorador, e com tal habilidade soube se haver, que em breve tempo tinha

conquistado o coração da menina. Tendo sorvido a fartar o aroma activo e inebriante da magnolia das florestas, queria aspirar tambem o delicado perfume do lyrio dos jardins. Era um formidavel conquistador, que se estava preparando na pessoa do pequeno sertanejo, um D. Juan dos sertões.

Não pôde ficar occulta por muito tempo a Jupyra a nova affeição e a deslealdade de seu primo. A pequena povoação de Campo-Bello, se povoação se podia chamar, composta de alguns aggregados, que vivião na dependencia do seminario, constava apenas de um mui limitado numero de casinhas dispersas aqui e acolá pelo suave e descampado lançante de uma collina, ao pé da qual corria um pequeno corrego. Da casa de Jupyra por tanto avistava-se perfeitamente a de Rosalia, onde ella vio por diversas vezes entrar e sahir o seu amante. O zelo entrou-lhe no coração como uma lava incandescente e devastadora. O abatimento e tristeza, em que vivia, converterão-se em raiva e desesperação. N'aquella mulher, que amava tanto e com todas as forças de uma alma ardente e impetuosa, o ciume devia produzir terriveis explosões.

Mais por medo que lhe ia tomando e por dissimular sua inconstancia, do que por satisfazer a um desejo do coração, Carlito não deixava de procurar

sua prima. Carlito ficou assustado á vista dos lampejos torvos e sinistros, que vio luzirem nos olhos de Jupyra num dia em que a foi visitar em sua casa; parecião relampagos, que se desprendião do seio de uma nuvem negra e tempestuosa. A cada momento cuidava ver luzir-lhe na mão o terrivel punhal que lhe havia mostrado á beira do Rio-Verde.

— Que tens, Carlito, que estás assim com os olhos espantados? — disse a cabocla com um sorriso de mofa e de desdem. — Ainda estás com medo de mim?...

— Eu com medo de ti?!... mas parece que estás zangada commigo?...

— Se estou!... Carlito!... não zombes commigo assim, que me matas... ou eu te mato...

— Mas o que é isso então?... que mal te fiz eu, Jupyra?...

— Olhem o innocente!... o que é, que vais fazer tantas vezes em casa da Genoveva?...

— Ah!... é só isso?... costumo ir lá sempre, isso não é de agora.

— Mentira!... nunca te vi lá ir.

— Eu mentir?!... para que, Jupyra!... disse Carlito em tom de desdem.

— Para que?!... então, se gostasses de Rosalia, não me enganavas?...

— Ora deixa-te dessas ideas, menina; — disse Carlito em tom de gracejo querendo metter á bulha o negocio para disfarçar a perturbação e embaraço, em que se achava. A Rozalia é uma boa menina, com quem estou acostumado a brincar desde creança, e a mãe della me quer muito bem. Vou lá patuscar com ellas e tomar café com biscoutos, que a tia Genoveva faz muito bem feitos.

— Café com biscoutos! e porque não o vens tomar aqui, como costumavas?...

— Ora! — replicou o rapaz esforçando-se ainda por gracejar. Os biscoutos da Rozalia... digo da tia Genoveva são tão doces...

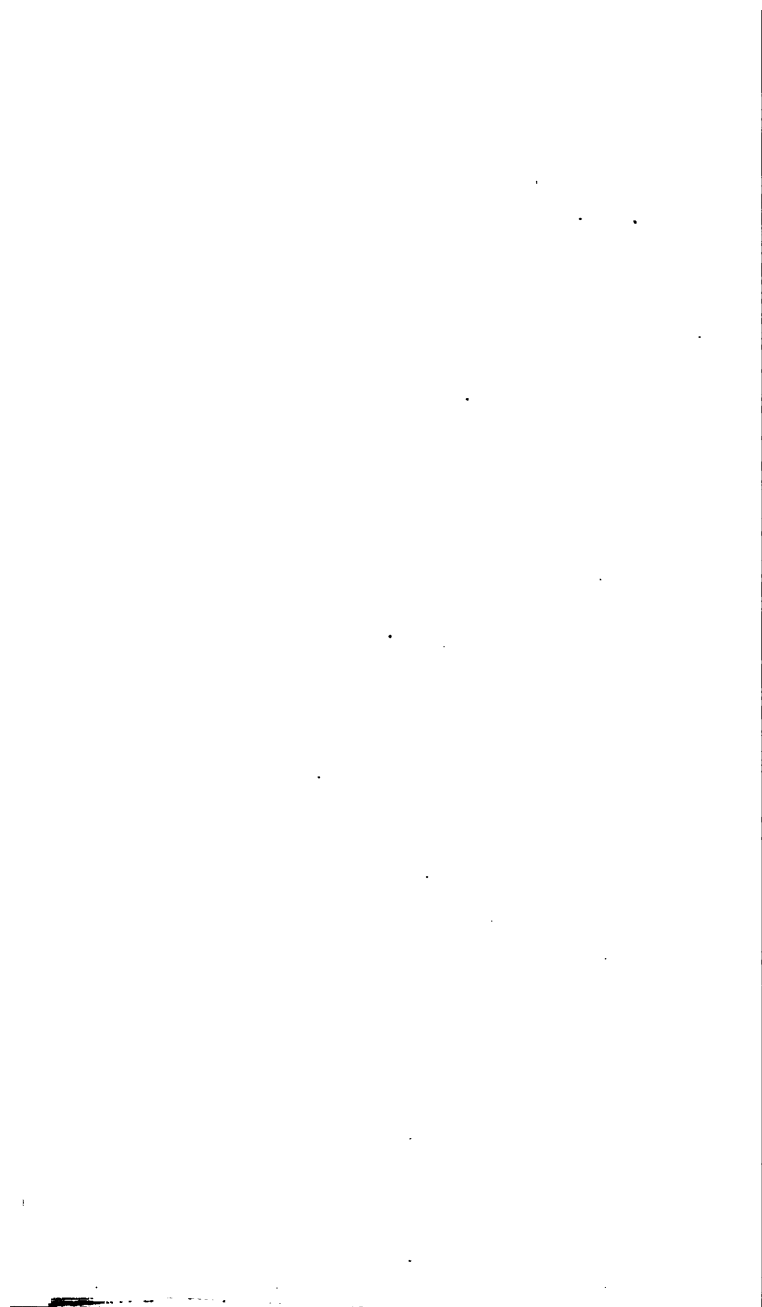
— Carlito! — bradou a rapariga levantando-se de um salto do tamborete, em que estava sentada, e com os olhos faiscantes.— Carlito, tu zombas de mim?

O rapaz recuou atterrado; mas depois sentio que era vergonha ter medo de uma mulher.

— Que tens hoje que estás tão bravinha, caboclinha do meu coração?... disse elle procurando ainda zombetear.

Jupyra, enfurecida como a boicininga que foi pisada, agarra-lhe num braço, morde-o e enterra-lhe os agudos dentes com toda a força até esguichar sangue. Carlito deu um grito horrivel, e sahio correndo pela porta a fora.

— Arre!... que dor! que dentes, meu Deus do ceo!... ia murmurando o rapaz, e saltarão-lhe dos olhos lagrimas de dor.

De feito, para um primeiro arrufo, uma dentada daquellas não era má estreia, e fazia presagiar para o segundo um braço quebrado, e para o terceiro uma punhalada.

CAPITULO VIII

Jupyra em sua colera era bella e sublime, mas bella e sublime para inspirar um artista, e não para despertar o ardor e ameigar o coração do amante, que começa a arrefecer-se. Sua pallidez era como a do marmore encardido; os olhos fuzilavão reverberos côr de sangue; a boca espumava, e os labios e as narinas lhe tremião convulsivos. Reinava em seu todo um ar imperioso, feroz, que fazia medo.

Á indifferença e enfado que Carlito começava a sentir por Jupyra, vinha agora juntar-se tambem o medo para mais arredio e esquivo tornal-o. Todavia esse mesmo medo fazia com que elle a procurasse mais vezes do que desejava, mas com toda a precaução e reserva, temendo mais alguma explosão de seu furioso ciume, e tratasse d'ahi em diante de occultar o mais possivel suas entrevistas com Rosalia.

Quirino tinha-se retirado para a fazenda de seu

pae, triste, acabrunhado, porém ainda não de todo desanimado. A repulsa de Jupyra ainda mais lhe avivára a chamma que o devorava. Aquella boca feiticeira da cabocla, que promettia um paraizo de volupias, os contornos daquelles hombros, daquelle talhe, tão bem boleados, aquelles olhos negros, cujo brilho profundo era um pouco velado por palpebras languidamente descahidas, aquelles seios redondos, que lhe arfãvao sob a camisa como duas rolinhas arquejantes arrulando de amor em seu ninho, tudo isso a todo momento se lhe estava pintando na imaginação com as mais seductoras e vivas côres escaldando-lhe o coração e ferver-lhe o sangue em freneticos anhelos de volupia e de amor. Não pôde supportar a ausencia por muito tempo, e voltou a Campo-Bello decidido a envidar os ultimos esforços, a tentar o ultimo sacrificio para alcançar o objecto de seus ardentes desejos.

Jupyra desta vez acolheu Quirino com mais brandura, e ouviu suas queixas sem se enfadar, ou porque já sabedora de quanto é doloroso o dissabor, que provém de um amor mal correspondido, se compadecesse do mancebo, ou porque quizesse punir Carlito com pena de talião correspondendo ou fingindo corresponder ao amor de Quirino, ou talvez porque no estado de angustia e perturbação, em que se achava, gostasse que alguem lhe fallasse e fizesse diversão ás ancias

de seu coração. Quirino creou alma nova e encheu-se de esperanças.

— Bem dizia eu! — pensava elle comsigo. — Era uma creança arisca e medrosa e nada mais; mas isso não podia durar sempre... já vae chegando á falla; não tardará muito a cahir-me nos braços.

Jupyra já não podia duvidar da deslealdade de Carlito. Todavia ainda algumas duvidas lhe pairavão por vezes no espirito; era uma ligeira sombra de esperança, que a triste affagava em seu coração; desejava convencer-se por seus proprios olhos, queria uma prova bem positiva da aleivosia de Carlito. Se em seus amores era livre como a brisa do deserto, consideração nenhuma a podia tolher nos violentos accessos de seu feroz ciume. Como a onça esfaimada rodeia e espia o nedio e tenro yeado, que descuidado vagueia por bosques e campinas, até lançar-lhe as garras, assim Jupyra espiava com olhar cioso todos os passos de seu voluvel amante, acompanhava-o sem ser vista, conhecia-lhe o rasto, e em seu instincto selvatico quasi que o farejava.

Carlito bem o presentia, e por mais desvios que procurasse, por mais que tentasse occultar seus passos, não podia escapar ás vistas penetrantes, ao instincto adivinhador de sua ciosa amante. Esta espionagem o fatigava e aborrecia, dando logar a

queixas e arrufos quotidianos, e quando se achavão juntos, em vez de se affagarem e beijarem-se como outr'ora, não fazião senão brigarem, arranharem-se e morderem-se como dous gatos do matto.

Esse constrangimento, em que o temivel ciume de Jupyra collocava o pobre rapaz, ainda mais lhe atiçava o desejo de estar com a sua alva e meiga Rosalia. Posto que sua affeição pela cabocla estivesse quasi de todo instincta, não sei porque ella exercia sobre seu espirito um poderoso e terrivel ascendente, e elle ainda que com medo e repugnancia mesmo, vinha sempre rojar-se aos pés d'ella. Dir-se-ia que ella tinha o poder de fascinar como a cobra.

Já havia quatro ou cinco dias, que Carlito não fazia uma visita a casa de Genoveva e não via Rosalia com medo de Jupyra, que o espreitava lá de sua janellinha, ou lhe seguia a pista subtil e sorrateira como a jaguatirica (1). Por fim não pôde mais ter-se, e rebellando-se resolutamente contra aquelle aperreamento, em que vivia, encaminhou-se franca e impavidamente para a casa de Rosalia.

— Não faltava mais nada! ia elle rosnando pelo caminho. — Eu ter medo daquella caboclinha, como se fosse minha mãe ou minha senhora moça!...

(1) Pequena onça; ou grande gato silvestre.

nada! quer tomar-me á sua conta!... está enganada; — nem tão bobo sou eu, que me deixe alinhavar como o cacique, que ella matou... não me mette cucas... por ventura ella é minha mulher para me prohibir que eu esteja com a coitadinha da Rosalia! ao menos ella não anda de faca e nem tem dentes de onça para morder a gente. Hei de ir vel-a, quer Jupyra queira, quer não. Se quizer ver, veja; se não quizer, não me ande espiando.

Fazendo estas reflexões Carlito entrava em casa de Rosalia muito ancho e senhor de si. Jupyra o vio; sem mais demora metteu no seio a sua faquinha prateada, e com os olhos em chamma e batendo os dentes como o javardo em furor sahio e correu para a casa de Genoveva. Era esta um pequeno rancho, cuja frente constava unicamente de uma sala com uma porta e uma janellinha. Nesta sala sentados em um banco se achavão Carlito e Rosalia, emquanto a mãe descuidada lavava roupa na fonte do quintal. Jupyra chegou subtilmente e sustendo a respiração para não ser presentida, avisinhou-se á janella e olhou para dentro. Enlaçados em um delicioso abraço os dous amantes beijavão-se em um beijo sem fim, e tal era o seu enlevo que não derão fé da chegadã de Jupyra. Esta mal deu com os olhos naquelle interessante espectaculo levou subitamente a mão ao

coração, como se o sentisse atravessado por uma facada, abafou um grito, e ficou por um momento hirta, pallida, immovel. Depois levou a mão ao seio e apalpou a faca, mas hesitou e abanando a cabeça:

— Não! não! — murmurou; — ainda não!... mais tarde.

E deitou a correr para casa. Lá foi dar desabafo á violencia da dôr e da raiva que a torturavam, e os mais atrozes planos de vingança lhe tumultuavão no espirito. Ter-lhe-ia sido facil matal-os a ambos, mas isso não a satisfazia. Queria fazer Carlito soffrer muito e por muito tempo dores horrorosos do corpo e da alma, insultal-o, esbofeteal-o, cuspir-lhe no rosto, antes que morresse, e depois apunhalar-se sobre o seu cadaver. Entregue a um turbilhão de idéas, que se atropellavão em seu espirito, indecisa, arquejante, louca, ora percorria a casa a passos precipitados, ora se debruçava sobre o leito arrancando soluços convulsos e chorando lagrimas de sangre.

Nesta terrivel agitação a veio achar Quirino, que entrava pela porta a dentro. Ao vel-a com as feições transtornadas, os olhos macerados e injectados de sangue, os seios offegantes, o olhar torvo e desvairado, Quirino recuou de espanto.

— Meu Deus! — exclamou elle, — o que lhe terá acontecido, que a vejo tão alterada!

— Ah! o senhor está ahi, moço...

— Desculpe-me, se está incommodada, eu vou-me embóra.

— Incommodada!... não... não estou; mas... estou com uma raiva... disse a cabocla encrespando os punhos, e trincando os dentes.

— Raiva?!... de quem?... será de mim, meu Deus!...

Jupyra não sabia occultar, nem disfarçar os tempestuosos transportes de sua alma ardente; sentia mesmo necessidade de desabafar a sua colera, e foi dizendo tudo sem rebuço nem preambulos.

— Do senhor?! não; — replicou a cabocla; — é de um atrevido, de um malvado, que me desfeiteou...

— Quem foi esse atrevido?... diga, diga já, que quero ir castigal-o neste instante...

A cabocla fitou em Quirino um olhar firme e penetrante, como quem queira devassar-lhe o fundo da alma, e perguntou-lhe:

— Moço!... o senhor me quer bem, mesmo como tantas vezes me tem dito!

— Ainda pergunta?!... não é possivel querer-se mais bem do que eu lhe quero.

— Pois bem! é chegada a occasião de mostrar, que é devéras que me quer bem.

— Sim, formosa Jupyra?... quer dar-me esse

gosto?... o que quer que eu faça?... falle... aqui estou ás suas ordens como o mais humilde de seus escravos!... disse Quirino pondo-se de joelhos aos pés da cabocla.

— Então está prompto a fazer o que eu mandar?...

— Prompto! prompto sempre, linda Jupyra; não ha impossivel a que não me arroje por seu amor.

— Jura?

— Juro.

— Pois bem; escute; o senhor conhece o Carlito, não conhece?

— Se o conheço!... muito; desde creança.

— Pois saiba que foi elle, quem se atreveu á desfeitear-me.

— Deveras!... o Carlito? aquelle fedelho, aquelle biltrezinho?... que atrevido!... vou já puxar-lhe as orelhas, e esfregal-o a cachações.

— Arrancar-lhe o coração, e beber-lhe o sangue é o que eu queria... mas escute, moço; eu preciso dizer-lhe toda a verdade; eu queria muito bem áquelle menino...

— Queria-lhe bem?... devéras, Jupyra?... ah!... por que razão não me fallou isso ha mais tempo?

Quirino soltou um gemido abafado.

— Como, se nem eu mesmo sabia? replicou-lhe a moça; — empreguei bem mal o meu amor... mas

não se afflija, moço ; se era grande o amor, maior é o odio que hoje lhe tenho. Tinha vontade de ver varado a facadas aquelle maldito e pisal-o debaixo dos pés... ah ! se eu pudesse virar-me em onça para estrafegal-o entre meus dentes e chupar-lhe todo o sangue do coração!... mas o senhor quer o meu amor ?... quer que eu seja para sempre sua ?...

— Ah ! não me pergunte ; para têl-a un só instante nos meus braços eu daria mil vidas, que tivesse.

— Não é preciso que perca a vida ; basta tiral-a a outro.

Quirino estremeceu e fez um gesto de horror ; espantava-o ver em tão terna idade aquella fria ferocidade e sêde de vingança.

— Tem medo, moço?... ah ! pensei que era homem...

— Medo eu ?... falle, Jupyra ; o que quer que eu faça ?

— Pois não me entende ?...

— Talvez não ; falle claro, disse o mancebo ainda duvidando do que estava ouvindo.

Jupyra tirou tranquillamente a faca que tinha no seio, e a apresentou a Quirino.

— Carlito me desfeiteou, me atraiçoou, e eu não tive e nem sei se terei animo de o matar... entretan-

to quero que elle morra. Sou uma fraca mulher; o pulso do homem é mais firme e certeiro. Não pode morrer por minha mão, vá ao menos a minha faca beber-lhe o sangue.

Quirino olhava espantado para a cabocla sem saber que responder-lhe.

— Não tem animo?... disse ella resolutamente; então adeus, moço; não me appareça mais aqui...

— Mas, Jupyra! — disse o mancebo hesitando — eu... não sei... matar uma pobre creança!... é uma barbaridade... oh! isso nunca!

— Ah!... é assim que me quer bem? que me importa!... se o senhor não tem animo, não faltará quem o mate, e elle ha de morrer mesmo, e eu nunca hei de ser sua.

— Nunca! ah! Jupyra! Jupyra! que palavra cruel! moça!... ah! não me ponha a perder... eu perco o juizo!

— Vae, ou não?...

— Jupyra!...

— Eu juro que hei de ser sua, sua para sempre, moço.

— Jupyra!...

— Hei de amal-o tanto, como odeio a Carlito.

— Jupyra! —... ai!.. eu perco a cabeça...

— Vá, vá; eu juro, que hei de ser sua; vá... e

tome este beijo em penhor de que hei de cumprir a minha palavra.

Jupyra enlaçou o braço ao collo do mancebo, e imprimio-lhe na boca seus labios nacarados e ardentes. Aquelle beijo, allucinou-o, exaltou até ao delirio a sua paixão ; foi como um philtro subtil e fatal, que coou-lhe até o mais intimo d'alma, e nella vasou todo o odio, ferocidade e sêde de vingança de que a cabocla se achava possuida, acabando com toda a sua indecisão.

— Dá-me, dá-me essa faca!... exclamou Quirino, e arrebatando a faca da mão de Jupyra sahiu precipitadamente.

CAPITULO IX

Na noite desse mesmo dia Quirino foi procurar Carlito e o convidou para uma pescaria em canôa no Rio-Verde na manhã do dia seguinte, que era um domingo. Carlito, que muito gostava desse genero de divertimento, no outro dia bem cedo já estava prompto á espera do companheiro, com seus anzoes preparados e algumas provisões de boca para passarem o dia no matto e sobre as agoas, Sahirão ambos; a manhã estava magnifica; os passarinhos fazião ouvir pelos pomares a mais festiva algazarra; o sino da capella repicava alegremente derramando echos sonoros por aquellas aprazi veis devezas.

O Rio-Verde coleando a travez dos vargedos, parecia uma luzente cobra de escamas de esmeralda, espreguiçando-se á luz do sol formoso das solidões. Pelas diversas veredas da collina vião-se diversos grupos de familias camponezas com seus vestidos do-

mingueiros de garridas côres, encaminhando-se para o seminario para ouvirem as missas e as praticas dos padres santos, que assim chamava a gente do sertão aos padres da congregação.

Carlito sentia o coração pular-lhe no peito cheio de vida, animação e alegria. Tinha acabado de assistir á missa matinal, onde estivera extasiado a contemplar e a trocar olhares expressivos com a meiga e formosa Rosalia, e só essa lembrança era como um perfume, que o embevecia nas mais suaves emoções.

Não assim Quirino, que com o espirito turbado por sombrios e sinistros pensamentos parecia um reprobo, que traz na fronte o sello da condemnação eterna, e debalde se esforçava por occultar a angustiosa agitação de sua alma. Encaminhavão-se rio acima para um bonito logar, chamado Olaria, onde o rio depois de atravessar em carreira pressurosa os mais risonhos chapadões, reflectindo á flôr do campo todo o esplendor daquelle ceo deslumbrante, como para descançar de suas correrias pelas campinas vem espreguiçar-me sereno em um extenso e profundo remanso, á sombra de duas alas de frondentes e viçosos capões.

Chegados á beira do rio os dous pescadores desprendêrão uma pequena canôa, que alli estava amarrada com um cipó a um tronco da margem. Quirino

tomou na praia uma grande e pesada pedra, e a collocou dentro da canôa.

— Para que essa pedra? — perguntou Carlito.

— Esta canôinha é muito doida, Carlito; esta pedra é para fazel-a calar mais um pouco n'agoa, e não virar com a gente.

Soltárão a canôa e a tangêrão rio abaixo pelo remanso de que fallámos. Carlito preparou o seu anzol e o lançou n'agoa. Estava em pé no meio da canôa, com a vara em punho e os olhos fitos no rio. Por detraz delle Quirino assentado á popa manejava o remo. Quem os visse então, havia de notar o extremo antagonismo, que havia na expressão daquellas duas physionumias. Carlito com olhar tranquillo, que revelava a placidez de sua alma táo serena como a torrente mansa sobre que resvalava, tinha a attenção presa aos movimentos da linha de seu anzol, e um meio sorriso como de uma satisfação intima lhe pairava pelos labios. Quirino com os olhos torvos e espantados olhava com inquietação ora para uma ora para outra margem; ora apalpava a faca e fitava olhar sinistro e desvairado sobre o adolescente que estava diante delle, ora deixava por instantes cahir a fronte sobre o peito em profundo e sombrio abatimento. Seu espirito debatia-se entre os estertores da mais violenta e angustiosa luta.

Aquelle mocinho tão novo, tão esbelto e garboso, com a alma tão serena, tão cheia de risonhas visões e doces sonhos de esperança; aquella creança descuidosa, que nenhum mal lhe fizera, que a elle se abandonava com tão sincera e ingenua confiança, ter de cahir victima do seu punhal, ir servir de pasto a esses mesmos peixes que procurava attrahir ao seu anzol, e com que esperava regalar-se!... O coração do mancebo fraqueava, e tinha impetos de arrojar ao rio a faca que lhe dera Jupyra, e dizer ao seu companheiro : — fujamos; Carlito, fujamos; um grande perigo aqui nos ameaça!

Mas para logo surgia ante o seu espirito a linda e voluptuosa imagem de Jupyra, que como o anjo do mal conjurava todos aquelles escrupulosos impulsos.

O beijo de fogo, que lhe dera, ardia-lhe ainda nos labios, e lhe fervia no coração como um philtro peçonhento que lhe queimava o sangue, e lhe escaldava o cerebro em delirios de volupia. — Oh! pensava elle ainda contemplando com olhos cheios de inveja e de ciume as esbeltas e bem talhadas formas e o encantador semblante do imberbe adolescente; — oh! este menino!... este menino!... e ella o amava!... por mais que diga que o odeia, esse odio não pode durar muito... e no fim de contas, se eu o poupar... quem sabe... será elle o feliz amante, que

ha de vir a gosar de todos aquelles mimos, que eu ha tanto tempo cobiço com todo o ardor de minha alma !... oh ! não ? mil vezes não ! já agora, Jupyra, ainda que te arrependas mil vezes, ainda que venhas me pedir de joelhos por elle, tem de morrer ! é preciso absolutamente, que eu te livre a ti e a mim desse rapazinho, que estorva a nossa felicidade... eia ! animo !... antes que se arrependa...

E a canôa vinha suavemente resvalando á mercê da torrente serena ; Carlito com semblante placido e risonho, em pé com a vara na mão, reflectindo na agoa limpida do rio os contornos de sua gentil figura, scismava nos sorrisos e beijos de Rosalia, á espera que o peixe lhe viesse morder no anzol, e por detraz delle hirto, medonho, sombrio, o vulto de Quirino com a faca em punho se ia erguendo sinistra e vagarosamente.

CAPITULO X

Jupyra passára a noite entre penosas insomnias e sonhos pavorosos, entregue á mais horrivel agitação. Apenas adormecia via a figura de Quirino com os olhos torvos e abrazados, hirtos os cabellos, e nos labios um feroz sorriso de triumpho, com as mãos e o punhal banhados no sangue de Carlito, vir correndo a ella pedir-lhe o cumprimento de suas promessas. Outras vezes era Carlito que lhe apparecia pallido, triste, abatido, com um punhal cravado no coração, e que com voz dorida vinha acabrunhal-a com o pezo de maldições e terriveis imprecações. Mil outras hediondas visões se atropellavão em seu espirito, e os remorsos torturavão-lhe o coração.

Mal despontou a primeira barra do dia que ella anciosamente esperava, ergueu-se e quiz sahir; mas seu páe tinha o costume de guardar cuidadosamente todas as chaves das portas de fóra, e foi-lhe forçoso es-

perar na mais angustiosa impaciencia, que despertasse e se levantasse. Apenas pôde sahir, foi direita correndo á casa, onde Quirino costumava hospedar-se. Já não estava em casa ; soube que tinha sahido ao romper do dia.

— Ai de mim ! — disse ella na mais extrema afflicção ; — Deus sabe o que terá acontecido... meu Deus !... meu Deus !... será já tarde !

Dalli correu immediatamente ao seminario, onde Carlito morava. Um criado disse que tinha sahido muito cedo, e que não sabia para onde tinha ido.

— Ai ! meu Deus ! meu Deus ! que será delle !... desgraçada de mim ! — sahiu a menina exclamando na maior consternação, e dalli se foi sempre a correr a casa de Genoveva. Esta e sua filha acabavão de chegar da missa, e perguntando-lhes Jupyra se não tinham visto Carlito.

— Esteve comnosco ainda agora, lhe disserão na missa da mudrugada e nos disse que dalli ia para o Rio-Verde passar o dia e pescar com o Sr Quirino, que estava junto com elle.

Com esta noticia a afflicção e angustia da rapariga subirão ao ultimo ponto, cobriu-se de pallidez mortal, cambaleou, e foi preciso encostar-se á parede para não ir ao chão.

— Para que banda forão elles, perguntou ella

ainda com ar tão inquieto e perturbado, que surprehendeu as duas mulheres.

— Forão para a banda da Olaria, — respondeu Genoveva; — mas o que tens, minha filha, que estás tão assustada?... aconteceu alguma cousa?...

Sem nada responder, com grande espanto das duas mulheres, Jupyra de um salto pôz-se da parte de fóra, e lá se foi a correr para o lado da Olaria, que distava dalli quasi meia legoa.

Dirigiu-se para o remanso, onde esperava encontral-os, penetrou pela estreita ouréla de matto que bordeja o rio naquella paragem, e chegou á borda esbaforida, desgrenhada e torva como uma onça mal ferida. Lançou os olhos pelo rio acima, e viu a canôa boiando serena pela torrente abaixo, em meio della Carlito em pé com seu anzol na mão pescando tranquillamente, e por detraz delle Quirino com a faca alçada... Subita vertigem cobriu-lhe os olhos de uma nuvem côr de sangue, e antes que ella podesse soltar um grito, a faca tinha descido tres vezes sobre as costas da infeliz victima, que sem soltar um ai cahiu de bruços no fundo da canôa golfando sangue aos borbotões.

Atravez de caligem que lhe turvava os olhos, Jupyra viu aquella horrivel scena como em um pezadello, bateu palmas, e deu um grito, antes um uivo

horroroso, com os braços em tremor convulsivo estendidos para o ceo.

Quirino assustado olhou rapidamente para aquelle lado; mas depois que reconheceu Jupyra:

— Está satisfeita? — bradou de longe mostrando a faca ensanguentada, e apontando para o fundo da canôa, onde jazia o cadaver de Carlito estrebuchando e vomitando sangue.

— Bravo! bravo!... muito bem! gritou a cabocla com um sorriso de infernal ironia. — Agora venha! venha depressa receber o premio...

— Espera lá ainda, minha Jupyra; preciso dar sepultura a este desgraçado...

Fallando assim, Quirino desatava da cintura uma forte e comprida cinta de duas voltas, que trazia de proposito destinada a atar ao pescoço de Carlito a pedra, que puzera na canôa, e atiral-o ao fundo do rio.

— Ainda não, moço!... espera... traze-o cá... quero vêl-o ainda uma vez... coitado... era tão bonitinho!...

Quirino ainda que um tanto receioso de qualquer fatal contingencia, não ousou replicar-lhe; aquella mulher exercia um ascendente irresistivel sobre aquelles que a amavão; — Quirino tocou a canôo para a margem.

Jupyra contemplou muda por alguns instantes o cadaver de seu infeliz amante com os braços cruzados, os olhos em braza, engolindo lagrimas e soluços, que ninguem poderia dizer se erão de furor ou de angustia, de dó ou de terror, de remorso ou de desesperação, porque era de tudo ao mesmo tempo.

— Está satisfeita commigo? perguntou o mancebo olhando para ella com terror e desconfiança.

— Oh! muito! muito! — respondeu-lhe com um sorriso satanico, — agora póde entregar-me a minha faca.

Quirino assombrado restituiu-lhe a faca ensanguentada.

— Bem! podemos agora dar sepultura a este pobrezinho, disse apontando para o meio do rio, e entrando para a canôa.

Quirino tangeu-a para o meio do rio.

— Olha, moço! continuou ella com os olhos fitos no cadaver; — não era tão lindo o meu Carlito!... oh! muito!... muito lindo!... quero dar-lhe ainda um beijo... não tenha ciumes, moço... é um derradeiro adeus.

Jupyra abaixou-se sobre o cadaver que estava de bruços affogado em sangue, voltou-o de costas, e cobriu-lhe os labios e as faces de ardentes e repetidos

beijos. Transido de assombro e de terror, Quirino contemplava aquella scena.

Quando ella levantou-se com os labios, as faces e o collo manchados no sangue de Carlito, estava hedionda!... Quirino horrorisado estava quasi a lançar-se ao rio. Mas ella immediatamente ameigando a voz, e abrindo-lhe os braços :

— Agora sou tua, — disse, — abraça-me!

Quirino arrojou-se aos braços della com o phrenesi de uma paixão louca, que o levára a praticar o mais vil e hediondo assassinato. Mas ao mesmo tempo que a ia apertando contra o peito, a faca de Jupyra lhe ia atravessando o coração, e nas vascas da morte elle ouvia uma voz rouca e sinistra rosnar-lhe ao ouvido estas palavras :

— Morre tambem, vil matador! eu não te quero...

Dous dias depois encoutrou-se boiando, já a uma legua de distancia, uma canôa sem ninguem que a governasse, mas tripolada por uma multidão de urubús, que disputavão entre si os restos de dous cadaveres.

Quanto a Jupyra sumiu-se, e nunca mais se soube ao certo o que foi feito della.

Passados tempos uns caçadores encontrárão em uma grota no seio de uma matta profunda o esqueleto de uma mulher pendurado a uma arvore por um cipó. Presume-se com muita probabilidade que era Jupyra, que se havia enforcado.

FIM

INDICE

FIM DO INDICE